

# Defesa Nacional

3396



DE JANEIRO

9 4 2

NÚMERO

3 3 2

Diretores responsáveis:

Gen. Heitor Borges  
Ten. Cel. Lima Figueirêdo  
Maj. Batista Gonçalves

# A DEFESA NACIONAL

Fundada em 10 de Outubro de 1913

Ano XXIX

Brasil — Rio de Janeiro, 10 de Janeiro de 1942

N.º 332

## SUMÁRIO

	Pags.
Editorial .....	3
Unidades Blindadas no caminho da vitória — Cel. Henrique B. D. Teixeira Lott .....	7
A formação de sargentos de infantaria — Ten.-Cel. Alcindo Nunes Pereira .....	13
Ataque partido das nuvens na batalha de Creta — Ten.-Cel. Armando Pereira Vasconcelos .....	17
A verdadeira história da batalha de Flandres — Cap. Candal Fonseca .....	39
Notas de tática aérea — Ten.-Cel. Nilo Guerreiro ..	47
Pelotão de Tank versus Pelotão de Tank — Tradução do Major Adalberto Pereira dos Santos .....	57
A ligação Artilharia-Carros — Cap. Antônio H. A. Morais .....	67
A condição militar alemã e o valor do soldado alemão — Dr. Däniker .....	77
Metade do mundo cairia nas mãos dos japoneses com Singapura — Tradução de Vitor José Lima ..	111
Defesa contra aeronaves — Cap. José Campos de Aragão .....	115
Tabelas de tiro — Ten.-Cel. R. Seidl .....	129
Livros do Exército — 1. Ten. Umberto Peregrino ..	137
Noticiários & Legislação .....	143



# INDUSTRIAS REUNIDAS F. MATARAZZO

FUNDADA EM 1881

## MAIOR ORGANIZAÇÃO INDUSTRIAL DA AMERICA LATINA



### SOCIEDADES SUBSIDIARIAS

• Industrias Matarazzo do Paraná Soc.  
Paulista de Navegação Matarazzo Ltda. •  
Fazenda Amalia-Conde Francisco Matarazzo  
Junior • Armazens Geraes Matarazzo •  
S/A Les Parfums de Chimène • S/A Indus-  
trias de Seda Nacional • S/A Tecelagem de  
Seda Italo-Brasileira •

Moinhos de trigo, frigoríficos, fabricas  
de oleos: de caroço de algodão,  
gergelim, coco, linhaça, ricino; refi-  
narias de sal, banhas, açúcar, com-  
posto Paulista; fabricas de velas,  
sabões, sabonetes, perfumes e cos-  
meticos; giz, pregos, produtos quimi-  
cos, gasolina, kerozene e oleo cru,  
louça e azulejos, amido e dextrina  
de mandioca; conservas citricas;  
papel, papelão; fiação, tecelagem,  
finturaria e estamparia de seda,  
raion e algodão; oficina mecanica  
e fundição.

### POTENCIALIDADE

ocupada pelas fabricas 1 milhão de m²  
rios 20.000  
narios 1.200  
600  
matriz 30.000 H. P.  
no mensal de energia  
de 8 a 10.000.000 Kw. H.  
de caldeiras instaladas 12.000 m²

Material Ferroviário  
10 locomotivas e 146 vagões  
Teares 5.000  
Fusos 150.000  
Produção de tecidos de seda, raion e algodão  
50.000.000 de metros por ano  
Mercadorias transportadas em caminhões  
próprios 300.000.000 de Kgs. por ano

Predio Conde Matarazzo: Praça do Patriarcha - Fone, 3-5151 — S. PAULO

# Laminação Nacional de Metais S. A.

**Fundador: Julio Pignatari**

Escritório Central

Rua Dr. FALCÃO FILHO, 56-7.º andar - S. PAULO  
Edifício «CONDE MATARAZZO»

CAIXA POSTAL, 841.  
Telegramas «LAMINADOR»  
FONE 3-5141 (Rêde interna)

Codigos: Borges, Ribeiro  
Liebers, Mascóte, 1.a e 2.a  
EDIÇÃO RUDOLF MOSSE

Laminação e trafilaria de aluminio, cobre, latão, alpaca, níquel, prata, ouro e suas ligas.

Chapas, discos, rolos, cantoneiras, meia-cana, fios, rebites de aluminio, cobre, latão, alpaca, estanho, chumbo, etc., para todas as industrias metalurgicas.

Papeis de aluminio, estanho, chumbo e chumbo estanhado para cigarros, bombons, queijos, salames, produtos quimicos e qualquer acondicionamento de luxo.

Instalações modernas para fabricação de pós de aluminio bronze (purpurinas) de todas as cores e para todos os fins. Pós pirotécnicos e outros pós metalicos.

Possante prensa hidráulica para fabricação de tubos (canos), vergalhões, barras e perfilados de todos os metais, em qualquer formato ou feitio.

Representantes no RIO :

**EMILIO POLTO & CIA. LTDA.**

Rua General Camara, 60

Telefone 23-5299





# I N D A N T H R E N

Tem-se applicado para tingir o BRIM VERDE  
OLIVA, a tricolore cinzenta, a MESCLA e as LO-  
NAS. para o uso do EXERCITO E MARINHA  
Os corantes

# I N D A N T H R E N

— As cores dos tecidos tintos com —

# I N D A N T H R E N

Satisfazem plenamente as condições de solidez e  
resistencia exigidas pelos Ministerios da Guerra e  
— — — — — Marinha — — — — —



**GILLETTE AZUL**  
a melhor lâmina  
até hoje fabricada

BARBELINO  
AFFIRMA!

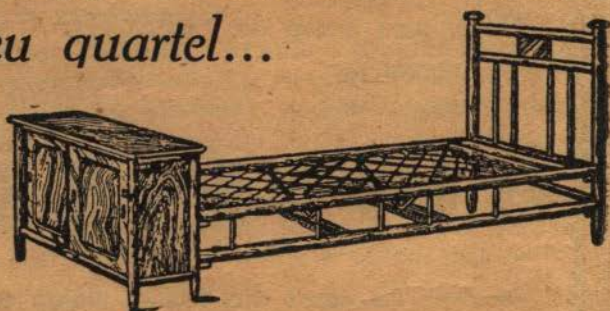
# Gillette

C-10

*Para o seu quartel...*

Prefira

a



## CAMA PATENTE

LEGITIMA SÓ COM A *faixa azul!*

### L. LISCIO & CIA.



### CAMA PATENTE

RIO — RUA FIGUEIRA DE MELO, 307 — SÃO CRISTOVAM

RIO — Loja: Rua 7 de Setembro, 177  
S. PAULO — Rua Rodolfo Miranda, 97  
B. HORIZONTE — Rua Espírito Santo, 310  
Pelotas — Rua 15 de Novembro, 626  
Porto Alegre — Rua dos Andradas, 1.205

BAÍA — Praça Tupinambá, 3  
RECIFE — Rua Dr. José Mariano, 228  
RECIFE — Loja: Rua da Imperatriz, 118  
Fortaleza — Rua Floriano Peixoto, 794  
Belém — Pará — Rua Sen. Barata, 138



# THE CALORIC COMPANY

MATRIS-RIO DE JANEIRO  
AV. PRESIDENTE WILSON, 118 - 4º ANDAR  
TEL. 22-5133

**ÓLEO**  
**COMBUSTIVEL**

Para Indústrias  
e Navegação



**ÓLEO**  
**DIESEL**  
Para Motores  
e Tratores

**ÓLEOS LUBRIFICANTES**  
DEPÓSITOS:

Rio, S. Paulo, Santos, Cde do Salvador, Recife e Belém  
REPRESENTANTES EM TODAS AS CIDADES DO PAÍS

## Gusmão, Dourado & Baldassini Ltda.

Engenheiros Civis  
Arquitetos — Construtores

Telegramas: A GUSDOBAL

Telefones 42-1254 -- 22-3627

Av. Graça Aranha, 40-4.º And.

RIO DE JANEIRO

# EXPERIMENTE ESTE

**AQUI ESTÃO OS FACTOS -**  
da sensacional PROVA DE FLORIDA!

- 1 - MENOS DESGASTE NOS PISTÕES!** Apenas 10% do normal. (O desgaste foi 0,0006 de pollegada, comparado com o desgaste normal de 0,006 de pollegada).
- 2 - MENOS DESGASTE NOS CYLINDROS!** Apenas 7% do normal. (O desgaste foi de 0,0008 de pollegada, comparado com o desgaste normal de 0,011 de pollegada).
- 3 - MENOR ABERTURA NOS ANEIS!** Apenas 14%! A abertura foi

de 0,017 de pollegada, comparada com a abertura normal de 0,12 de pollegada.

**4 - MAIOR ESTABILIDADE QUÍMICA** — não forma resíduos no carter.

**5 - MAIOR DURAÇÃO.** Depois de 160.000 kms. o consumo de óleo foi de sómente 1 litro para cada 1.300 kms.

**6 - UMA PELLÍCULA 4 VEZES MAIS RESISTENTE** que se conservava sempre uniforme e constante.

## Atlantic MOTOR OIL



# NOVO OLE

## MUITO MAIS RESISTENTE

Feito por um processo novo de fabricação, o novo Atlantic Motor Oil tem todos os requisitos exigidos pelos motores de Veja os resultados constatados nos dos motores que fizeram a prova de FLORIDA — na qual 9 carros rodaram 1.600.000 durante mais de 100 dias seguidos, usando o novo Atlantic Motor Oil.

## Société de Sucreries Brésiliennes

### USINAS DE:

Estado de São Paulo: Piracicaba, Vila Raffard, Porto Feliz  
Est. do Rio (Campos): Cupim, Paraíso

Escritório Central:

**SÃO PAULO**

Rua Barão Itapetininga n. 88-9.º

Telefone 4-4166

Escritório:

**RIO DE JANEIRO**

Rua São Pedro n. 23-4.º

Telefone 23-2481

**FABRICAÇÃO DE AÇUCAR DE TODAS AS QUALIDADES  
REFINARIAS EM SÃO PAULO**

**ALCOOIS INDUSTRIAIS E ANIDRO**

Pioneira na fabricação de álcool anidro, pela entrega dos primeiros 100.000 litros que figuram na estatística, no ano de 1933 e proveniente da USINA PIRACICABA



# Pela Primeira Vez o REPORTER ESSO

Transmite-lhe algo  
que não é novo:

er Esso é irradiado diariamente, exceto aos do-  
través da Rádio Nacional do Rio (980 kcls.) e da  
ord de S. Paulo (1000 kcls.), às 8 hs.-12,55-19,55 e 22,55



*Os cumprimentos da  
organização* **Esso**

**F**IEL, desde o primeiro dia, ao seu lema de  
ser "o primeiro a dar as últimas", o

Reporter Esso abre uma exceção nas suas  
atividades. E, assim, aqui vem apresentar a todos  
os automobilistas, fregueses e amigos, os cumprimen-  
tos e votos de Boas-Festas e Feliz Ano Novo,  
em nome da Organização Esso, distribuidora dos fa-  
mosos produtos Esso os melhores  
produtos para automobilismo.

**DARD OIL COMPANY OF BRAZIL**





AGORA  
tenho o prazer de  
apresentar a  
CERVEJA

**PATRICIA**

A NOVA DELICIA!





# CATGUT SELECTA

## — ESPECIAL —

é o CATGUT NACIONAL que se impõe em todo Brasil  
pelas suas qualidades excepcionais.  
A ESTERILIDADE é garantida pelo nosso processo da  
**ESTERILISAÇÃO A' CALOR**

tendo também ótima RESISTENCIA e uma ABSORÇÃO  
normal

### CATGUT SELECTA Ltda.

AV. HENRIQUE VALADARES, 144-A

— RIO DE JANEIRO —

### BRASILEIRA do CATETE

MOBILIÁRIOS CLÁSSICOS E  
MODERNOS

AMÉRICO MARTINS CARDOSO

LOJA: RUA DO CATETE, 88-90 - TEL. 25-3329

FABRICA: RUA BARÃO DE SÃO FELIX, 161.

TEL. 43-5359 — RIO DE JANEIRO



### JOALHERIA QUEIROZ

Jóias, brilhantes e relógios de ocasião - Especialista em reforma  
de jóias - Oficinas próprias dirigidas pelo competente joalheiro

**ROSALINO DE QUEIROZ**

Concerta-se Jóias e Relógios - Trabalhos Garantidos por Preços Ra-  
coveáveis — Vende-se e troca-se Jóias de Ocasião - Preços baratíssimos  
RUA VISCONDE DO RIO BRANCO, 23 - Tel. 42-5527 - RIO

## "Laboratório de Industrias Químicas Vegetais Angelica"

Sob a direção técnica e científica do  
**PROF. DR. MARIO MAGALHÃES**

Fornece fórmulas para a fabricação de qualquer produto químico primo ou composto.

Análises químicas, qualitativas e quantitativas: Exames

Microscópicos Espectroscópicos e Crioscópicos

Estudos em torno dos processos químicos industriais —

Projetos para instalações de industrias químicas e organizações de laboratórios escolares. Distilação de madeira



**PARATI — ESTADO DO RIO DE JANEIRO**

Solar Angélica — Rua Dona Geralda n.º 31



## CASA CARIOCA

VIDROS, ESPELHOS E MOLDURAS — ARTEFATOS  
DE GALALITE

**Coelho, Almeida & Cia. Ltda.**

RUA REGENTE FEIJÓ, 78 - Tel. 43-3375 — RIO DE JANEIRO



A DEFESA

NACIONAL

REVISTA  
DE ASSUNTOS  
MILITARES

NO XXIX

TOMO 1

1942

## Editorial

Pela segunda vez comemorou-se no Brasil o "Dia do Reservista", instituído por decreto de 26 de dezembro de 1939.

A data foi escolhida em homenagem a Olavo Bilac, o inspirado e nobre poeta, que se fez apóstolo do Serviço Militar.

A sua campanha sincera, entusiástica e vitoriosa, constitui uma página de honra na história da grande e generosa alma brasileira.

Atravessámos uma quadra perigosa, caracterizada por um pacifismo incondicional, sistemático, ultrapassando destemperadamente aquilo que corresponde à índole e ao destino histórico da nossa gente. Era um pacifismo a qualquer preço, sem dignidade, sem grandeza, dentro do qual não haveria lugar para nenhuma sorte de reação, para nenhum movimento de defesa. Podia-se dizer que estava sufocada a visibilidade nacional, porque só predominavam as fórmulas depressivas. O Exército procurava subjugar esse estado de coisas, mas a intriga tolhia-lhe a ação. O seu formidável trabalho de soerguimento apontava-se como disfarce de intenções políticas, de vez que o Exército era acoimado de pretender apossar-se das instituições civis.

Dentro desse triste e áspero quadro é que se situa a campanha de Olavo Bilac. Ele iria, com a sua pala-



vra incendiada, com as suas advertências lúcidas e corajosas, com a sua autoridade de intelectual, com o prestígio da sua popularidade, possibilitar a execução da Lei do Serviço Militar. O que foi a esplendida cruzada cívica do poeta, o que se conseguiu com ela, está no conhecimento e na lembrança de todos nós.

O Governo elegendo a data do nascimento de Olavo Bilac para DIA DO RESERVISTA brasileiro não podia ser mais justo. E o Exército de hoje resolveu homenagear o nome do seu grande amigo de uma maneira muito feliz, ao mesmo tempo objetiva e simbólica — convoca todos os reservistas de todo o Brasil para um encontro rápido, em pequenos postos especiais, onde apresentam os seus certificados.

O poeta assistiria comovido a essa prodigiosa parada do dia do seu aniversário.

Os reservistas brasileiros, empunhando os seus certificados cada ano, no dia 16 de dezembro, recordarão os meses vividos na caserna e sentirão, por outro lado, a presença dos seus deveres militares.

Quanto ao Exército, tem agora oportunidade de controlar materialmente as suas reservas dispersas num imenso território.

\* \* \*

Tudo isso representa muito e corresponde a um extraordinário esforço, mas, em verdade, ainda está muito

aquem do que precisamos realizar, com urgência, no tocante ao nosso aparelhamento humano para a guerra.

As reservas puramente quantitativas já não são suficientes. A guerra moderna, repleta de solicitações a todas as técnicas, requer homens especialmente preparados para fazê-la.

Essas exigências se tornam, sem dúvida, ainda mais sensíveis para os países do tipo do nosso, em que o nível geral do homem não é elevado. O povos fortemente industrializados, alfabetizados em larga escala, e que desfrutam condições de vida uniformes, podem considerar-se naturalmente aptos para a guerra técnica. Sua mobilização humana será muito mais folgada e mais pronta, porque os especialistas estarão por toda a parte — feitos, ativos, em pleno rendimento. Já os povos fora desse quadro terão o problema aberto em todos os dados. Não se tratará para eles apenas de catalogar uns especialistas, adaptar outros, mas de forjá-los um a um, continuamente, partindo do nada.

Quanto a nós, não cabe aqui, absolutamente, apreciar o estado atual das nossas reservas, contudo uma observação se impõe até pela sua evidência e pelo seu caráter geral: o momento é das reservas qualitativas.

Pensem, sobretudo, nos pequenos quadros e nos especialistas. O soldado comum, este é o homem comum, não nos escasseará nunca.

\* \* \*



Invoquemos ainda Bilac. As suas palavras não foram sómente dirigidas aos civís desfazendo-lhes as incompreensões, despertando-lhes o sentimento patriótico, aproximando-os do Exército. Não, muito do que disse o poeta está para todos nós, ainda hoje, sobretudo hoje. São advertências assim fortes e verdadeiras: "Há na alma do povo brasileiro, como em certos trechos do oceano misterioso, bancos traidores, baixios insidiosos, areias fugitivas e assassinas, correntes desencontradas e esmagadoras; são essa falta de unidade de pátria, esta ausência do sentimento da comunhão, esta escassez da nossa instrução, esta penúria do nosso armamento bélico e moral, esta miséria da nossa coesão e da nossa disciplina".

Mas nenhuma tão oportuna como a contida nesta interrogação que devera estar viva, permanentemente viva no espírito de cada brasileiro: "E podemos acreditar que o Brasil, este imenso país de solo fértil e ricas entranhas, ainda despovoado e desarmado, fique sempre, graças ao acaso, ou ao benefício da Providência Divina, imune de qualquer investida da ambição ou da necessidade comercial?"







Uma idéia dos cadetes de ontem, hoje concretizada.





A primeira Comissão Central do Monumento aos Heróis  
da Laguna e de Dourados



# UNIDADES BLINDADAS NO CAMINHO DA VITÓRIA

(Tradução de um artigo do **Coronel-General GUDERIAN**)

**Cel. Henrique B. D. Teixeira Lott**

Em todas as épocas, as estradas exerceram, nas operações de guerra, uma maior influência que qualquer outra obra human e hoje, mais do que nunca, o movimento de grandes exércitos depende de boas estradas. A necessidade de tais estradas aumenta na razão direta das dificuldades oferecidas pelo terreno montanhoso, pantanoso, arenoso ou matoso a ser atravessado.

As pontes representam um papel de uma particular importância na construção de modernas rodovias, dado o crescente aumento da tonelagem dos veículos.

Os grandes estadistas e generais procuraram resolver o problema rodoviário e ainda hoje nos sentimos maravilhados em presença das estradas construídas por Napoleão e pelos Romanos. As modernas rodovias alemãs com seus numerosos melhoramentos apresentam, sob o ponto de vista militar, uma importância análoga. Os comandantes de unidades motorizadas e mecanizadas são naturalmente os mais interessados pelas nossas estradas. É uma grande satisfação marchar-se com tais unidades através da velha Alemanha e constatar que se pode conservar grandes velocidades com um mínimo de acidentes e sem fadiga para os homens ou desgaste pronunciado para o material. Não temos problemas de tráfego consequentes de movimentos concomitantes de veículos no mesmo sentido ou em sentidos contrários. As facilidades de tráfego das rodovias alemãs foram verificadas durante a marcha sobre



VIENA e as operações contra a TCHECO-SLOVAQUIA, POLONIA e as potências ocidentais.

Ao longo de nossas rodovias principais, a rede de estradas é tão bem traçada e apresenta malhas tão estreitas que os movimentos de nossas unidades blindadas não encontrou quaisquer dificuldades. As lacunas que sempre existem na rede de estradas nas zonas fronteiriças foram preenchidas, em regra, por uma eficiente colaboração do serviço do trabalho e dos leais habitantes dessas zonas. Com seu auxilio, foram construídas pontes resistentes e seguras. Porém, do outro lado da fronteira, o quadro mudava completamente. Previsões a esses respeito conduziam às mais temerosas apreensões, especialmente no que concernia ao movimento das unidades blindadas..

“A Oeste”, alguns diziam, “conseguireis certamente passar com vossos carros de combate, porque lá existem boas estradas, mas a Leste sereis fatalmente imobilizados: as estradas arenosas, os pantanos e as pontes de madeira polonesas são obstáculos intransponíveis”.

Apezar disso, atravessamos a POLONIA em todas as direções.

“Oh sim”, diziam outros, “tivesteis tão bom tempo e um adversário tão ineficiente que naturalmente tudo correu bem, mas, a Oeste será diferente, não podereis atravessar as montanhas EIFEL e a floresta das ARDENAS, ou o rio MOSA e a floresta das ARDENAS, ou os VOSGES”.

Estes problemas foram também por nós sucessivamente abordados e é de toda utilidade lançar um golpe de vista sobre os processos empregados para resolvê-los.

Em virtude de suas características militares, os veículos automoveis alemães em geral — e particularmente os veículos sobre lagartas — deixaram de ser ligados às estradas; eles podem circular sobre qualquer trilha que se pareça com uma estrada. Com bom tempo e em solo resistente, eles apre-



sentam uma notável capacidade de movimento através do terreno. Esse resultado foi alcançado por meio de uma laboriosa cooperação, continuada durante um período de muitos anos, entre especialistas em questões militares e industriais, particularmente em moto-técnica. Não devemos nos esquecer da excelente instrução de nossos motoristas, nem do trabalho exemplar na retaguarda das linhas de frente, de nossas unidades de conservação, reparação e de reaprovisionamento. Todas essas organizações executaram prontas reparações e anteciparam quaisquer necessidades de combustível e dos outros vitais aprovisionamentos. Finalmente nossas unidades blindadas tinham à sua disposição pioneiros que, pelo restabelecimento em tempos records, de estradas e pontes destruídas, permitiram a execução dos sagazes planos do nosso Alto Comando, a despeito de desagradáveis dificuldades técnicas.

Nossos adversários, tanto a Leste como a Oeste, demonstraram uma notável habilidade em destruições.

Tomemos, por exemplo, nossa penetração no corredor polonês nas vizinhanças de KONITZ e mais par o sul próximo de SCHWETZ-GRANDEWZ. O rio BRAHE, profundo e com margens pantanosas, corre na direção Norte através do corredor e as florestas de ambos os lados do rio se estendem para Leste até o TUCHELER HEIDE (charneca de TUCHEL)

Desde que era de se prever que todas as pontes seriam destruídas pelos polacos quando desencadeassemos o ataque, esperavamos encontrar forte resistencia ao longo das estradas principais, porem tinhamos a esperança de que, por meio duma brusca incursão ao longo de um caminho florestal que não estava fortificado, poderíamos conquistar uma ponte de madeira de 16 toneladas que os polacos haviam recentemente construído. De acordo com esse plano, lançamos uma divisão blindada (Panzer Division) com essa missão.

Seus carros de combate mais avançados conseguiram tomar a ponte aos defensores que não haviam previsto o apa-



recimento de forças importantes nessa direção. Se bem que a ponte já estivesse em chamas, pudemos extinguir o fogo. Duas divisões marcharam dia e noite, por essa ponte e a miserável estrada arenosa situada além, para cortar o corredor e aniquilar as tropas polacas nêles apanhadas. Em vista do espirito ofensivo que animava nossas tropas e das ameaças de engarrafamento causadas pelo aumento progressivo dos sulcos cavados pelas rodas, não é para se admirar de que muitos chefes tiveram de gritar até ficar roucos, para conseguirem manter a ordem. Porém o conseguiram. Poucos dias depois, arremessamo-nos através da Prússia Oriental em boas rodovias alemãs e combatemos pela posse da já demolida passagem do NAREW em WIZNA entre LOMSHA e OSSOWIEC. Depois de termos atravessado a fronteira alemã não havia mais estradas alcatroadas e encontramos um horrível pó. Ainda mais, todas as pontes estavam demolidas e a areia chegava à altura dos joelhos nas proximidade da passagem. Tres divisões em coluna, atravessaram o rio em 48 horas. Marchando em tres colunas de frente e quasi sempre em péssimas estradas arenosas, continuamos para o sul até BREST-LITOWSK, onde oficiais polacos que aprisionamos perguntaram se eramos paraquedistas. Não podiam compreender como tinhamos podido avançar tão rapidamente!

A Este as operações começaram com a remoção de barricadas que tinham sido construídas justamente através da fronteira alemã. Essas barricadas eram constituídas por muros reforçados de concreto, mais altos que um homem, e à sua retaguarda existiam crateras de granadas tão profundas que foram sem exito todas as tentativas de aterrjá-las. Foi necessario construir caminhos contornantes. Muitos retardos causados pela resistência adversa foram prontamente reduzidos pela ação de nossos carros de combate e por marchas noturnas. Depois que alcançamos o MOSA em SEDAN, as destruições tornaram-se menores e menos numerosas. Provavel-

mente não nos esperavam tão cedo, por isso foi-nos possível avançar muito mais rapidamente nas boas estradas francesas que na POLONIA. A 20 de maio havíamos tomado AMIENS e ABBEVILLE; a 25 de maio alcançamos CALAIS.

Dos portos do canal contramarchamos para o AISNE, em cumprimento de novas missões que nos conduziriam, pelo caminho de CHALONS-sur-MARNE, LANGRES e BESANÇON, até a fronteira suíça em PORTARLIER, a BELFORT e EPINAL e finalmente até os VOSGES. No começo dessa ofensiva, defrontamos as dificuldades de travessia do rio AISNE e do AISNE CANAL. Na fase inicial dessas operações, houve uma grande perda de tempo consequente do fato de que as unidades de infantaria e de carros de combate usavam simultaneamente, não só as estradas, mas também as poucas pontes que puderam ser construídas em presença do fogo inimigo.

Em cumprimento de ordens do General WEIGAND, todas as aldeias tinham sido fortificadas e todas as estradas obstruídas por barricadas, em consequência ardua luta e adicional perda de tempo foram necessárias. Compensamos esses atrasos por um aumento de velocidade nas boas estradas existentes após a travessia dos velhos campos de batalha da CHAMPAGNE. Nossas unidades de carros de combate, iniciaram o movimento na tarde de 9 de junho, a 17 de junho tínhamos atingido a fronteira suíça e a 18 de junho estávamos em BELFORT e EPINAL. Esse movimento foi realizado a despeito de que os franceses tinham persistentemente e um pouco insensatamente destruído quase todas as pontes até a fronteira suíça.

Poderemos ter uma idéia do trabalho dos pioneiros se considerarmos que sob um comando eles construíram:

Na POLONIA: 9 pontes militares com uma extensão total de 765 m; 99 pontes de circunstância com uma extensão total de 2.436 m.



A OESTE: 33 pontes militares com uma extensão total de 1.272 m; 67 pontes de circunstância com uma extensão total de 1.452 m; 208 pontes com uma extensão total de 5.925 m.

Destas 208 pontes, 135 tinham uma capacidade de 16 ou mais toneladas.

Concluimos deste rápido esboço de uma parte das formidáveis operações na POLONIA e na FRENTE OCIDENTAL, que as estradas da vitória não foram de nenhuma maneira macias rodovias. Apesar das sérias dificuldades resultantes, tivemos, a meude, de avançar e combater em estradas secundárias e através do campo. Isto atrazou-nos um pouco poré jamais nos deteve.

F R E Z A S

todos os tipos  
e tamanhos



CAIXA POSTAL, 1094

**ALM & HEINRITZ**

SÃO PAULO

ALARGADORES

COSSINETES

MACHOS

Artigos nacionais que substituem em qualidade os estrangeiros

**PRODUTOS "CAIÇARA"**

Creme de Milho — Fubá mimoso

**Moagem Minas-Rio, Ltda.**

Rua Conselheiro Rocha, 561

# A FORMAÇÃO DE SARGENTOS DE INFANTARIA

Ten.-Coronel Alcindo Nunes Pereira

*A DEFESA NACIONAL sente-se jubilosa em publicar o presente artigo, pondo em relevo o grande serviço que a gloriosa Escola de Sargentos de Infantaria prestou ao Exército e ao Brasil. Todos os anos acorriam a aquele estabelecimento centenas de jovens, uns já militares outros não, a fim de, pelo meio seletivo do concurso intelectual, candidatarem-se ao curso de formação de sargentos. Sabiam esses rapazes que poucas eram as vantagens que poderiam futuramente usufruir — uma promoção a sargento ajudante e a patente de segundo tenente da reserva, quando deixassem o serviço ativo, — mesmo assim, dominados pelo espírito militar de que estavam possuídos, empenhavam todos os seus esforços para ter um lugar garantido no curso da Escola.*

*O resultado foi extraordinário; tivemos sargentos de verdade, que, pelo seu preparo e valor moral, podiam substituir o Cmt. do Pelotão em qualquer emergência. Grande parte deles são hoje excelentes oficiais, pois continuaram seus estudos no compreensível e elogiável desejo de ascenderem a postos superiores.*

*Falando da E. S. I., instituição que, pelos frutos produzidos, jamais deveria desaparecer, cumpre-nos lembrar o nome do hoje coronel TRISTÃO DE ALENCAR ARARIPE que, com trabalho, estudo, denodo e carinho, soube erguer aquele majestoso edifício que, apesar de sólido, belo e útil, ruiu sem que se saibam bem as causas. (Nota da Redação).*

*Os novos aspectos da guerra atual não modificaram a posição da Infantaria no conceito das diferentes armas.*

*E' ela ainda quem diz a última palavra no campo de batalha, explora os efeitos dos fogos das máquinas e engenhos por todas usadas e efetua os atos decisivos da vitória : — a conquista das posições.*

*“Ficou evidenciado, na guerra da Polonia, em 1939” — diz um grande Chefe militar alemão — “que a vitória foi devido*



principalmente a uma Infantaria bem equipada e superiormente treinada”.

E a revista “*Die Wehrmacht*”, de Julho de 1914, diz que: “Tambem na Africa afirma-se a infantaria como rainha das Armas”.

E’ sempre o homem com o seu valor insubstituível !

Aumentam-lhe a capacidade de destruição com engenhosas e terríveis máquinas, protegem-lhe a vida com couraças duras e espessas, mas ele permanece inalterado; sempre o mesmo sêr fragil e impressionavel, mas capaz de grandes esforços físicos e morais.

E a Infantaria é o homem, é a massa dos exércitos e por isso, muito vulneravel. Destruí-la, equivale a anular a força adversária.

A dispersão no terreno é o único meio de evitar-lhe o aniquilamento. Os pequenos grupos, constituídos em torno de armas potentes, prevalecem ainda na tática atual. Tais agrupamentos, de valor variavel com a natureza do material utilizado, necessitam de um enquadramento adequado que lhes assegure a coesão, a firmeza e a direção indispensáveis, para superar os efeitos violentos e destruidores das armas modernas.

Esse enquadramento adquire particular importância a partir do grupo de combate, a célula ativa das pequenas unidades.

Ao sargento cabe a tarefa de dirigir-lhe a ação no combate, o que dele exige cuidadosa preparação. Esta, aliás, tem limites mais amplos; estende-se pelos afazeres de paz, em que não menos apreciavel é a colaboração desse graduado nos trabalhos de instrução e nos serviços diversos.

A preparação do contingente anual de conscritos, em prazo relativamente curto, ante a complexidade da instrução da Infantaria, exige judiciosa repartição de tarefas pelos quadros, que, sem exceção, devem possuir a capacidade indispensável para conduzi-las a bom termo.

*Sem um bom quadro de Sargentos, aptos para o comando dos pequenos elementos, para a instrução e para o serviço ordinário, não é possível ter-se uma Cia. ou Btl., com a eficiência desejável no combate e nas apresentações em público.*

*O sistema atual de formação de sargentos constitui apenas uma solução quantitativa. Urge cuidarmos da qualidade, reconstituirmos a sempre relembrada Escola de Sargentos de Infantaria.*

*E' preciso não esquecer que é absolutamente impossível formar um sargento de Infantaria à altura da função, num desfalcado período de tres meses, cheio de dificuldades materiais e de sobrecargas de serviços correntes dos corpos; numa situação de promiscuidade pouco propícia à formação do espírito necessário à ação do futuro graduado e, ademais, sob a inevitável preocupação, por parte dos melhores elementos, de serem licenciados nas primeiras turmas.*

*A nossa experiência não nos permite pôr em dúvida os excelentes resultados produzidos pela antiga E.S.I. que ao invés de servir de modelo à criação de outras mais, foi lamentavelmente extinta.*

*Abandonamos um sistema já comprovado para enveredar por novos rumos, cujos resultados aí estão a exigir remédio urgente.*

*E se o contraste chocante entre a nossa situação atual e a de dez anos atrás não basta para convencer os espíritos relutantes, talvez os impressione o que têm feito o exército germânico nesse sentido.*

*Logo após o rompimento das cláusulas do tratado de Versailles, o Comando Alemão restabeleceu as "Escolas de Sub-Oficiais" e, indo mais além, criou, paralelamente as "Escolas preparatórias para as Escolas de Sub-Oficiais" em número elevado, tal o valor atribuído à formação de tais graduados. (Ver*



"Jahrbuch des Deutschen Heeres" de 1941). As primeiras com uma duração de dois anos e as últimas de tres.

Em outros Exércitos, inclusive o argentino, figuram escolas de sub-oficiais.

E por que havemos nós de persistir no erro de desprezar a prática de que colhemos tão bons frutos e mantermo-nos em contradição às normas seguidas nos exércitos modernos?

O sistema atual não deve e não pode ser abolido. E' o meio principal de formação da reserva de sargentos (sargentos para a guerra) e o recurso para completar as deficiências quantitativas das Escolas.

Mas, o sargento de formação completa, para a paz e para a guerra, só pode ser obtido em escolas apropriadas.

Restabeleçamos, sem perda de tempo, a E. S. I. e a multipliquemos pelo país, na medida das nossas possibilidades!

E' O MOMENTO !

**Cia. de Mineração de Ferro e Carvão S. A.**

**Rua Teófilo Otoni, 96-3.º andar**

**MINÉRIOS**

**COMPANHIA DE ÁCIDOS**

FUNDADA EM 1890

ÁCIDOS SULFÚRICO, MURIÁTICO E NÍTRICO DE TODAS  
AS GRADUAÇÕES:

Escritório: Avenida Rio Branco, 128 - 15.º Andar - Sala 1501

Telefone 42-5803

Fábrica: Avenida João Ribeiro, 642 - Est. Tomaz Coelho-L. Auxiliar

Telefone 29-2788



## Ataque partido das nuvens na batalha de Creta

O presente relato foi traduzido da revista alemã "DER ADLER" e corresponde às impressões de um paraquedista que participou da conquista de Corinto, na ilha de Creta.

Deixamos à meditação do leitor as conclusões e ensinamentos a colher desse gênero de operações, embora com uma breve indicação a respeito. — **Ten.-Cel. Armando Pereira de Vasconcelos.**

### I

Em meados de maio, às primeiras horas da manhã, voavamos por sobre a paisagem preta. Era chegado o momento de atuar e porque anciavamos há quasi um ano. Desde a noite que nos tinha sido dada a ordem. Desta vez, nosso trabalho produzirá seus resultados. Todos estavam animados do mesmo espirito: "daquele instante em diante não haveria força humana capaz de fazer-nos retroceder".

No avião embarcaram 12 homens, constituindo um grupo de que cada membro conhecia perfeitamente sua missão ao pizar em terra; com isso teríamos assegurado o sucesso.

Na cabine viajavamos apertados porque o avião estava muito carregado. Tudo que era possível levar foi previsto e estava junto de cada homem, especialmente munições, armas e provisões na perspectiva de poderem manter-se durante certo tempo, até que seja possível a chegada das tropas do Exército.



O vôo constitue a ultima prova de nervos a que nos submetemos. A única distração que tínhamos no trajecto era a contemplação da magnifica paisagem sobre que passavamos. O ruido dos motores e a tensão do espirito não nos permitiam entreter qualquer palestra.

Cada um dos componentes do grupo transportado meditava sobre sua tarefa particular e deixava-se absorver pelo presentimento dos acontecimentos futuros. Os semblantes retratavam essa preocupação.

Nosso chefe, Tenente D, que será o primeiro a se lançar, dirigí-nos a sua palavra animadora e sincera.

Sempre que as condições de visibilidade o permitiam, contemplavamos o sólo. Belo espetáculo a sucessão de esquadrilhas de nossos bons Ju 52 dirigindo-se todas no mesmo rumo sobre o objetivo determinado.

Quando alcançavamos o mar já era dia.

"Faltam ainda 15 minutos!" Sentimos todos uma emoção única e indescritivel. Afinal chegamos. Ali adiante está o nosso objetivo — o canal de CORINTO !

Os paraquedistas são lançados e já lutam com o inimigo quando os aviões alemães começam a regressar às bases.

O nosso grupo, a sua vez, prepara-se para o salto, aguardando cada homem da maneira mais comoda a ordem de abandonar o aparelho. Em seguida se ouve a voz de comando: "Para a frente! Saltar!" O tom penetrante e incisivo dessa voz ficou gravado para sempre em cada um de nós.

Estavamos voando sobre a magnifica paisagem montanhosa do Peleponeso, ao S. do Canal.

O Ten. D, ainda uma vez se dirige para nós e repete alegremente "Avante!" A ordem é repetida em côro por doze vozes asperas. Com a perna esquerda no bordo da porta e os braços para o ar, uns lançam-se após outros.

Enquanto estou caindo, tento orientar-me. Voamos paralelamente ao Canal; ali adiante está a ponte. Desde que o paraquedas se abre a oportunidade de observar detidamente é muito curta. É preciso não esquecer que em baixo nos estão "esperando".



A Artilharia anti-aérea e as metralhadoras inglesas disparam incessantemente. Enquanto se está balanceando sobre a terra não é possível precisar as posições das peças.

Caio num grotão cercado de grandes pedras cuja aterrisagem não é das mais agradáveis. O choque foi brusco mas logo verifico que o local oferece bastante proteção. As balas silvam terrivelmente, dando a impressão de que o inimigo está nas suas proximidades. Desvencilho-me do paraquedas e apresto minhas armas. A Leika está intacta e preparada para "disparar" embora em 2ª. urgência. Protegendo-me bem, procuro orientar-me na orla do grotão. Preciso avançar até a primeira elevação para reunir-me a meus companheiros. Contemplo o céu e vejo aviões alemães por toda parte: por cima, por baixo e por entre os Ju de transporte identificam-se os caças e os aviões de assalto. Estes protegem nossa formação e atacam em vôo baixo, as posições inglesas e os ninhos de metralhadoras. É uma ajuda importante e indispensável. De todos os lados descem paraquedistas que se dirigem para o lugar do combate.

A minha direita surge com volumosa estatura, o Ten. D, bradando: "Ao posto de comando! Marche!" A minha retaguarda, meus camaradas lutam mudando constantemente de posição, de abrigo em abrigo, mas atirando sempre. De instante a instante explode uma granada de mão. trava-se a luta corpo a corpo. Enquanto isto, o inglês se refaz da 1ª. surpresa e passa a oferecer a mais dura resistência em cada posição atacada.

Apesar das dificuldades vão sendo dominados graças a valentia e arrojo com que lutam os paraquedistas.

Dada a rapidez da ação, o inimigo é obrigado a aceitar a luta a pequena distância, podendo-se assim dominar sucessivamente seus nucleos de resistência.

E destarte, conseguimos atingir nosso objetivo:- a posição prevista para o posto de comando.

Nosso comandante, no entanto, ainda não havia chegado. Está ferido em um pé e vem transportado por dois padioleiros para junto de sua unidade, despreocupado de seu ferimento.



mento, afim de dar suas ordens para a continuação da luta. Vindos da direita, chegam os primeiros prisioneiros. "Levem-nos para o campo de prisioneiros!" foi a ordem recebida.

Tratava-se de ingleses, na maioria neozelandeses. Antes de marcharem são revistados e registrados. Seus semblantes revelam vestígios da cruenta luta travada. Pouco a pouco vae-se aumentando o grupo de prisioneiros feitos por toda parte, dos quais a maioria está ferida. Os enfermeiros alemães socorrem-nos enquanto não chegam os primeiros paraquedistas feridos. O hospital de sangue não ficou longe. Nele nossos médicos e enfermeiros, que saltaram conosco e participaram dos primeiros combates, já se prepararam para prestar seu importante e difícil mister. Os projectis ingleses provocaram em parte ferimentos graves, mas as lesões apresentadas por nossos camaradas revelam a crueldade da luta corpo a corpo.

A esse tempo vou me aproximando na direção da ponte sobre o canal onde nossos pontoneiros, no último momento, impediram a sua destruição, preparada pelos ingleses.

Aí e nas entradas do Canal os ingleses entretêm uma luta muito aspera, graças aos seus núcleos de resistencia bem fortificados.

Pelo caminho deparamos vários camaradas feridos, a quem oferecemos agua, cigarros e socorro. Respondem negativamente, bradando: "Deixai-nos, sigam para a frente, os enfermeiros já chegarão; vós tereis que continuar lutando!"

Não se percebe uma queixa sequer, apesar de sofrerem dores atrozes. E' que têm a certeza de que tudo está preparado para minorar-lhes os sofrimentos.

De chofre, ouve-se uma formidável detonação partida da esquerda com grande abalo, elevando-se a seguir uma densa nuvem de fumo negro.

A ponte! conjecturô, embora sem querer acreditá-lo.

Continuo marchando para constatá-lo "de visu".

No primeiro promontorio alguns paraquedistas alemães fazem o possível para pôr em ação uma bateria inglesa. Em pouco tempo as peças estão dispostas para abrir fogo. Ao



lado fica um hospital para onde se transportam os feridos necessitados dos primeiros socorros.

Prosseguimos a marcha. Pouco depois cruza por nós um auto, que indaga onde fica o hospital.

Era um carro inglês conquistado que ia dirigido pelo Ten. H, Cmt. dos pontoneiros. Subi no estribo e fui guiá-lo ao hospital. Durante este curto e acidentado trajeto, inteirei-me em curtas frases do que ocorrera.

Os pontoneiros, atacando de surpresa, depois de uma dura luta, conseguiram desalojar os ingleses de suas posições a cavaleiro da ponte. Em seguida retiraram em tempo os petardos de destruição e os decompuseram. Parecia tudo bem sucedido. Não obstante, o destino é mais caprichoso. Inesperadamente, um tiro feliz da artilharia britânica explode entre os explosivos desconectados, acarretando graves consequências: voavam a ponte e os homens que a tinham conquistado !

Muito poucos conseguiram salvar-se, alguns dos quais sem embargo, gravemente feridos, necessitando assistência médica imediata.

Prontamente conduzimos os médicos e enfermeiros do Hospital até a ponte, ou melhor, ao lugar onde havia uma ponte e agora se havia transformado num precipício. Ao chegarmos encontramos muitos prisioneiros, alguns feridos e custodiados por uns poucos soldados alemães. A luta na ponte havia cessado. Os paraquedistas alemães fazem a limpeza em todas as direções, desde a parte setentrional.

Quanto a nós, cabe-nos continuar avançando para assegurar a estrada para CORINTO e ocupar o campo de aviação a SW. Pelo caminho encontramos varios carros, quasi todos caminhões, mais ou menos destruidos que se repararam momentaneamente e com correção.

No promontório vejo de repente um carro militar, que me parece utilizável. Tomo-o em seguida. As chaves do motor estavam no lugar. Depois de algumas tentativas vãs, o motor põe-se em marcha, mas não funciona com regularidade. Rumei assim mesmo para a estrada de CORINTO.



Nas valetas encontramos camaradas que pregaram armas inglesas anti-tanques que deverão seguir na vanguarda, sob as ordens do Cap. Sch, Cmt. da Secção, afim de enfrentar os pequenos tanques ingleses que irrompem de todos os lados.

Comigo, trago no carro, alguns desses fuzis especiais, com munições também inglesas... Pouco mais adiante deparo com o posto de comando do Cap. Sch. onde faço uma curta parada. Ouvem-se ordens consisas para protegerem-se e abrir fogo contra um pequeno tanque que veio se aproximando. Não obstante, os movimentos do tanque não eram suspeitos e foi deixado de lado. Era uma preciosa presa que os paraquedistas alemães traziam para obsequiar seu Cap. embora com dificuldades.

Seguimos sem demora para CORINTO. A cidade deve-se entregar rapidamente e sem derramento de sangue.

Os Stukas que sobrevoam a povoação estão de volta após haverem perseguido os ingleses em retirada, causando-lhes novas e pesadas perdas.

Pouco adeante alcançamos a vanguarda. Seu Cmt. Ten. R., senta-se a meu lado no carro.

Nos estribos sobem 3 paraquedistas armados com pistolas-metralhadoras e granadas de mão, prontos a fazerem fogo. Atraz vem o tanque aprisionado.

As primeiras casas da cidade parecem abandonadas e vazias, mas é preciso observá-las com cautela porque nos seus arredores ainda se ouvem disparos.

O Ten. R. dirige a ação com cuidado. Todas as medidas de seguranças imagináveis são tomadas.

Temos que achar o alcaide.

Como ?

Embaixo da ponte refugiam-se alguns civis assustadíssimos. Aproximamo-nos de um deles e intentamos fazer-nos compreender.

Quer queira quer não terá que subir ao estribo para acompanhar-nos. "Para a frente" é a ordem. Um novo obstáculo se antepõe de repente ao nosso caminho, detendo vários carros em fila.

“Cuidado! O tanque passe para a frente!”.

Não se tratava de barricada preparada mas dos efeitos de uma bomba atirada matematicamente por nossos stukas.

Atingiu um tanque britânico que estava completamente estroçado.

Contornamos o obstáculo com facilidade para pouco diante nos determos de novo. Diante de nós surge uma rua com 2 entradas diante das quais pululam uniformes.

Uma voz nos grita: “Venham até cá, rapazes!”.

Mas ninguém se movimenta. Chegou, pois o momento de intervir com granadas de mão! As pistolas-metralhadoras começam a matracar; foi o bastante. Depois de várias intimidações surge o primeiro uniforme. Eram gregos! Sem demora, faz-se evacuar a gruta. Dentre os refugiados ali ficaram alguns britânicos. A população civil está em constante sobresalto pela atuação dos Stukas. A simples enunciação desse nome é suficiente para fazê-la retroceder ao abrigo. Manifestaram-se muito agradecidos quando lhes asseguramos pela nossa presença que ia cessar o bombardeio.

Querem abraçar-nos, beijar-nos as mãos com tanta ansiedade que se nos torna difícil prosseguir o caminho e desencilhar-nos deles. Deparamos com um novo chefe que afirma compreender-nos apesar dos esforços dispendidos nesse sentido. Parece tratar-se do chefe de polícia.

Conduz-nos através de ruas mortas, mas o nosso avanço ainda se faz prudentemente. Defronte de uma casa fechada, detivemo-nos alguns instantes. As portas foram abertas com facilidade, mas não havia ninguém. Fronteiro, fica o Fórum e a Cadeia num mesmo edifício. Os andares superiores estavam vazios. Entramos e fomos ao sótão. Ali amontoavam-se várias pessoas, parecendo civis. Intimamo-lhes que saíssem para a rua, ao que se negam, a princípio, por temerem às bombas. Depois de muita insistência, resolveram sair do refúgio. Por detrás deles aparecem homens uniformizados. Não soldados gregos e numerosos ingleses, numa promiscuidade de civis, policiais e soldados. Seus semblantes denotam agitação mas para nós são demasiado loquazes. Não os com-



preendemos, mas mesmo que o fosse, não havia tempo para nos inteirarmos de suas histórias.

Finalmente, o Ten. R. vai buscar o alcaide por sua iniciativa e o conduz no próprio carro à presença do Cel.

A mim interessa no momento o acantonamento da polícia. E' provável que aí se encontrem alguns carros utilizados. Sem embargo, só havia polícias. Todos parecem dispostos a colaborar conosco. Em vão foi procurado seu chefe. Dentre os prisioneiros identificam-se 3 paraquedistas.

Ao voltarmos, ouvimos gritos dos gregos chamando-nos "Que há de novo?". "Há novo comandante para a cidade?"

Desço e vejo correr a meu encontro um conhecido camarada alemão, o interprete do destacamento.

Magnífico. E' um homem informante para as horas que se vão seguir. Os gregos ficam surpresendidos ao verificar que há alguém que conhece seu idioma. O nosso interprete é um arqueólogo que veio de avião e desceu num dos campos que ocupamos, tendo-se dirigido à pé para a cidade afim de apresentar-se ao comandante. Subimos ao automóvel e rumamos para o posto de comando.

Ao chegarmos junto ao Cel. St. o comandante informa-nos de que o alcaide havia negociado a entrega da cidade, que se passará dentro de uma hora. No posto de comando já se pode colher uma impressão dos combates. Nossas unidades de paraquedistas, o grupo de combate Sturm, em poucas horas havia cumprido perfeitamente sua tarefa contra um inimigo muito superior em número e armamento. Desafortunadamente, graças a um golpe feliz do adversário a ponte ficou destruída, mas foi compensada por outra nova construída pelos paraquedistas na entrada do canal. Esse trabalho não deu rendimento satisfatório porque nos faltavam os meios e especialmente o material necessário. Não obstante está assegurada a passagem do canal por uma ponte nova a qual, na opinião de um oficial do Exército que chegou ao meio dia seguinte, bastará para permitir a passagem das primeiras tropas do Exército.



Nosso comandante, Cel. St., descreve-nos o desenrolar da luta. Está orgulhoso com o seu grupo de combate. Todos portaram como verdadeiros paraquedistas... Este seria um elogio que nos podia fazer! Vencemos o inimigo na cruenta das lutas corpo a corpo. Os combates certamente custaram grandes sacrifícios, mas mesmo assim foram bem em vista do êxito alcançado. Fizeram-se 2.500 prisioneiros ingleses, exclusive mortos e feridos.

As tropas britânicas ao norte do Canal foram dispersas completamente. Agora correm desesperadamente para o S. do canal. Em consequência, o caminho ficou livre para o Exército que se achava muito ao N. na manhã em que esse grupo atuou. CORINTO estava tomada, livrando-se de destruição quasi inevitável. E' verdade que os gregos nos poderão agradecer este feito.

Ao S. do CORINTO prossegue o avanço.

Nosso comando dá o seguinte comunicado: "Missão rápida" dirigida ao comandante da frota aérea, General Z., que havia chegado com outros generais para informar-se pessoalmente da luta.

A ação durou apenas horas que, sem embargo, parem-nos dias. Não houve ainda descanso. A despeito de isso, ainda não chegaram as tropas do Exército de modo que nos que manter com nossos próprios meios as posições conquistadas.

Nosso comandante dá novas ordens para preparar o ataque seguinte com a mesma tranquilidade e confiança como via feito durante a ação. Até o dia seguinte não é possível contar com qualquer auxílio.

"Não importa! balbucia nosso comandante, meus homens são suficientes!".

Cai a noite e com ela certa intranquilidade, apesar de que a nossa vanguarda estar em contato com o inimigo. A gente deve estar prevenida para evitar surpresa. O dia é magnífico. Uma visita aos diferentes comandantes do grupo me proporciona uma idéia clara do que foram as travadas. Muito se poderia dizer sobre isto e cada re-



lato corresponderia a repetição de um ato valoroso. O conjunto de ousadas lutas e heróicas ações travadas individualmente resultou no triunfo de nosso grupo de combate.

Uma unidade perfeita entre os combatentes, admiravelmente armada e instruída, foi apresentada aos ingleses numa batalha cujo desenrolar ressalta o ocorrido até agora nesta guerra.

A noite transcorre-se e uma nova ajuda nos é trazida. Incontestavelmente poucas vezes foi saudada tão cordialmente a tropa de um Exército, como os primeiros tanques e nossos paraquedistas.

Embora assim ficaram ligeiramente decepcionados com a constatação de que CORINTO já havia sido conquistada, chegará o momento de entregarmos ao Exército o domínio que tão duramente conseguimos em nossa zona de operações.

Atualmente só nutrimos um desejo, expresso por um jovem paraquedista, ligeiramente ferido, como interprete de todos:

“Oxalá esteja de novo integrando estas tropas quando Fuhrer e o marechal do Reich ordenarem a próxima ação dos paraquedistas!”.

Faça uma analogia se passou em CANIA onde outro grupo conseguiu após 5 horas de assaltos sucessivos, na luta corpo a corpo, precedida de abordagem a granadas de mão, apoderar-se da posição e armas inimigas que com arrojo e habilidade se voltavam contra os seus, manejadas pelos paraquedistas.

## II

### O PROBLEMA QUE OS PARAQUEDISTAS CRIARÃO

#### Observações e conclusões gerais feitas pelo tradutor.

A falta de uma documentação básica oficial relativa aos acontecimentos que se processam no mundo com o conflito atual, não nos credencia suficientemente para abordar o

modo conclusivo os problemas novos que a guerra moderna trouxe tanto para o atacante como para o defensor. Queremos hoje advertir os camaradas, dentro estritamente da doutrina do ponto de vista de instrução do combatente moderno.

Façamos um ligeiro esboço sobre as características do combate com os paraquedistas para concluir sobre as qualidades a exigir de cada soldado seja paraquedistas como combatente.

### A — CARACTERÍSTICAS GERAIS DO COMBATE DOS PARAQUEDISTAS

Na chamada **batalha de Creta** tivemos um emprego todo particular e eficaz para as tropas de paraquedistas, verdadeiras vanguardas da Infantaria do ar.

Os paraquedistas são lançados sobre o objetivo designado em unidades completas, dispondo de todos os meios de vida e de combate adequados ao gênero das operações a empreender.

Sua organização já foi apresentada pelo Major Nilo Ferreiro em A DEFESA NACIONAL.

Sua missão geral é assimilável à da Cavalaria e parece consistir, em princípio:

1.º) — em se apoderar por seus próprios recursos de certos pontos sensíveis do equipamento das retaguardas inimigas em íntima cooperação com a aviação de assalto.

2.º) — assegurar a posse dos campos de aviação, conquistados criando uma zona de segurança capaz de permitir a livre utilização pelos aviões-transportes que deverão conduzir a Infantaria do ar.

3.º) — ampliar a área ocupada de modo a assegurar o espaço necessário ao desdobramento das unidades transportadas de modo a interceptar as comunicações do adversário e estabelecer o contato com os núcleos de resistência organizados.



Concluída essa tarefa, está a missão das unidades de paraquedistas que devem ser recuperadas pelo comando de pois de substituídas pela Infantaria do ar de que foram segurança afastada, se assim podemos admitir numa assimilação das tarefas correspondentes às das tropas terrestres.

Nesse sentido, as operações dos paraquedistas se distinguem em 3 fases distintas:

- 1.<sup>a</sup>) — a da preparação;
- 2.<sup>a</sup>) — transporte aéreo e lançamento sobre o objetivo;
- 3.<sup>a</sup>) — o combate em terra.

A 1.<sup>a</sup> fase é normal e corresponde a preparação da missão.

Ela interessa a organização material, reunião do pessoal e carregamento do aparelho, revista e a transmissão das ordens aos executantes. Essas ordens são curtas, verbais e devem esclarecer o papel particular a ser desempenhado pelos paraquedistas na sua ação particular, uma vez em terra. Complementarmente eles recebem todas as informações antecedentes ao terreno de ação, situação relativa do 1.<sup>o</sup> objetivo a atingir e as possíveis resistências do inimigo na área de lançamento. Pela necessidade de um enquadramento mais severo e de ampla iniciativa no âmbito das unidades elementares, a célula dos paraquedistas — o grupo de combate — é comandado por um oficial. Em regra, o grupo de combate é transportado num único avião.

Ao Cmt. dos paraquedistas cumpre transportá-los para um local de estacionamento junto ao campo base. O Cmt. do grupo de combate identifica seu avião e prepara seu carregamento. Inicia-se a dessentralização.

A 2.<sup>a</sup> fase comporta o embarque e transporte da tropa. Sua preparação e execução compete exclusivamente aeronáutica.

A 3.<sup>a</sup> fase inicia-se com o salto no espaço sobre a região do objetivo identificado do ar.

Durante a queda, os paraquedistas são inertes. Sua preocupação consiste em referir o ponto provável de queda com o ponto de reunião do grupo de combate, seu 1.<sup>o</sup> objetivo.

Sua segurança reside na ação massiça da aviação de assalto que se incumbe de neutralizar a área visada, atuando violentamente contra os órgãos de defesa terrestre da região interessada.



Uma vez posados em terra, inicia-se o combate individual, muitas vezes corpo a corpo.

Examinemos as causas no âmbito grupo de combate.

O seu Cmt. Ten., o 1.º a lançar-se no ar seguido dos seus homens, sendo provável sua chegada nessa mesma ordem.

Os homens do grupo caem dispersos numa área restrita, mas suficiente para dissociá-los no conjunto.

Por isto, ao se lançarem já tem a missão de se reunirem, a qualquer preço e por iniciativa, ao ponto de 1.º destino que é o futuro P.C. do Cmt. do grupo.



As ordens dadas são curtas e incisivas; devem regular esse 1.º resultado. Só então o Cmt. do grupo toma seu papel. Ele pois, como seus homens, empreende o combate individual e procura por lanços e rapidamente atingir o ponto de reunião.

A orientação é pois condição essencial.

No ponto de reunião todas as medidas de segurança são adotadas antes de prosseguirem no ataque a objetivos que serão indicados então.



Nesse lapso de tempo, o mesmo se está passando com as outras células de unidades de paraquedistas, inclusive a exploração dos recursos locais de toda espécie visando a utilização imediata de todos os meios favoráveis a rapidez de operação, devendo-se chegar celeremente por golpes de mão sucessivos a estabelecer uma frente de combate capaz de permitir a instalação dos diferentes órgãos de saúde, inteligência, etc. que foram lançados simultâneamente. De início eles também foram combatentes para conquistar seu lugar em território inimigo.

E' de assinalar a importância que assume nessas operações, a tropa de engenharia (sapadores e pontoneiros)

bem como as equipes de especialistas (mecânicos de motores e de armamento) que integrando as vanguardas, tem o encargo de assegurar a posse das passagens próximas (pontes) e promover a recuperação imediata de armas e veículos, apreendidos ou danificados, e que constituem elementos imprescindíveis na ação.

Uma vez reunido o grupo, as operações prosseguem no mesmo ritmo acelerado, sempre com caráter local, bem como a limpeza da região conquistada com o duplo fim:

1.º) — garantir a posse do terreno ocupado pelos núcleos isolados;

2.º) — progredir sobre determinada direção para, conquistando os nós de comunicação ou de ligações do sistema de força adverso, ampliar o espaço de terreno em torno dos campos de aviação conquistados com o que darão a segurança necessária à instalação ou estacionamento dos órgãos terrestres desembarcados e que também chegaram pelo ar.

Da associação de direções e pontos designados aos G.C. de paraquedistas para conquistar e da rapidez com que são abafados os núcleos de resistência do inimigo, resultará o êxito da operação montada, somado ao efeito moral da surpresa pela atuação dos paraquedistas pela retaguarda.

Em conclusão: a ação dos paraquedistas, como a da Cavalaria, se manifesta em largas frentes, sobre direções bem definidas, com a missão caracteristicamente de segurança e de informação. Seus objetivos são: inicialmente os campos de aviação e as comunicações para em seguida atingir, numa área suficientemente larga, certos pontos importantes cuja posse resulta na cobertura de campos onde deverão desembarcar meios mais importantes; além disso devem precisar as resistências inimigas ao mesmo tempo que promover a desorganização do sistema de defesa adverso, durante o tempo necessário à intervenção daqueles meios desembarcados.

Desde que tenham conseguido o espaço necessário ao desdobramento desses elementos e que as resistências inimigas os detenham, sua missão cessa para ser continuada pelas unidades do Exército reunidas nos campos.



As características fundamentais de sua ação residem, pois, na **rapidez** e na ação isolada, em busca da surpresa que é o fator essencial do êxito. Ela deve ser conjugada com golpes de audácia e violência como exploração do êxito moral obtido pela ação massiva da aviação de assalto.

O resultado parcial de cada grupo de combate agindo sobre objetivos limitados e em direções coerentes constroem a vitória que se obtém com a dissociação integral do sistema defensivo adverso, na mais perfeita aplicação do princípio clássico da guerra:

“dividir para bater por partes”.

## B — QUALIDADES PECULIARES AOS PARAQUEDISTAS

A missão especial e altamente delicada que se atribui aos paraquedistas reclama dos candidatos a essas unidades qualidades excepcionais.

Além de uma formação moral adequada, deve o paraquedista ter sangue frio, iniciativa e presença de espírito para suportar, com coragem, domínio e confiança em si próprio, e convicção na causa comum, todas as vicissitudes das situações mais críticas e poder tirar o maior partido das oportunidades.

Tudo isso, se complementa em indivíduos selecionados, mediante uma instrução militar, individual e coletiva, aprimorada capaz de proporcionar-lhes:

- a) — **Grande, resistência e vigor físicos** para suportarem deslocamentos rápidos e prolongados que se executam normalmente a pé; o racionamento alimentar devido ao retardo dos reabastecimentos a enviar ulteriormente por via aérea; a luta corpo a corpo que é o seu modo corrente de combater; o transporte de uma carga individual considerável para permitir viver e combater durante alguns dias isoladamente, além das emoções do salto no espaço.

- o **senso da orientação e observação** em terreno desconhecido afim de poderem julgar do valor das resistências a dominar e sua localização relativa ao ponto de reunião marcado (1.º objetivo ao saltar em terra), que, normalmente, deve ser conquistado por golpes de mão sucessivos e em ações individuais.
- um **desenvolvido espírito ofensivo** afim de com poucos meios, poder dominar a superioridade inicial do adversário, agindo por golpes de surpresa e de audácia contra o sistema de defesa adverso, especialmente as comunicações, para reduzir, da retaguarda para a frente, os núcleos assim dissociados mediante a ação pessoal.
- um **adestramento perfeito no manejo das armas**, com especialidade no tiro de matar e a granada de mão.
- uma **instrução de combate individual e coletiva** completas que lhe deem a justa medida do aproveitamento do terreno e dos efeitos do fogo da aviação de assalto para poder chegar a distância do assalto de surpresa.
- uma **noção perfeita e inabalável do valor** que representa o trabalho individual no conjunto da missão a cumprir pela formação a que pertence, numa verdadeira compenetração da necessidade de uma completa divisão do trabalho.
- uma **perfeita solidariedade** durante a ação buscando os apoios recíprocos durante os combates individuais ou a utilização de todos os meios úteis do inimigo no sentido da rapidez das operações desde que pisa o terreno, encarando com prioridade a execução da missão.

### C — CONSEQUÊNCIAS PARA A DEFESA

Os atuais regulamentos preconizam, na eventualidade de uma reação eficaz contra os engenhos blindados, a organização em profundidade, tanto maior quanto maiores os perigos a que se exponha a posição, na frente e nos flancos.



No ambiente atual da guerra, agravado pela intervenção brutal da aviação de assalto, conjugada à ação dos paraquedistas, esses limites se puseram ainda mais em cheque pela massa dos efetivos em presença e uma nova direção a guardar, diametralmente oposta.

Não são mais os perigos da frente e dos flancos que preocupam, mas também os que se podem apresentar pelo ar e pela retaguarda.

Essa concepção sugere-nos como meio de defesa, a inspiração das antigas formações "em quadrado", a que se reduz o âmbito de ação das G.U. empenhadas. Elas devem ser aptas a se bater numa só posição contra o inimigo da frente, dos flancos, da retaguarda e do ar, de modo que : 1.<sup>a</sup> consequência será a sua capacidade de durar reduzida ainda mais.

Para a defesa contra o inimigo de frente e dos flancos as cousas não se modificam por enquanto: devemos persistir na doutrina que ainda é certa. Os novos meios parece que vão reagir apenas na organização e consequentemente nos processos de execução das missões. E' cedo para adiantar idéias.

Para os perigos vindos do ar, porém é preciso meditar porque é matéria nova. O raio de ação da aviação moderna levar-nos-ia a idéia de profundidade a um exagero inadmissível. Como então resolver o problema?

A unidade tática de emprego ainda é a Divisão.

Então, a elas compete a organização dos setores de defesa com uma nova atribuição para o comando de cuidar de sua segurança a retaguarda contra a ação dos paraquedistas.

A noção de profundidade então vai repercutir provavelmente no escalonamento das G.U à retaguarda da posição designada para a defesa tendo um duplo fim:

1.<sup>o</sup>) — manter a integridade da posição seja pela manobra, seja pelo reforçamento, seja pela organização em profundidade para limitar as brechas por ventura abertas e facilitar os contra-ataques.



2.º) — atuar ofensivamente sobre a região dos campos de aviação conquistados pelos paraquedistas, realizando a limpeza da área ocupada com o fim de restabelecer as comunicações interceptadas.

Com isto, parece haver-se esboçado o campo das atribuições dos Chefes das G.U. empenhadas, as quais assumem nesse particular um caráter especial e um conceito novo.

Aos cmts. de divisões caberia por este raciocínio cuidar de sua missão essencial e ainda organizar a segurança e a defesa contra os paraquedistas. Pelos seus meios restritos e situação relativa a frente de batalha, a missão das G.U. em particular, parece que deve exigir-se à segurança imediata do seu dispositivo tendo em vista, na sua zona de ação em profundidade, deter a progressão dos núcleos isolados de paraquedistas contra suas comunicações e cobrir a região de reservas intervindo, se possível, desde que iniciem sua ação individual em terra. Destarte teriam, pelo menos, ganho o tempo necessário, a intervenção das tropas de choque acionadas pelo comando superior.

A retaguarda, no âmbito do comando superior, a defesa contra os paraquedistas assume um caráter dinâmico para o cumprimento da missão precípua: a interdição dos campos conquistados aos desembarques da Infantaria do ar para poder reconquistá-los em seguida e a redução dos núcleos de defesa das unidades de paraquedistas com a consequente limpeza da região atingida.

Daí o caráter territorial e local que assume essa defesa em toda a região sob a jurisdição do chefe superior, o qual coordenará as ações entre os seus diversos elementos fixos e móveis e por isso mesmo devem estar inteiramente solidários por um sistema de ligações e transmissões a parte.

As operações devem ter as mesmas características de que empreendem os paraquedistas a serem conduzidos de modo a restabelecer imediatamente a ordem na retaguarda, impedindo o pânico — papel do serviço de vigilância das estradas. Todos os órgãos interessados da região afetada devem poder agir por iniciativa e promover com os meios disponíveis



a defesa local. E' indubitável que essas operações terrestres só serão possíveis desde que contem com a coadjuvação da aviação acionada pelo chefe superior interessado, agindo em íntima cooperação com os elementos terrestres no acompanhamento do ataque e no restabelecimento da ligação com os elementos da frente.

Desse apressado esboço e concépção das operações a emprender contra os paraquedistas surge desde logo uma nova necessidade: a guarda das vias de comunicações e a dotação nos órgãos de serviço de guarnição aptas a sua defesa imediata contra os paraquedistas, pondo em relevo as medidas próprias à segurança imediata de cada arma e serviço bem como aos P. C. etc..

Por isso, faz-se mistér equipar os serviços de uma guarda ou escolta capás de atuar rapidamente contra a ação individual dos paraquedistas, dotar as vias de comunicações de uma guarda própria constituindo núcleos de força complementares ao sistema de vigilância da circulação que já conhecemos e promover a defesa imediata dos P. C., P. S., estações de reabastecimentos, posições de combate das forças empenhadas, etc., etc.. Para essas últimas, os meios serão os orgânicos. Além disso, é preciso escalonar os elementos de choque e de limpeza que intervirão contra nos núcleos de resistência organizados, para o que devem estar disponíveis na mão do chefe.

De tudo isso, surge uma nova exigência para o combatente moderno que, inclusive dos serviços, deve estar apto a combater na luta corpo a corpo e ter uma instrução de combate suficientemente desenvolvida para agir por iniciativa e suportar os rigores do combate aproximado. A par de uma perfeita noção do valor da organização do terreno, do efeito do fogo e dos meios de transmissão rápidos, devem ter um moral fortalecido pela consciência nacional e as qualidades especiais do guerrilheiro.

Nossa organização encara a constituição dos guardas territoriais com finalidades restritas que se precisam ampliar e adaptar às novas exigências de guerra total, imprimindo-lhes



ma organização adequada com meios próprios. Dispomos das polícias militares como força militar organizada, dispomos de reservistas de 2.<sup>a</sup> categoria em número excedente, e em instrução objetiva, dispomos de centros industriais populosos, etc., etc. cujo aproveitamento se impõe na ação eventual dos paraquedistas a despeito de sua missão normal. Todos esses elementos foram arregimentados pelos ingleses, gregos e russos nesse sentido e com o resultado da experiência alheia. Por que não pensamos desde já em definir as tarefas e repartir os meios tendo em vista o momento supremo de mobilização ?

Por que não procuramos analisar os fatores de decisão, com o terreno, o inimigo provável, remoto ou imediato, com a definição das missões gerais e particulares e examinar os meios a utilizar numa verdadeira triagem entre as aptidões, funções e capacidade física para em seguida criar uma solução adequada ao nosso meio físico, geográfico e humano ?

Não nos falta capacidade nem discernimento. Portanto, avante !

Para a luta contra os paraquedistas o essencial é atacá-los e dissociá-los antes que se reunam em unidades constituídas e essa tarefa fica a cargo da iniciativa de cada guarnição ameaçada e de uma tropa de choque. Depois de neutralizados e localizados é fácil completar o resto.

Lamentavelmente faltam-nos argumentos a apresentar com os documentos oficiais produzidos no atual conflito, incontestavelmente a melhor fonte de ensinamentos, mas nem por isso devemos furtar-nos à discussão dos problemas novos que justifica o nosso trabalho que tem essa finalidade exclusiva.

Seja como for, o nosso problema não afeta em nada os princípios básicos da defesa montada na concepção de que só o **fôro detem**. O que acabamos de constatar nos documentos examinados, embora com caráter suspeito por se tratar de propaganda partidária e em outros mais, vem corroborar nossas conclusões porque variando os meios a empregar devem ipso facto variar também os processos de execução:



— o fogo vai ser produzido por engenhos de potencia-  
lidade e mobilidade maiores.

As preocupações de quem se defende, pois, devem vol-  
tar-se para a frente, para os flancos, para a retaguarda e para  
o ar de onde poderão surgir os perigos.

Preparemos, pois, como primeira etapa a instrução do  
nosso soldado nesse sentido e já teremos avançado qualque-  
r coisa de evolução.



## A Mais Completa Organização

Para Banquetes,  
Casamentos, Lunches, etc.



TEL. 42-3038

# A verdadeira história da batalha de Flandres

Tradução pelo Capitão CANDAL FONSECA

(Artigo da revista LIFE de 25 de Novembro de 1940)

## 1. CONSIDERAÇÕES PRELIMINARES

Quando o Exército alemão esmagou a Holanda, a Bélgica e a França em seis semanas, a “guerra relâmpago” pareceu coisa completamente nova e uma maravilhosa forma de fazer a guerra. Mas não foi senão uma moderna aplicação de seculares princípios militares.

Agora, passados alguns meses, é possível analisar, clara e friamente, essas brilhantes operações. O relato abaixo é baseado em relatórios secretos de fontes militares européas.

---

Após a 1.<sup>a</sup> guerra mundial, os aliados cometeram o grave erro de julgarem que a guerra de estabilização, com os adversários instalados atrás de linhas fortificadas, era a forma normal de guerra. E assim não aconteceu. A 1.<sup>a</sup> guerra mundial foi caso especial e sui-generis, consequência da superioridade, momentânea e temporária, das armas automáticas e do fogo sobre a capacidade de movimento das tropas de terra.

O general alemão Staff nunca abandonou a crença de que uma guerra só poderia ser vitoriosa por meio de uma ofensiva e que não existiriam organizações defensivas invulneráveis, uma vez que métodos apropriados fossem usados.

Os franceses gastaram cerca de 15.000 contos por quilômetros na construção da linha Maginot (dos Alpes a Sedan, na fronteira belga); para a proteção do flanco N. eles dependeram, até



1936, da linha defensiva belga, que corria de Longwy a Maas tricht e daí, ao longo do Canal Alberto, até o mar, em Antuérpia.

Os belgas tinham também construído uma posição secundária, ao longo do Mosa, de Sedan a Namur e, daí, ao longo do Dyle, até Antuérpia, onde se ligava com a linha do Canal Alberto. Quando os belgas, em 1936, renunciaram à sua aliança com os aliados, para ficarem absolutamente neutros, os franceses, apressadamente, construíram a "Pequena Maginot", ao longo da fronteira belga, de Sedan ao Canal.

---

Antes de lançar sua ofensiva contra essas organizações defensivas, os alemães mobilizaram de 6 a 7 milhões de homens, organizados em cerca de 240 divisões e mais os comandos superiores e os serviços; parecem ter lançado na ofensiva 150 divisões. Os seus adversários possuíam: os franceses 115 divisões, os ingleses 10, os belgas 16 e os holandeses 14, perfazendo um total aproximado de 160 divisões.

---

O plano estratégico alemão era sutil.

Em 1914, seguindo o "Plano Schlieffen", os alemães, fazendo charneira em Metz, lançaram suas maiores forças através da Bélgica, num amplo movimento.

Desta feita, os alemães deram a entender que seguiriam o mesmo plano, mas concentraram seus meios para uma ruptura próxima da nova charneira, Sedan.

Inicialmente, para enganar os adversários e arrastá-los profundamente para a Bélgica, os alemães lançaram seu ataque, no Norte, contra a Holanda. Das 150 divisões disponíveis os alemães só usaram 6 ou 7 contra as 14 divisões holandesas.

## 2. A BATALHA DA HOLANDA

O assalto à Holanda, a mais anti-ortodoxa operação de toda a invasão, apresenta vários novos e interessantes aspectos da guerra.

Foi a primeira vez, na história, que o, agora chamado, "elevamento vertical", foi empregado com sucesso.

Foi a primeira vez que a infantaria foi transportada em cânticos, em quantidade suficiente para exercer uma influência decisiva numa operação táctica.

O exército holandês era bem treinado, bem comandado, completamente equipado e tinha vontade de lutar.

Os alemães bateram esse exército em 4 dias, com forças numericamente inferiores, devido ao uso efetivo dos seguintes elementos:

- forças aéreas
- tropas paraquedistas ou infantaria do ar
- agentes no interior do país (5.<sup>a</sup> coluna).

Os alemães forçaram 2 pontos fracos das linhas holandesas:

- um, ao Sul do rio Maas, próximo de Hertogenbosch;
- outro, entre as linhas do Peel e das fortificações belgas.

Todo o ataque alemão contra a Holanda, sendo secundário em relação ao ataque contra a Bélgica, foi executado o mais economicamente possível.

O caminho mais fácil era irromper ao longo da fronteira sul da Holanda e atingir o coração do país, pelas grandes pontes de Rotterdam, Dordrecht e Moerdijk. Para impedir que os holandeses fizessem voar essas pontes, os alemães usaram tropas paraquedistas e agentes civis (5.<sup>a</sup> coluna); existiam cerca de 100.000 de alemães na Holanda, além dos nazistas holandeses, todos instruídos para essas tarefas.

O ataque começou no dia 10 de Maio de 1940.

### DIA 10 DE MAIO

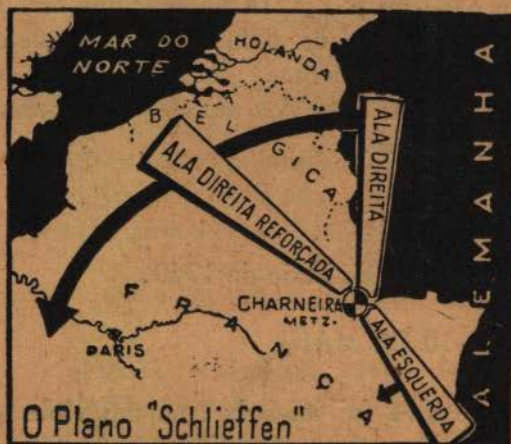
Às 03,20 horas, a ofensiva foi iniciada com um violento ataque alemão, pelo ar, a 72 aeródromos aliados. As forças



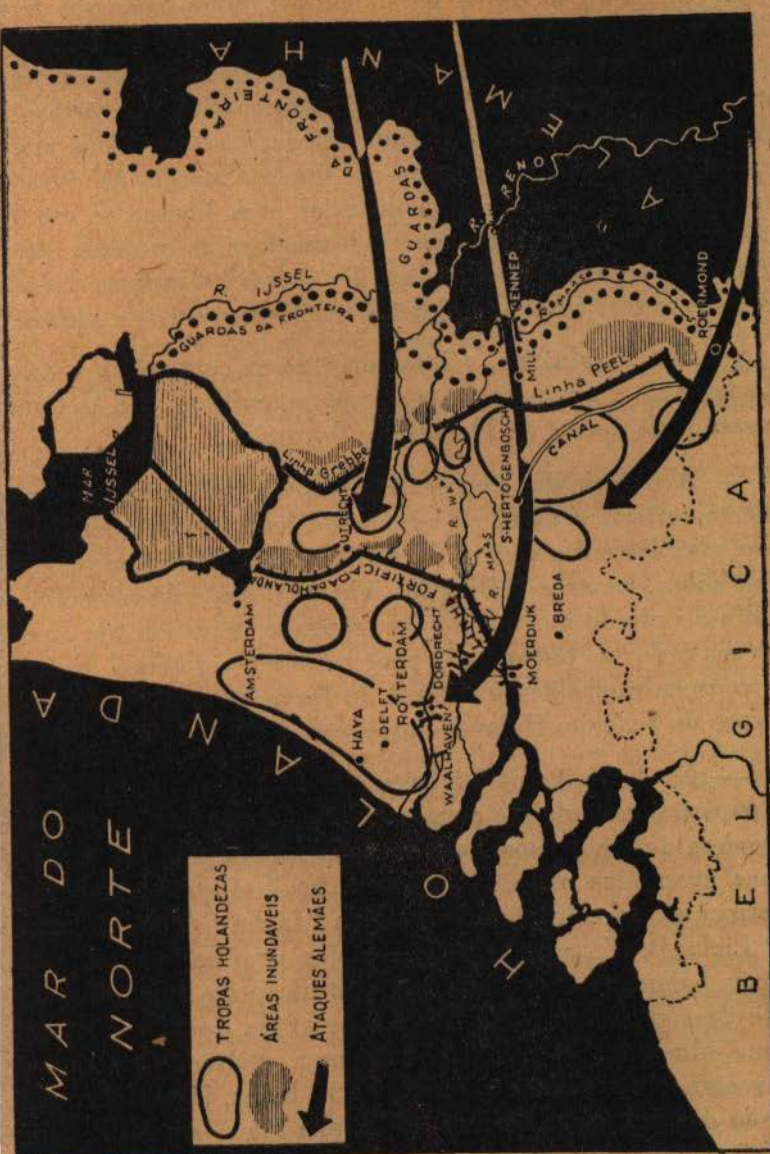
aéreas da Holanda e Bélgica foram destruídas em poucas horas, e, no fim de 3 dias, os alemães anunciaram a destruição de 90 aviões inimigos, dois terços dos quais nos próprios aeródromos.

— O “envolvimento vertical” também foi iniciado nessa ocasião. Hidroaviões alemães desceram no rio Maas, em Rotterdam, e desembarcaram tropas aligeiradas, que, em botes portáteis, se apoderaram de uma pequena ilha do rio; aí se reuniram às tropas, agentes civis armados; reunidos expulsaram os guardas, surpresos, para longe da importante ponte de Rotterdam. O acampamento de uma unidade anti-paraquedistas, situado nas proximidades, sofreu um bombardeio aéreo, morrendo a maioria da tropa holandesa. O aero-porto de Waalhaven (Rotterdam) foi cercado por bombardeiros alemães que destruíram os hangares e fizeram uma linha de crateras de bombas em torno do campo; tropas paraquedistas foram lançadas, essas tropas, utilizando as crateras das bombas como abrigos, dizimaram os defensores e removeram os obstáculos plantados na pista para evitar a descida dos aviões alemães; pouco tempo depois começaram a descer os grandes aviões de transporte alemães, desembarcando a infantaria do ar em Waalhaven.

A invasão da Holanda (10 a 14 de Maio) foi executada em 3 vassou-



radas por 6 ou 7 divisões. A seta superior mostra o golpe contra a linha avançada GREBE. O ataque do centro ultrapassou a ponte de GENNEP antes que os holandeses tivessem podido fazê-la saltar. A coluna do sul flanqueou a linha PEEL. Estas duas colunas lançaram-se então sobre as 3 pontes vitais tomadas pelos paraquedistas alemães com reforços trazidos por via aérea. A inundação das áreas baixas não chegou a ser feita.



— Em Haya, capital da Holanda e sede do G. Q. G. holandês foi a mesma cousa. Em Ypenburg, a 3 milhas S. E. de



Haya, entretanto, as tropas paraquedistas foram incapazes de dominar os báta- vos e, quando os primeiros aviões de transporte aterraram, seus ocupantes foram ceifados pelas metralhadoras. Em Delft os aviões de transporte desceram nas principais estradas pavimentadas, desembarcando tropas; logo depois de aterrarem, eram os aviões lançados nos fossos laterais às estradas, num deliberado sacrifício de material para liberar as estradas para novos aviões; essas tropas bloquearam as estradas que se dirigem a Haya e se apoderaram dos carros holandeses que apareceram; nesses carros os alemães avançaram sobre a cidade.

— Em Waalhaven, a infantaria do ar continuava a descer e fornecer reforços para as tropas paraquedistas, que se tinham apossado das pontes de Moerdijk e Dordrecht.

— A audácia das tropas alemãs, que participaram do envolvimento vertical, é digna de admiração; em relativo pequeno número, elas desceram a cerca de 120 km. de distância de suas próprias linhas, frente a 2 Divisões inimigas; sua sobrevivência dependia do rápido movimento das tropas de terra em seu auxílio e de seu ardor na tomada das pontes sobre o rio Maas. Essa tropa conseguiu obter o control de Haya; a captura do centro nervoso do Exército Holandês provocou o colapso da resistência.

— Na fronteira as Divisões alemãs foram precedidas por numerosos bombardeiros de mergulho. Os guardas da fronteira holandesa foram postos fora de ação facilmente. À tarde as tropas avançadas alemãs estavam fazendo forte pressão sobre as principais fortificações do norte da “Linha Grebbe”. No Sul, na “Linha Peel”, agentes civis alemães, com uniformes de gendarmes holandeses, impediram a destruição da importante ponte de Gennepe, sobre o rio Maas. Apesar da destruição de uma coluna blindada, os alemães, com uma divisão, prosseguiram atravessando o rio Maas e, cerca das 15 horas, já se tinham apoderado das primeiras defesas da “Linha Peel” em Mill. Outra Divisão conseguiu forçar a passagem do rio Maas ao S. de Roermond. No fim da jornada a infantaria alemã tinha avançado aproximadamente 25 km. na frente da “Linha Grebbe” e ao Sul ameaçava o flanco da “linha Peel”.



— Em Haya as tropas do 1.º Corpo de Exército holandês não podiam cercar a maioria das tropas alemãs, que tinham sido lançadas tão longe.

O governo holandês fez um apelo aos anglo-franceses.

## DIA 11 DE MAIO

Em Haya: Pouco antes do meio-dia, 300 paraquedistas foram lançados dentro do bloco de edifícios do palácio real holandês, com a obvia intenção de capturar a família real; ao mesmo tempo um grupo de agentes civis alemães (5.ª coluna) atacou a cidade central; foi uma e meia hora de encarniçados combates de rua, durante os quais os holandeses fizeram uso de tanques pesados.

A situação tornava-se particularmente desconcertante para General Winkelmann, comandante supremo holandês; muitas de suas unidades estavam combatendo de costas contra a parede, com tropas inimigas por todos os lados; tropas inimigas paraquedistas aterravam a pouco mais de 1 Km dos quartéis e combates de rua eram travados, virtualmente em seus portões. Uma grande força de infantaria alemã estava em Rotterdam, a 20 Km ao norte do G. Q. G.

Os agentes alemães (5.ª coluna) telefonavam continuamente falsas noticias para os quartéis; a verificação dessas noticias exigia tempo e tropa; a única maneira de garantir o G. Q. G. contra ataques aéreos seria a colocação dos agentes diplomáticos alemães, como reféns, no meio da rua !

Durante o dia, uma coluna francesa (uma divisão de infantaria motorizada e uma divisão blindada) moveu-se para o norte e parou em Breda; se essa tropa tivesse sido energicamente impulsionada teria podido expulsar os alemães para longe de Rotterdam.

## DIA 12 DE MAIO

O avanço alemão continua.

Na "Linha Peel" uma Paanzerdivisionen avançou 35 Km na direção de Hertogenbosch. Cerca de 10.000 infantistas do ar



são lançados em Walhaven e descem com artilharia e outros materiais pesados escondidos nos porões de barcos de aparência inocente, ancorados no rio Maas; um transporte aéreo alemão derrubado continha cavalos para uso do comandante da divisão alemã de Rotterdam !

### DIA 13 DE MAIO

A luta prossegue. As atividades dos agentes civis alemães (5.<sup>a</sup> coluna) ou a falta de tempo impedem que os holandeses inundem a área fronteira à "Linha Grebbe" e os decantados diques foram de pouca utilidade para os holandeses.

As unidades blindadas alemãs penetram na "Linha Peel" em Hertogembosch e prosseguem sobre Moerdijk; estabeleceram contacto com as forças alemãs em Dordrecht aproximadamente às 16 horas. Uma vigorosa ação das forças francesas de Breda ameaçou o sucesso do envolvimento vertical, atacando a Panzerdivisionem no flanco; entretanto, em face dos contínuos bombardeios aéreos, tal esforço não foi feito.

O Exército holandês estava em iminente perigo de aniquilamento, dividido em 2 partes. Uma grande parte de Rotterdam fôra destruída. A Panzerdivisionen estabelecera contacto com a divisão do ar em Rotterdam. A força francesa de Breda retirara-se para o sul.

### DIA 14 DE MAIO

Winkelmann rendeu-se. O Exército holandês sofreu somente 23.000 baixas; não foi derrotado em campo aberto e a maior parte estava intacta. Entretanto, ele fôra tão superado pela manobra alemã que seu aniquilamento era inevitável.



# NOTAS DE TÁTICA AÉREA

Pelo

Ten.-Cel. NILO GUERREIRO

## A) — CAÇA E D.C.A.

### I

A Aviação de Caça e a D. C. A. agem em íntima cooperação. Uma não dispensa a outra, por isso que a ação da primeira é intermitente e a da segunda é contínua e permanente.

Ambas agem de dia e de noite.

Além da Artilharia anti-aérea, usam-se balões chamados de proteção, presos ao solo por cabos metálicos e contra os quais podem se chocar os aviões inimigos e metralhadoras anti-aéreas.

A Artilharia anti-aérea organiza barragens e assegura a vigilância do céu. Ela utiliza aparelhos especiais de escuta, que precisam pelo som a aproximação e a situação dos aviões inimigos.

À noite necessita ainda de órgãos iluminativos chamados projetores.

A Aviação de caça tem maior eficácia de dia ou em noites claras, com luar.

A Caça realizada em noites escuras, não tem dado resultados apreciáveis, do que se aproveitam aliás os bombardeiros para agir com certa segurança.

Existem pilotos especializados em vôos noturnos de aviões caçadores. Não possuindo olhos de coruja para ver à noite, esses pilotos usam durante o dia óculos especiais pretos e educam a vista por uma série de exercícios e testes especiais, realizados na mais profunda escuridão.



Em uma estatística recente feita em Londres se atribuem 10% dos aviões abatidos sobre aquela cidade, à Artilharia anti-aérea. Mas o seu maior serviço é obrigar os os aviões adversários a voarem muito alto, dificultando-lhes assim a ação e diminuindo suas possibilidades ofensivas.

Quando a Artilharia anti-aérea ataca com seus tiros as formações aéreas inimigas; estas, para melhor se defenderem, se dispersam, possibilitando assim à Caça amiga o ataque a aviões isolados uns dos outros.

\*                      \*

\*

Os primeiros combates aéreos foram realizados em setembro de 1914. No dia 18 desse mês, nos céus franceses, o observador aéreo que voava com o piloto francês "Frantz", abateu, a tiros de mosquetão, o primeiro avião alemão. Dessa data em diante começou a corrida interminável ao tipo ideal do "avião-armamento".

Em Abril de 1915 o célebre aviador francês "Garros" derrubou vários aparelhos com metralhadoras "maxim". Grandes pilotos alemães como os então tenentes Bruna Loezer, Sothar Richtofens e Herman Goering (atual marechal comandante do Exército do Ar Alemão) sobressairam-se como pilotos de caça.

O progresso incessante da indústria aeronáutica e o aperfeiçoamento progressivo do armamento, fizeram evoluir rapidamente o avião e suas armas. Assim em 1918 por ocasião do armistício a França dispunha dos aparelhos "Nieuport 29", equipados com motores Hispano de 300 H.P. que lhe davam a velocidade horária de 240 quilômetros.

Canhões de pequeno calibre, inclusive os conhecidos canhões 37, já atiravam através das hélices dos aviões de caça.

Em 1918 houve um piloto chamado Fonck que abateu a tiros de canhão 11 aviões inimigos.

Os alemães utilizaram nesta época canhões metralhadoras de 20 milímetros de calibre.

Desde essa data até os nossos dias, o progresso tem sido vertiginoso.

#### **Os aviões de caça devem possuir:**

- grande velocidade (horizontal e vertical);
- grande maneabilidade e
- um armamento potente.



No combate eles utilizam em alto grau a **surpresa** e a **altura**. A surpresa lhe assegura 50% do sucesso. A altura permite-lhe abordar o inimigo em ângulo favorável (próximo da vertical) o que acarreta ainda um aumento de sua velocidade pelo piqué.

Os aviões de caça nunca agem isolados. Eles são empregados em patrulhas de três aparelhos em dois ou três andares sucessivos, o que perfaz o total de seis ou nove aviões para uma frente que pode variar de 10 a 20 quilômetros, segundo as circunstâncias.

**Os ingleses possuem em uso atualmente:**

— o **Spitfire**, com oito metralhadoras nas asas e uma velocidade aproximada de 585 quilômetros a hora.

— o **Hurricane** - um pouco maior que o Spitfire, com velocidade e armamentos equivalentes, capaz de subir a 6.500 metros em nove minutos.

— o **Defiant** - dispõe de quatro metralhadoras na borda dianteira das asas e de uma torre de outras quatro metralhadoras, a meia náu. É assim um avião de caça que pode disparar contra o adversário tanto ao passar por ele, como depois.

— o **Skua** - avião mixto de bombardeio e combate especializado nas operações navais. É o avião de caça transportado nos navios porta-aviões.

Além desses quatro tipos principais os ingleses têm recebido os modelos norte-americanos **Air-Cobra**, **Tomawack**, etc.

Do lado alemão são já populares os aparelhos **Merse-schmidt** dos quais existem três tipos: o 109, o 110 e o **Jaguar**. O primeiro é monomotor, o segundo e terceiro bi-motores. O modelo 110 é de grande raio de ação, pois seus tanques de gasolina lhe asseguram mais de cinco horas de voo. Foi num desses aparelhos que Rudolf Hess dirigiu-se à Inglaterra.

Esses aviões alemães têm a velocidade superior a 580 quilômetros e são armados uns com seis e outros com oito metralhadoras e canhões.

As características técnicas e o armamento dos aviões de caça dos demais países, inclusive da Rússia, são pouco conhecidas entre nós.

Assegura-se porém que todos eles têm velocidade superior a 500 quilômetros por hora e metralhadoras capazes de disparar 1.200 tiros por minuto.

\* \* \*



Atualmente as missões da Aviação de Caça, tendo em vista apenas os objetivos terrestres são:

### Missões em proveito do Exército:

Cobrir forças aéreas e terrestres amigas	Cobertura { a priori { alerta
Proteger e acompanhar os bombardeios (Caça de Escolta.	Proteção Caça livre Ataque a objetivos terrestres.
Proteger a aviação de observação.	Reconhecimentos — (excepcionalmente).

### Missões em proveito da Defesa Aérea do Território

Proteger os centros industriais . . . . .	Cobertura de um conjunto de pontos sensíveis.
Proteger os pontos vitais	Cobertura de um ponto sensível Contacto e concentração.
Proteger a população . .	Caça à noite.

## II

A **Caça tipo Escolta**, constituída por aviões bi-motores e multipostos (hoje se deve dizer "**posto**" em lugar de "**place**") é a grande novidade surgida na atual guerra.

Os aviões leves monopostos, com pequeno raio de ação, que constituem a Caça tipo campo de batalha, têm a **grande servidão de não poder combater em retirada**. Um único homem a bordo só pode atirar para a frente, apontando com o próprio avião fica condenado a não poder penetrar profundamente nas linhas inimigas.

O emprego dos bombardeios aéreos em grande profundidade no interior dos países inimigos e a necessidade de protegê-los contra os ataques aéreos do adversário, faz surgir então a Caça tipo Escolta, com grande raio de ação, potente armamento e varios homens de equipagem, o que lhe permite combater em qualquer situação.

\*                      \*

Vejamos agora algumas idéias simples e básicas para o emprego tático da Caça e D. C. A.

## NO ATAQUE

A Caça tipo campo-de batalha e a D. C. A. tem como missão essencial cobrir o dispositivo de ataque contra as investigações e ataques aéreos do inimigo, contribuindo assim para manter o valor combativo das tropas terrestres e para conservar o ritmo da operação. Isto implica em:

- assegurar a liberdade de ação da nossa Aviação de Observação, protegendo-a em caso de necessidade;
- impedir ou dificultar a ação da Aviação inimiga, cobrindo a zona de ataque contra suas investigações e ataques;
- proteger a Aviação de Assalto;
- cobrir as regiões de estacionamento das Reservas e P. C. das Grandes Unidades;
- cobrir eventualmente o deslocamento das Reservas até suas zonas de emprego;
- cobrir certos pontos sensíveis (depósitos, nós de comunicações, etc.);
- defender os campos de ação.

Em caso de recuo do inimigo a Caça e a Av. de Assalto deverão atacar os diversos elementos em retirada e as retaguardas adversárias, e assegurar ainda a proteção às Aviações de Observação dos Corpos de Exército, das D. C. e eventualmente das D. I.

## NA DEFESA

ANTES DO ATAQUE INIMIGO a Caça e a D. C. A. devem procurar:

- a) Conservar o segredo do dispositivo defensivo;
- b) Pôr ao abrigo dos ataques aéreos:
  - as Reservas, não só em seus estacionamentos, como também em seus deslocamentos ulteriores;
  - as organizações militares importantes da retaguarda.
- c) Facilitar o trabalho de nossa Aviação de Observação.

Isto acarreta:

- a proteção dos nossos Aviões de Observação em seus reconhecimentos a vista e fotográficos, que visam desvendar a manobra adversária;
- a cobertura contra as investigações e ataques aéreos do inimigo, de dia e de noite, senão de todo o dispositivo, pelo menos das Reservas.



**EM CASO DE ATAQUE INIMIGO:**

- a) Cobrir a frente de ataque contra a observação aérea inimiga.
- b) Cobrir o movimento das Reservas contra os ataques aéreos do inimigo, facilitando seu emprego.

\*                      \*

\*

Essas são as missões gerais que cabem à Caça e a D.C.A. na defesa e no ataque, quando agem em estreita cooperação com as forças terrestres.

**B — NOVOS TIPOS DE AVIÕES**

Entre os novos tipos de aeronaves que a Alemanha lançou, citam-se um aparelho de dois motores, o Focke Wulff KW-189, com uma potência de 2.750 cavalos, armado de oito metralhadoras inclusive canhão; outro, de que muito se fala é o novo Heinkel, HE-113, de extrema velocidade. Segundo "Aerosphere" — almanaque internacional de aeronáutica edição de 1941 — os alemães contam atualmente com o Messerschmitt 110, de dois motores, tipo de combate, com uma performance de 365 milhas por hora. O novo Heinkel, de dois motores, desenvolve uma velocidade de 428 milhas horárias e está sendo acabado presentemente nas fábricas germânicas. O DO-17, bombardeiro pesado, parece, segundo a mesma revista, dotado de uma velocidade de 310 milhas

Os russos dispõem também de dois novos tipos, um de combate e um bombardeiro, ambos de grandes performances. O último, conhecido como o 2KB-26, com uma tripulação de cinco homens, três metralhadoras e uma carga de bombas de 2.900 quilos, dispondo de uma potência de 1.000 cavalos, desenvolvendo uma velocidade de 310 milhas por hora; o outro, o 2 KB-19, de quatro metralhadoras e canhões de 20 mm com uma velocidade de 300 milhas horárias.

A Inglaterra apesar de sua situação mais exposta de pequeno país insular com as suas áreas industriais extremamente concentradas e de fácil alvo para os ataques aéreos, tem conseguido aumentar a sua produção não somente em quantidade mas sobretudo em qualidade. Entre os seus novos tipos de combate, destaca-se o famoso Spitfire III, com um canhão, além de tres metralhadoras e uma velocidade de 400 milhas por hora. Segundo o coronel Jouett, autoridade em



construção aérea e presidente da Câmara Aeronáutica de Comércio dos Estados Unidos, a produção inglesa adicionada à atual produção americana já superam a produção total da Alemanha. Ele afirma ainda que os aparelhos alemães continuam a ser ainda, em muitos aspectos, inferiores em qualidade aos ingleses e americanos, sobretudo em questão de performance. Os cálculos que se fazem sobre o número total da produção aeronáutica alemã variam muito; entretanto, a estimativa mais prudente põe este número entre dois e três mil aparelhos mensais.

Os produtores americanos trabalham porfiadamente em mais de uma dúzia de novos modelos de alto aperfeiçoamento, quer em matéria de velocidade, quer em capacidade de carga de bombas, quer em armamento. Entre os novos modelos americanos, a revista "Aerosphere" destaca principalmente dois: o Wultee Vanguard e o Lockheed P-38, desenvolvendo uma velocidade de respectivamente, 400 e 404 milhas por hora. Os técnicos estão também pondo grandes esperanças em um novo tipo de caça destinado especialmente a combater os raids noturnos. Agora mesmo acaba de ser batizado um gigante do ar, B-19, que é o maior bombardeiro até hoje construído, de 132 pés de comprimento sobre 42 de teto, com uma tripulação em serviço de dez homens. De asa a asa, mede este gigante 212 pés. Sua capacidade de bombas é de 26 toneladas, com um raio de ação de 7 milhas.

A superioridade qualitativa não é, entretanto, uma vantagem estável. No domínio dos avanços técnicos nada há de definitivo, principalmente numa guerra como a de hoje, que é uma corrida sem tempo para a superioridade técnica. Há, porém, um limite máximo além do qual a tecnologia contemporânea não consegue passar, mas ao qual a experiência técnica dos grandes países industriais pode atingir e tende mesmo a atingir em curto intervalo de tempo. Se a um momento dado um país toma a dianteira em matéria de localização do avião no ar por exemplo, outro passa no dia seguinte à frente na questão de velocidade máxima por hora, digamos. De qualquer modo, a tendência é para os competidores acabem por igualar-se neste domínio.

Sobre os aviões russos extraímos de um artigo que lemos o seguinte:

"A primeira produção aeronáutica soviética, que teve grande repercussão no terreno internacional foi o ANT-25, famoso avião de record, que conseguiu voar, sem escala, de Moscou a São Francisco (U.S.A.), passando pelo Polo Norte".



“Vôos notáveis foram efetuados com esta máquina — um de 56 horas e o vôo recordista durante o qual ele percorreu 12400 quilômetros. Tratava-se de um monomotor de forma muito bem estudada, cuja asa tinha uma envergadura de 34 metros, comparada com 13,40 metros de comprimento da fuselagem. A construção era metálica, mas sobre as placas onduladas, de alumínio, eles tinham colocado tela dopada que participava da resistência de torsão, ao mesmo tempo que reduzia a resistência aerodinâmica ao avanço — ingenuidade tipicamente russa...”

“Quando Toupolief — ao que se supõe — foi executado, um de seus colaboradores transformou o ANT-25 em bimotor, pomposamente batizado com o nome de **Rodina**. Souki, o autor da façanha, que queria assim justificar sua nomeação ao posto de diretor do TSAGUI (Instituto central aerodinâmico de Moscou) nem se deu ao trabalho de redesenhar o leme. Com este Rodina, as três aviadoras **Grizabova, Ossipenko e Raskova** bateram o record mundial feminino de distância, em linha reta, com cerca de seis mil quilômetros percorridos em dezoito horas”.

“A técnica aeronáutica soviética tudo deve a um sonhador que foi um dos grandes gênios do século, **Toupolief**. Em todos os aviões, notamos, mesmo nos mais recentes protótipos, a sua influência”.

Ele desenhou o primeiro avião de caça estratosférica (I-19) e o primeiro avião de bombardeio capaz de voar com plena carga, acima de 10000 metros de altitude, o ANT-40 que subiu (record oficialmente homologado pela F. A. I.), a 2 de setembro de 1937, a 12246 metros de altitude, com 1500 quilos de bombas a bordo.

“Antes dos estudos do professor Karman, sobre as alterações nas ligações de planos, em colaboração com Polikarpoff, ele estudava a asa do I-16, que se estende da capota do motor até a cauda, prolongando de modo harmonioso a linha de fuselagem”.

“O gigantesco hexamotor de bombardeio estratosférico L-790, cujos motores M-45, de 1350 CV cada, são **supercharged**, por um sétimo motor que se acha na fuselagem, é ainda uma herança de Toupolief. Este avião, construído o ano passado, é ainda maior do que o B-19 americano, pois tem sessenta e cinco metros de envergadura. Sua carga por metro quadrado é, porém, muito menor, e tecnicamente falando, ele é inferior ao avião de Douglas”.



"Uma esquadrilha de vinte aviões deste tipo desfilou ante dos oficiais alemães na última parada de 1.º de maio. Aviões como este podem levar tanques de cinco a toneladas, artilharia e bom número de soldados. Milmente falando, porém, eles são algo ridículos..."

"Pelas fotos que chegam da frente germano-russa, principalmente as dos aerodromos ocupados pelas Panzers, nos que o SB-2 está, atualmente munido de motores muito fuzelados, e que toda a tripulação reunida numa pequena cabine na ponta da fuselagem como no Ju-88 alemão".

"A velocidade do SB-2C deve girar em torno de 500 quilômetros à hora." Com este sistema, conservando sempre quartos do avião, modificando e afinando a fuselagem, cortando as asas, aumentando a força dos motores, os engenheiros russos conseguiram, sem desenhar propriamente os tipos de aviões, aproveitar os antigos desenhos de Tourel. Com estes métodos naturalmente a construção em si é extremamente facilitada, donde a superioridade técnica da aviação russa.

"Um aspecto interessante da técnica russa, é que ao lado gigantescos hexamotORES de bombardeio, eles constroem monoplaces de caça com dimensões minúsculas. O I-16, produzido em série desde julho de 1935, tem um motor de 12 CV, seis metralhadoras e sua envergadura é de 7m,75, comprimento de 6m50. Ele pesa, ao todo, mil e cem quilos. Comparado com os monoplaces de hoje, que pesam quatro toneladas e tem doze metros de envergadura, ele merece realmente o nome que os espanhóis lhe deram durante a revolução, de "Rata".

## VENDA NA A DEFESA NACIONAL

### LIVROS DO TEN.-CEL. LIMA FIGUEIRÊDO

ANO DE OBSERVAÇÃO NO EXTREMO-ORIENTE . . . . .	13\$500
JAPÃO FOI ASSIM . . . . .	20\$000
(Preços sem o porte)	



**PHOSPHOROS**

USEM  
DAS MARCAS

**SOL  
E  
YPIRANGA**

SÃO OS MELHORES E  
POR TODOS PREFERIDOS

**LOUÇAS**

cristaes, porcelanas,  
faianças, baixelas,  
faqueiros; serviço  
de jantar, chá e café  
e demais artigos pa-  
ra mesa, copa e co-  
zinha. Visite as gran-  
des exposições da

**LOJAS BRASILEIRAS**

as casas dos PRE-  
ÇOS MAIS CON-  
• VIGATIVOS •

ASSEMBLEIA, 90  
AV. PASSOS, 75

**A. THUN & CIA. LTDA.**

**Av. Almirante Barroso, 97 -- 8.º andar**

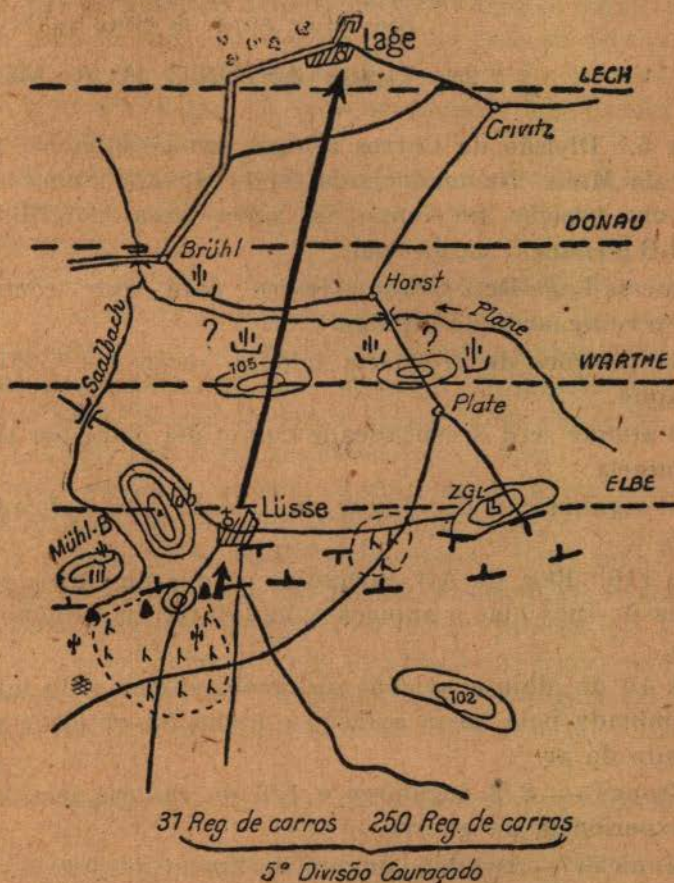
As melhores luvas e as mais belas gravatas

**FORMOSINHO**

RUA DO OUVIDOR, 136 - AV. RIO BRANCO, 145

O II/116.º Reg. Art. (P.C., PB, e P.O. acham-se indicados no esboço) apoiará o 31.º Reg. de Carros.

### Situação Particular



#### • Legenda •

- + Posições de Bia. ☪ Canhões anti-carro  
 Linha mantida pelos elementos em contato  
 ▲ P.O.

0 1 2 3 4 5 6 7 Kms.



# A ligação Artilharia-Carros

Tradução da Revista da Escola de E.M. do Ex. Norte-Americano. Sumário de um artigo da Revista de Artilharia do Ex. Alemão de Março de 1941.

Pelo **Capitão ANTÔNIO H. A. MORAIS**

A 5.<sup>a</sup> Divisão de Carros atingiu seu objetivo na tarde de 10 de Maio. Na madrugada de 11 deverá atacar o inimigo em posição ao longo da linha geral: Zgl-Luesse-Muehl-B e avançar na direção:

Luesse-Lage-Retz-Grabow-Jesern para agir contra o flanco e retaguarda do inimigo.

As posições de artilharia inimiga serão o 1.<sup>o</sup> objetivo do ataque.

O ataque será desencadeado com o dia claro por carros e infantaria.

A organização do ataque da Divisão está indicada no esboço.

O 116.<sup>o</sup> Reg. de Art. apoiará o ataque de carros com a maioria de suas bias e apoiará a infantaria, no mínimo com 3 bias.

A 10 de Maio a aviação de reconhecimento do inimigo foi dominada pela nossa aviação e assim foi obtida a superioridade do ar.

Tropas —  $\frac{2}{3}$  regulares e  $\frac{1}{3}$  da reserva, mas todos com experiência da guerra.

Munição — remuniamento realizado durante a noite. Cofres cheios.

Gasolina — reabastecimento de 80 %, durante a noite.

Transmissões — linhas postais destruídas.

Tempo claro.

Alvorecer — 4,18hs.

Anoitecer — 7,47 hs.

taria, Cavalaria e outras armas e serviços, porque relativamente elas são iguais e a vitória sorrirá unicamentē ao comandante que lançar ao combate seus tanks com maior habilidade.

No caso em que o terreno não ofereça posição de chassis desenhado, abrigo ou cobertura, o comandante do pelotão estabelece a superioridade de fogo no limite do alcance eficaz de suas armas, fazendo alto para tirar proveito da precisão do tiro. Logo que esta superioridade seja obtida o ataque é continuado pelo fogo e pelo movimento. A superioridade do fogo produz a cobertura do movimento.

Praticamente todo o terreno fornecerá cobertura suficiente se for usado com habilidade, e por isso aquela situação raramente se apresentará.

Se isto acontecer, entretanto, a situação dirá se o combate deverá ser ou não travado nessa zona particular ou se a ação deve ser levada para outro terreno mais favorável, para isso utilizando o poder de manobra. Em caso de ser a blindagem inimiga superior os tanks de ataque devem aproximar-se dos tanks inimigos até atingir uma distância eficaz para o tiro.

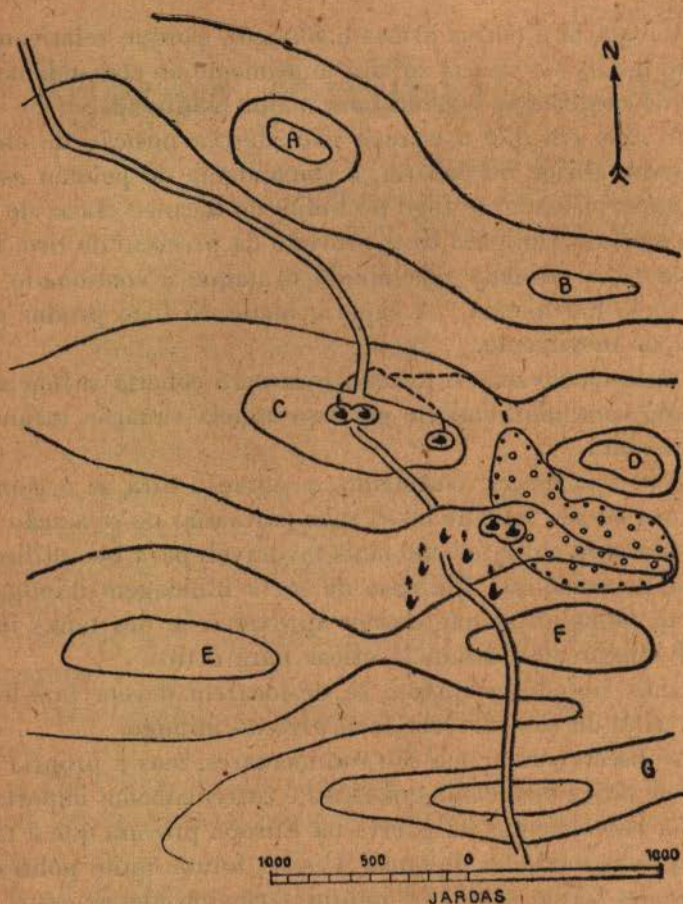
Tanks isolados enquanto se deslocarem devem fazê-lo em zig-zag afim de não oferecer facil alvo ao inimigo.

As observações acima são rudimentares, mas a própria concepção de tática elementar dos tanks é extremamente importante. Muitos acontecimentos da guerra na Europa provam que a tática das pequenas unidades de tanks Aliados foram muito pobres e a dos alemães foram sujeitas a improvisação em alguns casos. Os alemães eram tão superiores aos aliados que suas faltas não eram notadas.

Eu desejaria concluir esse trabalho com dois pensamentos:

- 1) Nunca duas situações táticas são idênticas. Portanto é impossível solucioná-las da mesma maneira. Não podeis substituir a análise pela memória.
- 2) Se pequenas unidades obtem sucesso no campo de batalha, o sucesso das unidades maiores está assegurado. Quando a grande unidade está vitoriosa a guerra está sendo levada a bom termo.





• ESQUEMA N.º 3 •

Legenda

- Tanques em movimento com a flecha indicando a direção.  
 (•) Tanks parados em posição de tiro, chassis desenfreados

tomar disposições contra elementos de movimento lento eles não podem fazer o mesmo contra unidades de tanks de valor semelhante.

Quando tanks se esbarram com tanks, eles devem empregar tática e técnica idênticas, que têm sido desenvolvidas pela Infan-

Essa ilustração leva-nos a nossa terceira idéia, a qual é enunciada: "a perfeita habilidade no emprego de tanks depende da completa utilização da sua mobilidade geral". Velocidade e capacidade de manobra são propriedades de tanks tão importantes como a blindagem e poder de fogo.

As falhas no seu emprego reduzem a eficácia dos tanks materialmente. Suponhamos que o terreno se apresenta como mostra o esquema n.º 3. Neste caso o tenente "A" observando da colina "A" veria que um envolvimento do flanco leste do pelotão inimigo teria muito mais possibilidade de sucesso do que um envolvimento pelo flanco oeste, porque:

- 1) seus tanks de envolvimento teriam um itinerário coberto para progredir e assim não seriam submetidos à observação ou ao fogo.
- 2) abrindo fogo subitamente sobre o flanco do pelotão inimigo. O elemento envolvente teria a vantagem da surpresa que é vital.

Isso ilustra o nosso quarto ponto principal na solução, o qual pode ser expresso: "as formações de tanks utilizam o terreno em seu próprio benefício e em desvantagem para o inimigo".

Assim é aparente que a teoria e prática da tática dos tanks é idêntica à de qualquer outra arma. A única diferença está na técnica, a qual deriva logicamente das considerações das relativas capacidades e servidões dos tanks. Se um tank pode mover-se através terreno fácil a 20 Km a hora e um infante pode andar 2 Km por hora conclue-se que a velocidade do tank é dez vezes maior que a do homem a pé.

Todos os fatores que dependem de velocidade, tal como manobra, devem portanto ser dez vezes superiores. O tempo está na razão indireta da velocidade, assim os valores que dependem do tempo, tais como a surpresa, distância, etc. serão grandemente superiores em favor do tank.

No caso do tank contra tank, entretanto os fatores relativos são iguais e por isso enquanto que tanks podem em segurança



lhos ,que se defrontam, esta habilidade provem somente do perfeito conhecimento da pequena tática e técnica e das possibilidades e limitações de suas armas. Isto resulta de instrução e treinamento, mas se ambos têm igualmente tido a mesma oportunidade, há ainda um outro fator que diferencia suas capacidades de chefes, o qual resulta da bravura pessoal, agressividade e outros atributos de carater que não podem ser moldados pela educação em nenhuma grande extensão.

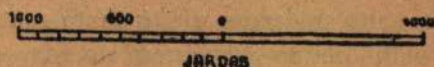
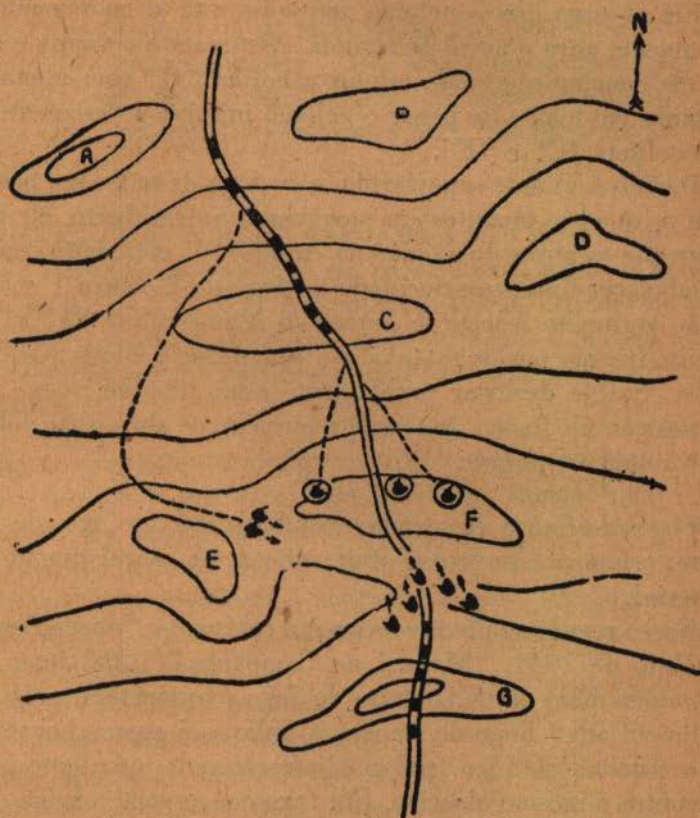
Consequentemente vamos considerar o Tenente "A" como muito agressivo enquanto que o Tenente "B" é mais cauteloso e concerta sua decisão mais vagarosamente.

De seu P. O. na Colina "A", o Tenente vê o pelotão do Tenente "B" na Colina "G".

Vê também o terreno na direção do Sul. Nós convenciamos que ele conhece o resto da situação. Sendo agressivo a idéia que ele faz da situação resulta da decisão imediata de mandar dois tanks rapidamente para a colina "F" seguindo pela estrada até a encosta S da colina "C" e depois atravez campo com instruções para apoderar-se dela antes que o pelotão vermelho pudesse atingi-la. Manda também dois tanks atravez campo na direção da colina "E" para atacar de flanco o pelotão vermelho.

Finalmente dirige seu próprio tank para um ponto entre os dois grupos como reserva. Todos os tanks atuam agressivamente, movendo-se rapidamente para posições com chassis desenfiados, das quais podem abrir fogo sobre o inimigo dentro do alcance eficaz de suas armas. O tenente "A" prescreve que o movimento de seus dois tanks envolventes para as suas posições de ataque se faça pelo itinerário coberto mais certo porque ele sabe que o inimigo tem mobilidade igual e não quer correr o risco de ver seu plano frustado por causa do detalhe.

Suponhamos que na marcha acima o Tenente "B" decide ao mesmo tempo fazer um lance rápido para a colina "C". Neste caso ele atingirá a colina "F" mais ou menos ao mesmo tempo que os tres tanks do pelotão do tenente "A" atingissem a colina "C" e os dois outros atingissem a encosta oeste da colina "C". Nenhum pelotão nessa circunstancia teria qualquer vantagem.



ESQUENA nº 2.

Legenda

- Tanques em movimento com a flecha indicando a direção
- ⊗ Tanques passados em posição de tiro, chassis desmontados.

Um terceiro ponto principal é a habilidade com que os tanks são usados individual ou coletivamente.

Quanto ao Tenente "A" comandante do pelotão de tank azul e ao Tenente "B" comandante do pelotão de tanks verme-



Ele observa que o pelotão vermelho está se movimentando rapidamente para o norte da estrada. Estimando o tempo e o espaço ele conclue que pode atingir a colina "C" com alguns de seus tanks em tempo de pegar o pelotão inimigo a descoberto entre as colinas "C" e "F".

Devido à grande superioridade de fogo de tanks em posição contra os que são tomados em movimento a descoberto, ele pode avaliar que se puzer dois tanks na colina "C" eles serão capazes de estabelecer uma superioridade de fogo de 2 contra 1 sobre o pelotão vermelho se este se mover ao N. da colina "F". Desta maneira ficará com dois tanks e o seu próprio livres para manobrar. Se ele deslocar prontamente estes sem ser vistos para uma posição no flanco do pelotão vermelho e abrir fogo, obterá mais vantagens porque:

- 1) Fogos de flanco de surpresa combinados com fogos de frente, criam um poderoso efeito eficaz tão moral quanto material.

Nosso regulamento de serviço em campanha "operações" de Maio de 1941, "Manual de Campanha" 100-5 item 537, página 121, diz: "O efeito do fogo é aumentado pela ação de enfiada. Fogo de flanco ou oblíquo é especialmente eficaz quando o fogo frontal for empregado simultaneamente *contra o mesmo objetivo. Um fogo convergente obriga o inimigo a defender-se contra ataques de diferentes direções e cria um poderoso efeito tanto material como moral*".

Se for obtida a surpresa no fogo de flanco seu valor será duplamente eficaz.

- 2) O lado de um tank apresenta melhor alvo do que sua frente e é mais vulnerável ao fogo do que a frente devido em parte a que a blindagem frontal é mais eficiente do que a lateral e de que um maior e mais vulnerável alvo é apresentado de lado.
- 3) Os tanks de manobra podem escolher nova posição com chasis desenhado enquanto que nos tanks pegados de flanco podem se achar completamente expostos (ver esquema 2).



frente, enquanto que os veículos do pelotão vermelho estariam totalmente expostos. Isto daria outra vantagem ao pelotão azul de 5 contra 1 (por estimação). Combinando esta com a do n.º 1 conseguimos uma vantagem de 25 contra 1.

- 3) Por outro lado é difícil acertar num alvo móvel; esse fato reduzirá o efeito do fogo do pelotão azul sobre o pelotão vermelho de 5 para 1. Em outras palavras, o poder de fogo de um tank em posição será mais ou menos o mesmo que o de 5 tanks em movimento em uma formação qualquer a descoberto.

Agora esta superioridade de fogo é ainda enorme e então podemos deduzir a primeira idéia para uma solução que é “no combate de um pelotão de tanks contra um pelotão de tanks o comandante do pelotão manobra seu pelotão de maneira a atingir uma posição com chassis desenhado de onde o fogo possa ser aberto dentro de alcance eficaz contra o pelotão inimigo enquanto ele estiver descoberto”.

Isto não será fácil porque o comandante do pelotão inimigo desejará obter vantagem semelhante.

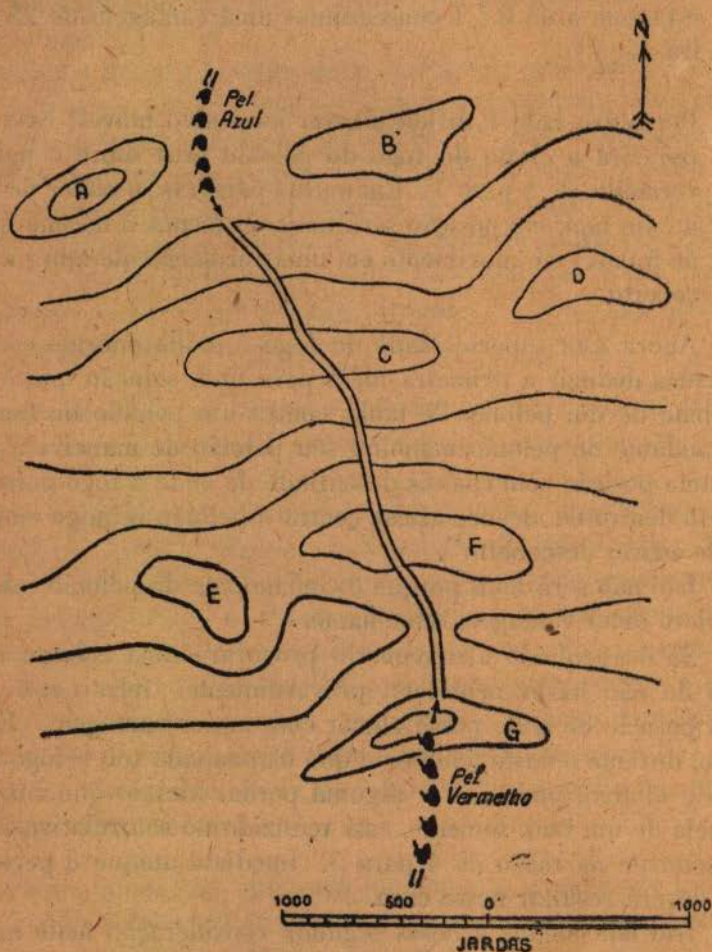
Se é apanhado a descoberto procurará uma coberta e em caso de não haver nenhuma, provavelmente retrair-se-á para uma posição de onde possa atacar com maior vantagem. Entretanto, durante o curto tempo em que é apanhado sob o fogo ajustado e efetivo, pode sofrer alguma perda. Mesmo que sua perda seja de um tank sómente, está reduzido no seu relativo poder de combate na razão de 4 para 5. Imediato ataque e perseguição deverá resultar nesse caso.

Isto nos conduz á nossa segunda consideração mais importante a qual é “O Comandante do pelotão procurará usar a mobilidade de seus tanks para conseguir em boas condições vantagens sobre o inimigo”.

Agora suponhamos que o comandante do pelotão azul, fazendo um rápido reconhecimento pessoal da colina “A” vê que o terreno para o sul consiste de uma maneira geral, numa série de garupas com as cristas orientadas de leste para oeste.



culos em movimento (tenho a impressão consequente de minha própria experiência de que a precisão relativa será no mínimo de 5 para 1).



ESQUEMA N.º 1

Legenda

— Tanques em movimento com  
o flecha indicando a direção.

- 2) Sómente a torre dos tanks do pelotão azul seriam visíveis e o corpo dos tanks seriam protegidos pela Colina em sua

Esta é a razão básica dos sucessos germânicos na presente guerra com a sua "tática de punhaladas" ou o emprego de pequenas e moveis unidades para ferir pontos importantes da posição inimiga.

Suponhamos a aplicação dessas idéias no combate de um pelotão de cinco tanks contra igual força inimiga de maneira a fazer ressaltar melhor os princípios do combate rápido, como a superioridade de fogo pode ser obtida inicialmente e como ela pode ser mantida até que o pelotão inimigo seja derrotado e destruído ou abandone o terreno.

Afim de não estabelecer confusão tratando de um grande número de fatores tais como doutrinas, valor do Chefe, moral, etc. nos limitaremos a uma discussão dos fatores mecânicos somente. Nós admitimos que cada pelotão tenha abundantes informações a respeito do outro.

Para nossas finalidades consideremos a distância relativa que separa os dois pelotões como nos mostra o esquema n.º 1. Se ambos proseguirem a marcha rapidamente, os fatores tempo e espaço indicam que o pelotão azul atingirá a Colina "C" ao mesmo tempo em que o pelotão vermelho atingirá a Colina "F" e nenhuma vantagem inicial resultará para um ou para outro.

Nesse caso a fase atual do combate iniciar-se-á no momento de alcançar as citadas Colinas.

Se um pelotão consegue encontrar meios para retardar o outro, acontecendo por exemplo, que o pelotão azul possa atingir a Colina "F" enquanto o pelotão vermelho ainda permanece na Colina "G" não haverá, da mesma forma, vantagem para nenhum deles. Por outro lado se o pelotão azul puder atingir a Colina "F" e colher o pelotão vermelho em movimento entre as colinas "F" e "G" ou se o pelotão azul puder atingir a Colina "C" desenvolver-se e abrir fogo sobre o pelotão vermelho em movimento entre as colinas "C" e "F" ele terá grande vantagem pelas razões seguintes:

- 1) O pelotão azul estando parado ficará em condições de fazer um fogo ajustado enquanto que o fogo do pelotão vermelho será muito impreciso devido à instabilidade dos veí-



# PELOTÃO DE TANK

## VERSUS

# PELOTÃO DE TANK

Pelo **Ten.-Cel. V. W. B. WALES**, Cav.

Traduzido da "Military Review", publicação da E.E.M. Norte-Americana.

Do **Major ADALBERTO PEREIRA DOS SANTOS**

No noticiário já chegado e no que está recentemente chegando dos campos de batalha europeus há muito pouca informação a respeito do combate de unidades de tank contra tanks.

Indubitavelmente muitas lições serão apreendidas nesse assunto, da invasão alemã na Rússia, mas haverá muito tempo até que as descrições aqui cheguem e para que se possa avaliar as informações nelas contidas. Nesse meio tempo nós nos devemos preparar para uma efetiva participação na guerra e não podemos ficar inativos.

Todas as forças combinam o fogo e o movimento no ataque mas as que possuem mobilidade relativa menor não podem fazê-lo tão velozmente como as que são capazes de uma manobra mais rápida.

O tempo é um dos elementos mais vitais na guerra moderna.

Um ataque pelo lento movimento de tropas a pé dá tempo para que o inimigo se reorganize e então mais força deve ser ajuntada ao ataque para compensar a perda de tempo. Essa foi a razão básica do insucesso no rompimento completo das posições inimigas tanto dos Aliados como das Potências Centrais na primeira guerra mundial. Por outro lado o movimento rápido de forças ganhando o benefício do tempo, não necessita de muito poder para operações efetivas.

Imediatamente após o recebimento da ordem de ataque que forneceu a base de organização do combate, o Cmt. do 31.º Reg. de Carros e o do II/116.º Reg. Art. se reuniram e discutiram em detalhe o apoio da Artilharia baseado nos reconhecimentos realizados durante a tarde.

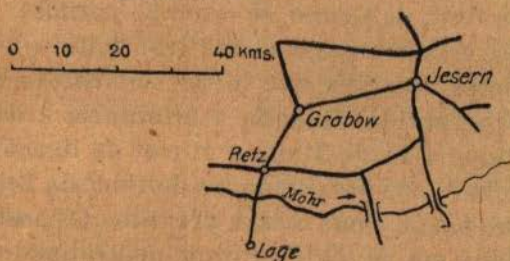
O Cmdo. do dest. de ligação do II/116.º Reg. Art. que estava presente à reunião funcionará junto ao Cmt. do 1/31 Reg. de Carros.

O oficial de ligação informará ao Cmt. do Btl. de Carros a respeito da organização da observação do Grupo e das bias. e das possibilidades para um efetivo apoio.

O oficial de ligação em sua conferência com o Cmt. de Carros assentou:

- 4.ª bia. — acompanhará a 1.ª Cia. de Carros;
- 5.ª bia. — acompanhará a 3.ª Cia. de Carros;
- 6.ª bia. — acompanhará a 2.ª Cia. de Carros.

### Situação Geral



Os Cmts. de bia. deixarão seus P.O. e acompanharão o ataque em carros blindados de observação logo que o ataque progrida.

Os Cmts. de bia. darão ordens para neutralizar as armas da defesa durante o ataque particularmente na zona de segurança dos Carros entre Muehl-B e a Colina 106.

Quando o ataque começar o II/116 Reg. Art. e, se necessário, também o Grupo de artilharia pesada atirarão granadas



Imediatamente após o recebimento da ordem de ataque que forneceu a base de organização do combate, o Cmt. do 31.º Reg. de Carros e o do II/116.º Reg. Art. se reuniram e discutiram em detalhe o apoio da Artilharia baseado nos reconhecimentos realizados durante a tarde.

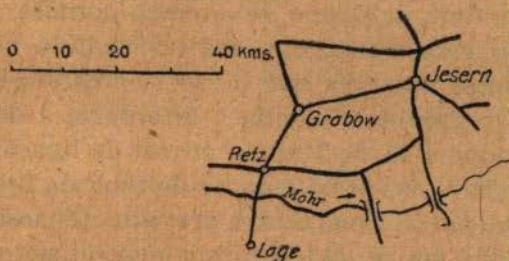
O Cmdo. do dest. de ligação do II/116.º Reg. Art. que estava presente à reunião funcionará junto ao Cmt. do I/31 Reg. de Carros.

O oficial de ligação informará ao Cmt. do Btl. de Carros a respeito da organização da observação do Grupo e das bias. e das possibilidades para um efetivo apoio.

O oficial de ligação em sua conferência com o Cmt. de Carros assentou:

- 4.<sup>a</sup> bia. — acompanhará a 1.<sup>a</sup> Cia. de Carros;
- 5.<sup>a</sup> bia. — acompanhará a 3.<sup>a</sup> Cia. de Carros;
- 6.<sup>a</sup> bia. — acompanhará a 2.<sup>a</sup> Cia. de Carros.

### Situação Geral



Os Cmts. de bia. deixarão seus P.O. e acompanharão o ataque em carros blindados de observação logo que o ataque progrida.

Os Cmts. de bia. darão ordens para neutralizar as armas da defesa durante o ataque particularmente na zona de segurança dos Carros entre Muehl-B e a Colina 106.

Quando o ataque começar o II/116 Reg. Art. e, se necessário, também o Grupo de artilharia pesada atirarão granadas

Ele reconheceu o perigo no flanco dos seus carros avançando perto de Luesse. Não havia tempo para um rebatimento e além disso um ataque de carros seria impossível em terreno montanhoso.

A artilharia seria bastante para prestar essa assistência. O Cmt. do Btl. de Carros entrou em comunicação rádio com o oficial de ligação e pediu o tiro de artilharia sobre as armas inimigas agindo contra o seu flanco esquerdo. O oficial que já conhecia o terreno, verificou o perigo que ameaçava o flanco do ataque e em consequência designou novos objetivos para seu Grupo pelo rádio.

O Grupo respondeu o seguinte:

"No momento as transmissões com as bias. são difíceis. Entre em ligação com os Cmts. de bia. e designe os objetivos".

Essa ordem foi recebida justamente no momento em que os carros pediram o apoio da artilharia.

O oficial de ligação reconheceu o carro do Cmt. da 6.<sup>a</sup> bia. e lhe pareceu que o mesmo se dirigia para uma depressão. Logo depois constatou, quando parou seu carro, que estava numa colina.

O oficial de ligação dirigiu-se, então, em sua direção com seu carro. Como a Colina permitisse a cobertura, ele saltou do carro e informou ao Cmt. da bia. a respeito dos novos objetivos.

Logo após esse encontro, ele também informou, pelo rádio, ao outro Cmt. de bia sobre os objetivos no flanco esquerdo.

Quando os nossos carros estiverem além de Luesse e não houver nas imediações nenhum perigo ameaçando a extremidade dessa aldeia, o tiro das bias. será logo dirigido contra os canhões anti-carro assinalados no flanco esquerdo. Em pouco tempo aqueles canhões foram reduzidos ao silêncio.

Muehl-B e colina 106 foram evacuadas pelo inimigo e o avanço sobre as PB. inimigas além de Luesse é continuado pelos nossos carros.



Pela constante comunicação com o Cmt. da artilharia, o destacamento de ligação é informado de todas as mudanças de posição que as bias. fizeram ou vão fazer. A mudança de posição é somente encarada depois que os carros apoiados penetrarem na região de desdobramento das bias. inimigas. A mudança prematura de posições deixariam os carros sem apoio da artilharia exatamente no momento em que a penetração se realizava.

A artilharia que está apoiando os carros deve fazer o máximo uso do seu alcance, uma vez que ela entra em posição atrás de uma frente constituída. Se uma mudança de posição se torna necessária, o oficial de ligação será informado das regiões das novas PB. bem como do tempo necessário à abertura do fogo.

Tal mudança de posição é de grande importância para o Cmt. do Btl. de Carros. Ele deve insistir para que a mudança de posição não seja feita quando seus carros estiverem se reunindo.

A coordenação das duas armas só será possível se o Cmt. do Btl. de Carros for avisado com antecedência pelo oficial de ligação da necessidade de avançar as bias. por causa da deficiência de alcance. Ele pode, então, com auxílio da carta e com o conhecimento do terreno e da progressão do ataque, dar ordens para a reunião de seus carros sob a proteção de artilharia quando essa estiver outra vez pronta para atirar. Ou por outra, oficial de ligação informa ao Cmt. do Grupo a respeito da intenção do Cmt. do Btl. de Carros de reunir seus carros afim de que a proteção da artilharia seja realizavel dentro de tempo dado.

O oficial de ligação pode, temporariamente, representar o Cmt. do Btl. de carros em conferencias com o Cmt. do Grupo.

Quando o Cmt. do Grupo se desloca para seguir o ataque não é sua obrigação ficar constantemente junto ao Cmt. do Btl. de Carros. Sua missão durante o engajamento é colocar suas bias. em posições tais que sejam capazes de apoiar



os carros pelo fogo concentrado, especialmente sobre os objetivos mais ameaçadores.

O Cmt. do Grupo deve, ele mesmo, dar ordens designando as novas regiões de desdobramento, que muitas vezes, de acordo com a situação de conjunto, não coincidirão com a opinião dos Cmts. de bia que só têm diante de si uma zona limitada. Muitas vezes é necessario que o Cmt. do Grupo designe pessoalmente certos objetivos.

Das considerações acima é obvio que o Cmt. do Grupo não pode seguir de perto o Cmt. do Btl. de Carros.

Ele não ficará amarrado num lugar mas deve estar livre para mover-se. Quando as bias. se deslocam para a frente ele deve decidir sobre as novas posições, repartir os objetivos e procurar ajudar os carros por concentrações de tiros.

O oficial de ligações toma providencias para provocar troca de opiniões entre a unidade de carros e o Cmt. da artilharia, com o fim de assegurar o necessário apoio. A situação permitirá, muitas vezes, a conversação entre o Cmt. do Btl. de Carros e o oficial de ligação através da abertura das portas do carro durante a qual esse último apreenderá os planos do Cmt. da unidade de carros e em consequência ele pode esclarecer o apoio de que o Grupo será capaz.

Semelhantes conversações que deveriam ser procuradas frequentemente são possiveis se o oficial de ligação ficar perto do Cmt. da unidade de carros.

O oficial de ligação é, nas questões de artilharia, quasi sempre, consultado pelo Cmt. da unidade de carros antes de tomar qualquer decisão.

E' um erro para o oficial de ligação responder da seguinte forma: "Sim, meu Grupo pode fazer isso".

Se ele durante o engajamento promete demasiadamente ou limita as possibilidades técnicas da Artilharia, comete, nos dois casos extremos, grave erro. A segurança das palavras do oficial de ligação constitue a base do sucesso.

Se o Cmt. do Btl. de Carros sabe que o prometido apoio será dado, ele tambem escutará do oficial de ligação: "Não", quando os pedidos não puderem ser satisfeitos. Ele imagina



que o artilheiro conhece a sua arma e que no caso em questão o apoio da artilharia não pode ser feito. O chefe dos carros levará em conta a situação da artilharia para tomar as suas decisões e nesse caso ele terá certeza das possibilidades de apoio por parte da artilharia.

## **CASA LOHNER** S. A. MÉDICO - TÉCNICA

Fabricação de aparelhos Médico-Cirúrgicos e Dentários

Fornecedora da D. S. E

RIO DE JANEIRO

SÃO PAULO

Agentes e Representantes em todo o Brasil

## **A ARTE FLORAL**

JORGE HEUSELER

Rua Gonçalves Dias, 17 • Tel. 22-8260 • 22-3901

RIO DE JANEIRO

ELETRICIDADE

**MANOEL V. RIOS**

Avenida Rio Branco, 186 - 3.º - Sala 21 - Telefone 23-2393

# O TRANSFERIDOR UNIVERSAL

## MAIS UMA APLICAÇÃO

Pelo Cap. LINDOLPHO FERRAZ FILHO

Já é por demais conhecido, entre nós artilheiros, o "transferidor universal" e que tanta aceitação vem tendo, já pela facilidade e simplicidade de seu emprego, já pelos inúmeros problemas que ele resolve.

Com seu auxílio podemos passar de um sistema de coordenadas polares a outro também de coordenadas polares, necessitando apenas o conhecimento:

- da posição relativa dos polos
- do ângulo formado pelos eixos polares.

Essas transformações de coordenadas tem aplicação nos seguintes casos:

- 1) Determinar, para uma peça, os ângulos de transporte e distância de um objetivo visível de um observatório.
- 2) Designar, por coordenadas polares, a um observatório, um objetivo visível de outro observatório.
- 3) Determinar os elementos de tiro de um objetivo em relação a uma peça, quando conhecemos esses elementos em relação à outra peça.
- 4) Designação de objetivos pelo Cmt. do Grupo aos Comandantes de Bateria, quer em relação a seus observatórios, quer diretamente às suas baterias (linhas de fogo).
- 5) Determinar, pelo tiro, a posição relativa dos observatórios e baterias de um Grupo.
- 6) Referenciação muda do terreno, no caso do tiro à vista.

—No decorrer dos exercícios de tiro de Grupo, manobras do Curso de Artilharia e Exercícios de Conjunto Infantaria/Artilharia, da Escola das Armas, outros problemas surgiram e estavam pedindo solução.



Eram eles:

1) Conhecidas as coordenadas retangulares de um objetivo, determinar seus elementos topográficos (ângulo de transporte e distância) em relação a um observatório ou posição de bateria.

2) Controlar os elementos tirados do “plano de conjunto”, pela “Central de Tiro” e fornecidos às baterias, toda vez que os objetivos são designados por coordenadas retangulares.

3) Determinar as coordenadas retangulares, a serem transmitidas às baterias (caso do emprego do ábaco de correções planimétricas) quando o objetivo foi designado por coordenadas polares.

— Tais problemas, tão necessários no “**tiro de Grupo**”, ao **Oficial de Ligação** ou ao “**observador avançado**” do Grupo ou bateria, podem se resumir em:

— “**TRANSFORMAR COORDENADAS RETANGULARES EM POLARES OU VICE-VERSA**”.

Os instrutores do Curso de Artilharia deram a solução que se segue:

— Sobre uma folha de papel calco, quadriculado na escala do transferidor universal, numeram-se as quadrículas (Km) e loca-se o **observatório do Grupo**, por exemplo. Vide Fig. n.º 1.

— Traça-se, pelo ponto locado, a direção de Vigilância do Grupo.

— Na impossibilidade e dificuldade de coincidir esse ponto do papel calco com a origem da régua do transferidor (parafuso), marca-se sobre a vigilância traçada, um ponto à distância de 5 centímetros, por exemplo.

Igualmente sobre a vigilância do transferidor.

— Coincidem-se os pontos do papel calco e transferidor, fazendo também com que a direção de vigilância do calco fique paralela às linhas verticais do transferidor.

— Uma vez isto conseguido, fixa-se o papel calco no transferidor e dobra-se ou rasga-se a parte excedente ou desnecessária.

— Está pois o transferidor equipado e em condições de resolver os problemas a que nos propusemos, isto é, “**transformar coordenadas retangulares em polares ou vice-versas**”.

**Procedimento final** — Uma vez conhecida as coordenadas retangulares de um objetivo loca-se-o no calco. Com a régua do transferidor universal faremos as leituras  $\alpha$  e  $D$  relativas ao objetivo locado e assim teremos suas **coordenadas polares**, no sistema em que o observatório do Grupo é “polo” e a direção de vigilância o “eixo polar”.

Se quisermos obter agora as coordenadas polares em outros sistemas polares cujos polos sejam observatórios ou posições de baterias, cairemos nos casos já conhecidos e basta que se tenha um outro calco com os novos polos locados e a direção do eixo polar traçada.

Coincide-se o ponto do Observatório do Grupo com o do Objetivo locado e fazem-se as leituras correspondentes.

**EXEMPLO:** — Carta da Vila Militar — 1/20.000.

Um Grupo 75 Krupp ocupa as seguintes posições:

Observatório do Gr. e 1. <sup>a</sup> Bateria	{	95.640
		101.080
		73
Obs. 2. <sup>a</sup> Bateria	{	95.640
		100.710
		50
Obs. 3. <sup>a</sup> Bateria	{	95.400
		100.500
		38
L. F. 1. <sup>a</sup> Bateria	{	97.090
		100.000
		30
L. F. 2. <sup>a</sup> Bateria	{	96.960
		100.240
		48
L. F. 3. <sup>a</sup> Bateria	{	95.500
		100.040
		62



Vide Fig. n.º 2 — as posições locadas.

O Grupo tem como Direção de Vigilância a de lançamento 5000".

**Solução:** — Toma-se um papel calco quadriculado na escala de 1/20.000 e numeram-se as quadrículas (Km) que que interessam à zona de objetivos e à locação do observatório do grupo — Para o caso: de 91 a 96 e 100 a 104.

— Loca-se o Observatório do Grupo e traça-se a D. V. = 5000". Marca-se o ponto de afastamento 5 centímetros.

— Superpõe-se o calco ao transferidor, fazendo-se a coincidência dos pontos marcados no calco e no transferidor a 5 cm e também o paralelismo da Direção de Vigilância com as linhas verticais do transferidor. Fig. n.º 1.

— Rasga-se ou dobra-se a parte do papel calco que não interesse.

Uma vez conhecida as coordenadas retangulares de um objetivo (centro)

93.610  
102.440  
30

para transforma-las em polares em relação ao P. O. do Gr. e às posições de 3 Baterias, basta:

- 1) localizar o objetivo no papel quadriculado
- 2) superpor o calco da Fig n.º 2, com a posição relativa do Gr., fazendo a coincidência do **Objetivo** com o **P. O. do Gr.**, tendo a Direção de Vigilância **invertida**
- 3) fazer, com a régua do transferidor universal, as leituras correspondentes para as diferentes posições de Observatórios ou posições de Bia.

— Encontraremos as **coordenadas polares** que se seguem :

P. O. do Grupo —	{	Vig. n.º 1 — 400 "	2430m
1. <sup>a</sup> Bateria —	{	Vig. n.º 1 — 295 "	3920m
2. <sup>a</sup> Bateria —	{	Vig. n.º 1 — 390 "	3990m
3. <sup>a</sup> Bateria —	{	Vig. n.º 1 — 505 "	3750m

**Casa das Meias**

**ARMEM WOSKERSIAN**

Rua Arthur Machado, 12

Uberaba

Minas

**AUTO S. LUIZ**



Vulcanização e Recautchutagem de  
Pneus.— Pneus novos e Reformados.

Material para Vulcanização. — Acessórios, etc.

**Santos & Carvalho**

Caixa Postal, 207 - Fone, 401

Av. Afonso Pena, 654

Uberlandia Minas



# Casa Japoneza

Especialidade em: Chá, Cêra, Papeis, Mistura para passaros, Aveia para cavalos e todos os artigos congeneres Nacionais e Estrangeiros — Chimarrão Gaucho e Paraná.

A. Mendes Carneiro & Cia.

RUA DA QUITANDA, 47 - Loja — Tel. 23-3700 — RIO

## A IBERICA

Bem montada fábrica de Bafas, Caramelos, Bombons, etc.—Especialidade em Rebuçados, Pectorais, Bafas de côco e de mel, Doces tipo Pimentão e Maçã—Rigorous asseio.

## IRMÃOS ABATE

PROPRIETARIOS

TELEFONE, 468

Rua Dr. João Pinheiro, 91

Uberaba-Minas

# Casa Aliança

(A Rainha do Alto São Benedicto)

Grande sortimento de Sedas, Brins, Linhos, Casimiras, Enxovais para Casamentos, Meias em Geral, Perfumes Nacionais e Estrangeiros, Calçados, Chapéus, etc.

José Felipe Miziara

RUA TRISTÃO DE CASTRO, 82 - Phone 341 - UBERABA - Minas

# Moacyr Theodoro Junqueira

Negociante de gado

RUA VIGÁRIO SILVA, 36 -- UBERABA  
MINAS GERAES

# A condição Militar Alemã e o valor do soldado alemão

O CORONEL DO ESTADO MAIOR SUIÇO  
Dr. DÄNIKER, em artigo publicado na imprensa  
suiça, fez uma apreciação dos diversos fatores, de  
que resultaram os êxitos militares alemães em 1939  
e 1940.

## 1. — O PROBLEMA ESTRATÉGICO

Depois do Alto Comando do exército alemão se ter con-  
cido de que poderia obrigar o adversário a uma guerra  
e movimento, coube-lhe a resolução de **problemas estraté-  
gicos inteiramente diferentes** do que os que se apresenta-  
m aos comandos francês e inglês. Era possível pensar  
em operações de guerra semelhantes às de Napoleão, Moltke  
Schlieffen, sem contudo querer imitá-los, porque atual-  
mente são outras as condições táticas, sobretudo em vista  
do extraordinário desenvolvimento dos recursos técnicos.  
Seria inadmissível querer adotar processos estratégicos do  
passado. Entretanto, não acontecia o mesmo quanto a certas  
gras inabaláveis da estratégia de todos os tempos, cuja  
aplicação racional conduziu à vitória os grandes chefes mi-  
tares da História. Não só havia, pois, oportunidade para  
idealização de novos planos, como as condições do mo-  
mento estavam mesmo a exigir um comando verdadeiramente  
genial, sem o qual não seria possível dominar a situação.

Como em 1914, apresentava-se novamente o problema  
da **guerra em duas frentes**. Desta vez, porém, a diploma-  
a conseguira simplificar sensivelmente o problema mi-  
ar. Devido à exclusão da Rússia das fileiras inimigas, o  
ampo de ação no Oriente europeu ficara reduzido a uma



extensão relativamente pequena. Além disso, os entendimentos com a Slovaquia e a Hungria permitiam que a situação geográfica resultante da criação, na primavera de 1938, do protetorado da Boêmia e da Morávia viesse favorecer o desenvolvimento da campanha nessa frente. A diplomacia e o comando militar obedeciam a uma só cabeça, — o que constituía outro traço marcante do atual comando alemão — achando-se intimamente ligados e funcionando de perfeito acordo um com o outro, do que resultava o fortalecimento de ambos. O comando alemão demonstrou, além disso, não obstante a permanente tensão de espírito, a que estava sujeita uma extraordinária capacidade de discernimento e de decisão. A Guerra Mundial havia sido considerada pelos críticos militares alemães, com referência ao próprio comando, como a “guerra das oportunidades perdidas”. Na época atual, poder-se-ia falar, pelo contrário, em uma “guerra das oportunidades bem aproveitadas”.

A questão se a guerra deveria ser decidida primeiro no Oriente ou no Ocidente que, antes da Guerra Mundial, fôra até o último momento amplamente debatida e que, depois da guerra ainda constituía assunto de discussão, pôde em 1939 ser resolvida mais facilmente. A decisão de que a Polónia teria de ser vencida em primeiro lugar era, por assim dizer, intuitiva; no que, sem dúvida, influiu grandemente o fato de que o “baluarte do ocidente”, cuja construção fôra entremetida, extraordinariamente consolidada, oferecia uma poderosa linha de defesa contra a França. Além de haverem os fatos posteriores confirmado o acerto dessa decisão que servira de base aos planos estratégicos alemães, não parece ter havido desta vez razões para controvérsias sobre a questão do início da guerra, como acontecera antes e depois da Guerra Mundial.

Achando-se, assim, resolvida a imediata ofensiva contra a Polónia, restava a pergunta como se deveria portar o exército do ocidente. Entre a ofensiva e a defesa passiva havia muitas outras possibilidades. Conhecia-se perfeitamente na Alemanha a concepção das potências ocidentais



bre os métodos de guerra a serem postos em prática. Era de se esperar que os franceses e os ingleses não empreendessem, desde logo, um ataque sério contra o "baluarte ocidental". — A fraqueza bélica das potências ocidentais, no princípio da guerra, não constituía segredo. Dever-se-ia contar, porém, em face dos projetos franco-britânicos, com o rápido desenvolvimento da atividade armamentista do adversário, de modo a tornar o seu poderio, de dia a dia, maior.

Entretanto, verificou-se, depois, a lentidão com que, na realidade, se processava o equipamento do inimigo. Essa circunstância poderia ter aconselhado a não permanecer em atitude passiva no ocidente, mórmente em vista de existirem ainda consideráveis forças disponíveis, apesar da campanha na Polônia. Não foi, entretanto, tomada nenhuma resolução nesse sentido nem procurou-se impedir — o que sem dúvida teria sido fácil — a aproximação cuidadosa das forças francesas da linha de defesa alemã e a consequente entrada das mesmas em território do Reich. Resultou daí, nesse "front", na "guerra singular", que causou admiração, principalmente do lado contrário, dando origem aos mais desconhecidos comentários e, por vezes, também a conclusões falsas. É possível que a Alemanha alimentasse a esperança de fazer a paz com as potências ocidentais, depois da derrota na Polônia. Tal plano teria sido prejudicado, sem dúvida, por qualquer ação bélica intensa. Entretanto ainda havia outros fatores ponderosos, que decidiram a atitude passiva do exército alemão no ocidente — a qual não sofreu sensíveis modificações com a atividade das patrulhas. — Não é, porém, desses fatores que queremos nos ocupar aqui; é mais importante constatar-se que o Alto Comando alemão mostrou no "front" ocidental uma moderação, de que não seriam capazes os cérebros acanhados. Também nessa moderação houve dedo de mestre. E' um dos métodos característicos do atual comando alemão a concentração máxima de forças no local decisivo, não permitindo o desperdício de energias. Isto não se dá apenas na esfera de ação do Alto Comando, mas pode ser observado igualmente nos movimen-



tos das unidades menores. Depois de reconhecida claramente a situação, são reunidos, sem delongas, os contingentes necessários afim de se conseguir, no local escolhido, uma decisão rápida. O comando que pretender conduzir a guerra sem meias medidas, deverá ter a calma necessária para esperar. Não se trata evidentemente de uma espera passiva e conformada com o que der e vier, mas da vigilância atenta de quem aguarda, pronto para a luta, pelo momento oportuno. O comando alemão aprendera, durante os últimos anos, a esperar, em constante prontidão, pelos acontecimentos. Depois do fato consumado pode parecer que tudo era muito fácil. As regras da estratégia são, como é sabido, antes de tudo as do bom senso. Por este motivo as ações decisivas dos grandes estrategistas parecem, depois de realizadas, muito simples, muito naturais, quasi que obrigatórias. Esquece-se, todavia, que é extremamente difícil, durante o desenrolar dos acontecimentos, quando uma infinidade de detalhes insignificantes perturbam a percepção clara das cousas, achar e aplicar precisamente a solução certa, que depois parece tão simples.

Isso não acontece apenas em relação às diretrizes gerais da guerra; dá-se igualmente com os **planos e a direção das operações propriamente ditas**. Assim, a maneira de ser conduzida a **campanha da Polônia**, foi por muitos considerada como a solução obrigatória, que não poderia deixar de ocorrer a quem quer que fosse. De fato, um rápido olhar sobre o mapa poderia facilmente induzir a um julgamento dessa ordem. A Polónia limitava em três lados com território alemão ou eslovaco. O corredor polonês não passava para o observador superficial, de uma pequena falta de continuidade. O que seria mais natural do que um ataque concêntrico, partindo da linha limitrofe. Entretanto, as cousas não eram assim tão simples como pareciam. Quem estudar sobre o mapa o desenrolar de operações militares, não deve, afim de não incorrer em erro, deixar de levar em conta a escala. Para que uma manobra resulte de fato em **operação concêntrica**, é preciso que a ação bélica, em determinado ponto, se



reflita imediatamente sobre a ação em outro ponto, quer ameaçando as comunicações da retaguarda, quer forçando o inimigo ao deslocamento de forças, com influência direta sobre o desenvolvimento da luta em ambos os pontos. No início da campanha da Polônia, havia uma distância de cerca de 500 km entre o extremo da ala direita alemã, situada na Eslováquia e formada pelo grupo de exércitos do Sul e o extremo da ala esquerda, formada pelo grupo de exércitos do Norte, que operava na fronteira da Prússia Oriental. Não há dúvida que os recursos técnicos modernos, com que facilmente se conseguem vencer grandes distâncias, reduzem, de algum modo, a área da luta, permitindo que se empreguem hoje outros padrões de medida do que antigamente. Isto é certo — entretanto, para que essa “redução da área” pudesse ser tornada efetiva era preciso que houvesse liberdade de movimento. Assim, diante das defesas consideravelmente reforçadas, surgiu como primeiro problema, de cuja solução dependeria a possibilidade de ser realizada uma operação concêntrica, a questão se seria possível ou não **romper as linhas defensivas e obter liberdade de movimento**. Caso as forças polonesas tivessem podido manter as suas posições, ainda que fossem apenas em alguns pontos, a campanha não teria, desde logo, tomado a forma de operação concêntrica, com o seu desenvolvimento característico. A situação estratégica teria sido, em tal caso, inteiramente outra e teria obrigado os alemães a tomarem medidas diferentes. Em face do que se observou durante o primeiro ano de guerra, não pode haver dúvida de que o Alto Comando alemão também teria dominado facilmente a situação, mesmo se tivesse ocorrido essa hipótese. A operação, que hoje se nos afigura como manobra muito simples, não podia, entretanto ser tentada sem que houvesse certeza de que seria, novamente, possível forçar a guerra de movimento e de manter a continuidade desse movimento no campo de batalha. A convicção ou antes a crença ousada de que isso seria possível, só tinha, antes da guerra, o Alto Comando alemão, discordando de todos os temas técnicos militares do mundo.



Tendo em vista que os efeitos da operação concêntrica só poderiam se fazer sentir depois de ter sido **suficientemente reduzida a área** do campo de batalha, tornava-se necessário que os movimentos fossem executados com extrema presteza. A rápida e vigorosa avançada do 10.º exército, amparado pelo 8.º, levada a efeito em direção a Varsovia, reduziu, desde logo, extraordinariamente o campo de batalha. Essa avançada, considerada isoladamente, consistiu numa operação de ruptura de enormes proporções, cujas consequências permitiram a batalha de envolvimento de Kutno. Sómente para essa operação pode ser empregada a expressão de "Cannas", na acepção de Schlieffen. A avançada em direção a Varsovia havia sido necessária, primeiro, para se conseguir que os combates nesse ponto tivessem imediato reflexo sobre o desenvolvimento da ação nos demais pontos e, depois, afim de evitar, o quanto possível, que os poloneses retirassem as suas forças da Posnânia.

Sob esse mesmo ponto de vista, pode ser igualmente considerada, como operação destinada a "reduzir a área" do campo de batalha, a rápida derrota da Holanda em maio de 1940, logo no início da nova ofensiva. Efeito idêntico teve o avanço, em junho de 1940, de parte do grupo de exércitos A, através do planalto de Langres, em direção à fronteira suíça, de que resultou a divisão do enorme campo de batalha em duas partes, desenvolvendo-se na parte ocidental uma campanha de perseguição, enquanto que na área oriental foi levado a efeito o cerco do exército francês de Leste, o qual constituiu uma ação no estilo de "Cannas". O avanço das forças blindadas alemãs para a desembocadura do Somme, perto de Abbéville, que se seguiu à ruptura do prolongamento da linha Maginot, entre Maubeuge e Carignan, deve ser considerada como **ação preparatória de um movimento envolvente** e além disso como **delimitação do campo de batalha** para o Sul.

O sucesso das operações alemãs na Polônia, nas proporções observadas, só foi possível em face dos "serviços" prestados pelo adversário, do gênero dos prestados pelo con-



sul romano Terêncio Varrão a Aníbal. A maneira como foram dispostas as forças polonesas, assim como os seus planos de combate demonstram o mais absoluto desconhecimento da realidade e uma apreciação extremamente exagerada das próprias possibilidades. Teria sido admissível, de parte do exército polonês, no máximo, um ataque concêntrico contra a Prússia Oriental, enquanto se conservasse na defensiva no resto do "front", que, ademais, não deveria ser mantido ao longo da fronteira e sim mais para o interior, com aproveitamento inteligente dos acidentes geográficos. Em vez disso, o grosso do exército polonês concentrou-se em Posen, para daí avançar contra Berlim ou atacar o flanco do exército alemão que tentasse invadir, da Pomerânia, o corredor ou, então, fazer o mesmo a outro exército que, partindo de Breslau, quisesse avançar contra Varsóvia. Entretanto, tal disposição de forças nunca teria permitido uma ofensiva bem sucedida. Não admira que nenhum dos três intentos fosse coroado de êxito, sendo, pelo contrário, esse exército rapidamente envolvido pelas forças germânicas e aniquilado. Também o outro exército polonês, postado mais para o Sul, não chegou a ameaçar a região industrial da Alta Silésia ocidental. Em flagrante contraste com essa dispersão das forças polonesas, o comando alemão aplicou o seu método conhecido de concentrar todos os recursos disponíveis no local mais importante. Mesmo se o exército polonês tivesse estado em condições de empreender tentativas tão audaciosas, como pretendia, não deveria tê-lo feito, em face da necessidade de adaptar os seus próprios planos aos dos seus aliados.

Ao iniciar, a 10 de maio de 1940, a ofensiva no ocidente, o exército alemão não teve a seu favor uma situação geográfica tão favorável, como a encontrada na campanha da Polônia. O ataque teve de ser realizado em uma frente, mais ou menos, retilínea e sem que houvesse, de parte alemã, superioridade numérica sobre o conjunto das forças adversárias. O Alto Comando alemão não estava, entretanto, disposto a limitar-se, por esse motivo, a uma operação de



que pudesse resultar uma “vitória simples”, muito embora essa vitória, mesmo se se tratasse de um ataque exclusivamente de frente, não tivesse sido assim tão “simples”, considerando que atrás do adversário se encontrava o Canal de Mancha. Schlieffen, várias vezes fez notar que um ataque de frente pode resultar em vitória decisiva, se for possível compelir o adversário contra um obstáculo capaz de paralisar os seus movimentos. Entretanto, para que pudessem ser obtidas maiores vantagens era preciso que fosse realizada uma série de movimentos preparatórios, afim de ser criada uma nova situação propícia a uma batalha decisiva. Embora o ataque fosse realizado simultaneamente em toda a frente de 450 Km de extensão, ao longo das fronteiras da Holanda, Bélgica e Luxemburgo, os maiores esforços foram concentrados sobre três **centros de gravidade**, cuja importância era, por sua vez, apreciada diferentemente. Na ala direita o problema consistia em ocupar o mais rapidamente possível a Holanda, afim de reduzir, como já foi dito, o campo de operações. Nessa ação foi tentado pela primeira vez um “envolvimento pelo alto”, em grande escala, mediante o emprego de paraquedistas e tropas de aterrissagem, desembarcadas, logo no início do ataque, no centro da “Praça forte Holanda”, perto de Rotterdam, o que contribuiu grandemente para a rápida derrota do exército holandês. O segundo ataque violento foi dirigido contra a pedra angular de todo o sistema de defesa belga e resultou na queda do forte Eben Emael. Em consequência disto tornou-se possível o ataque contra o Canal Alberto, ficando igualmente exposto o flanco do exército holandês. Não havia sido sem razão que os holandeses manifestaram, tempos atrás, os mais sérios receios sobre a disposição da linha de defesa belga. A ruptura da frente em Eben Emael abalou profundamente a frente dos Ardennes, situada mais para o Sul. — O principal “centro de gravidade” de toda a operação, iniciada a 10 de maio, encontrava-se entretanto, na ala esquerda, pois a ruptura da linha de fortificações ao Sul de Namur, a consequente investida contra Sedan e o rompimento do prolonga-



mento da Linha Maginot deveriam constituir os movimentos preparatórios para o aniquilamento dos exércitos ingleses e franceses ao Norte do Aisne e do Somme. Quanto mais para o Sul fosse assestado esse golpe, tanto maiores seriam as forças inimigas incluídas no envolvimento projetado, mas também maiores seriam as dificuldades, pois a frente adversária tornava-se mais sólida quanto mais se avançava para o Sul. O Alto Comando alemão não se deixou, todavia, impressionar por essas dificuldades, procurando obter o maior êxito. O sucesso dessa operação, levada a efeito por poderosas tropas mecanizadas e motorizadas, constituiu o primeiro passo, "a primeira prestação", para a vitória decisiva nesse setor. Estava assim criada uma nova situação, que permitia delimitar o campo de operações do lado Sul, avançar até a desembocadura do Somme e, com a chegada à costa do Canal da Mancha, iniciar o cerco do adversário. As operações alemãs alcançaram êxito, não só porque foram otimamente preparadas e conduzidas, como também porque o adversário fracassou. Não se tratava, porém, aqui de uma ação desastrosa semelhante a do consul Terêncio Varrão. Gamelin viu-se obrigado a abandonar a defensiva e a jogar uma parte dos seus exércitos em uma **batalha em campo aberto**, o que intimamente lhe repugnava. "Quem abandona os seus princípios", afirmou várias vezes, "tem de ser vencido". Com respeito ao exército francês ele tinha razão. As dificuldades que surgem em toda **guerra de povos aliados**, que no caso presente não puderam ser removidas, constituíram outros tantos fatores da derrota. Influuiu ainda grandemente a extraordinária aglomeração, em área apertada, dos inúmeros refugiados, que prejudicavam o livre movimento dos exércitos belgas, ingleses e franceses.

Uma operação idêntica, tentada pelos alemães em 1918, não obteve sucesso porque o ataque, depois das primeiras importantes vantagens alcançadas na ruptura das linhas adversárias, não pôde ser levado avante. Não havia então forças suficientes para aproveitar a situação criada pelo golpe inicial e para manter a continuidade da operação.



Quando, depois da batalha de Flandres, os alemães iniciaram a **campanha para o domínio completo da França**, encontraram aí uma situação inteiramente nova. Do mar até o Reno o "front" se mantinha, aproximadamente, em linha reta, numa extensão de 500 km, virando-se depois, em ângulo reto, para o Sul. Esse último setor, que seguia o curso do Reno, tinha, por sua vez, 200 km de extensão. Diante da ala direita encontrava-se a, assim chamada, "zona de Weygand", enquanto diante da ala esquerda se estendia a Linha Maginot, poderosamente fortificada e considerada inexpugnável pelos franceses. Novamente se tornavam necessários movimentos preparatórios afim de poder ser levada a cabo uma batalha de aniquilamento do adversário. Entretanto, as operações anteriores coroadas de êxito, não passaram a servir de modelo rígido nem foram copiadas sistematicamente. O novo plano de combate tinha de levar em conta a modificação da situação, prevendo-se, por isto, um **ataque em escalões**, que partia da ala direita e visava, em primeiro lugar, romper o "front" norte do exército francês para, em seguida, impelir os restos dos corpos de exércitos desorganizados para o Sudoeste e Sudeste e afinal aniquilá-los. A 5 de junho, o grupo de exércitos B iniciou o ataque desde o Somme até o Mosa. Depois de dois dias de árduas lutas conseguiu forçar o movimento em toda linha de frente, começando o avanço a progredir rapidamente. O grupo de exércitos A, que iniciara, por seu turno, o ataque, a 9 de junho, conseguiu igualmente, em duros combates, vencer o inimigo, avançando em direção a Chalons-sur-Marne. Depois de haver sido rompido todo o "front" francês, do mar à Linha Maginot, numa extensão de 350 km, também o grupo de exércitos C, postado na região do Sarre, entrou em ação iniciando o ataque de frente contra a Linha Maginot. Dois dias depois teve lugar a divisão, em duas partes, do campo de operações, em consequência da avançada de poderosas divisões blindadas e motorizadas, através do planalto de Langrès, em direção à fronteira suíça, seguindo-se a derrota definitiva dos exércitos franceses.



Todas as três operações de grande envergadura, contra a Polônia, contra a Bélgica e a Holanda, e, afinal, contra a França, foram levadas, a efeito depois de cuidadoso preparo, com o maior impeto e com amplo **aproveitamento da arma aérea**. A força aérea polonesa, já depois de dois dias, poudeser considerada destruída e posta fora de combate. Também no ocidente foi conseguido rapidamente o predomínio aéreo. logo depois de começar a ofensiva nesse "front". Afinal foi levado a efeito, dois dias antes do início da campanha da França, um ataque aéreo em grande escala, para a destruição da frota aérea francesa, que alcançou o mais completo êxito.

Inteiramente outros haviam sido os problemas a resolver, quando se tornara preciso isolar a **Noruega** de interferência inglesa e de obter novas bases de operações para o ataque contra a ilha britânica. Esse audacioso empreendimento, também, só foi levado a cabo, depois de cuidadosa preparação e mediante estreita colaboração das forças de terra, mar e ar. Nessa campanha ficou demonstrada a grande vantagem do comando único. Na França, vários oficiais de valor haviam procurado debalde, antes da guerra, introduzir essa medida em seu país. — O extraordinário sucesso da campanha da Noruega ainda aumenta de importância se considerarmos o fato de se tratar da maior operação de desembarque da História Militar, que, ademais, foi realizada por uma potência continental contra a maior potência naval do mundo.

Diferente é o aspecto da guerra contra a **Inglaterra**. Ali a atividade bélica, fazendo-se abstração da guerra no mar, limita-se, por enquanto, à guerra aérea, na qual é possível a ofensiva simultânea de ambas as potências. Foi assim que Douhet imaginou a guerra do futuro, com a diferença apenas de ficarem os dois exércitos de terra separados, não por um "front" imobilizado e passivo, mas pelas águas do Canal da Mancha.

Em todas as operações, com os seus diferentes problemas de aspecto diverso, o comando alemão **demonstrou efi-**



**ciência estratégica** tão extraordinária, como raramente se tem verificado na História Militar, tanto sob o ponto de vista de riqueza de idéias, lógica, ação enérgica, decisão e audácia.

## 2. — A MARCHA DAS OPERAÇÕES

Os planos estratégicos e a disposição das forças constituem a **base** do êxito de um exército. Com o início de uma campanha apresenta-se para o Alto Comando, que até então se limitara a atividades preparatórias, o problema da **direção do exército na guerra**. Não se trata sempre da execução rigorosa de um plano de antemão elaborado, a que se oporia a ação do inimigo, que não pode ser prevista. Moltke afirmava, por este motivo, que o plano estratégico não podia ir muito além da disposição preliminar das tropas. Tudo depende, entretanto do inimigo. Se este conseguir atuar de modo a prejudicar a execução dos planos elaborados, terão de ser modificados, a cada passo, as diretrizes traçadas. Caso, porém, o adversário se mantenha passivo ante a iniciativa própria, seja por não lhe ocorrerem as providência a tomar, limitando-se a aguardar os acontecimentos, seja porque o exército não tenha capacidade para transformar em ação as idéias geniais do seu comando, então haverá possibilidade de ser executado rigorosamente o plano organizado. E' entretanto, condição essencial que haja entre : vontade do comando e o preparo técnico de todas as forças armadas, a mais absoluta concordância. A História Militar apresenta-nos inumeros casos em que os planos estratégicos mais gêniais não puderam ser realizados, seja porque o comando não tivesse capacidade de direção ou então porque as tropas não se achassem habilitadas para executar satisfatoriamente as ordens recebidas.

O Alto Comando alemão tem sabido, na presente guerra, **dirigir as operações**, de maneira notavel, havendo, por sua vez, **as forças armadas** demonstrado capacidade para executar o que delas se exigia. Assim, o comando alemão



soube conservar, ininterruptamente, a iniciativa nas ações. Era ele quem determinava, livremente, onde e quando se deviam realizar combates, impondo ao adversário a sua vontade e os seus planos de ação. Resultou daí achar-se o comando alemão em condições de realizar operações cuidadosamente planejadas e preparadas até nos seus menores detalhes, aos quais o inimigo se via obrigado a opôr apenas providências improvisadas em cada caso. Mesmo nas ocasiões, em que o adversário podia logicamente prever as futuras operações alemãs, como no caso da campanha da França, depois da vitória no Artois e em Flandres, o Alto Comando alemão não concedeu ao inimigo tempo suficiente para tomar as necessárias medidas, de modo que este teve de se limitar a uma defesa improvisada.

Desse modo os alemães se achavam em condições de **prever com maior antecedência** a marcha das operações do que tem acontecido, em regra, nas guerras anteriores. O conhecimento perfeito da situação do inimigo e a apreciação segura das condições em que se achavam as forças adversárias, permitiram, mesmo, fixar, de antemão, a duração de diversas operações. A previsão aproximada do tempo que duraria a campanha da Polônia, deu mostras de uma extraordinária confiança no exército. Daí por diante, os órgãos de publicidade passaram a fixar, sob a impressão dos acontecimentos, prazos e datas para as futuras ocorrências, atribuindo-os, depois, ao comando alemão. Sempre que os fatos não correspondiam a essas profecias, dizia-se que os alemães haviam errado o cálculo.

Não obstante a circunstância que acabamos de expôr, que permitia uma previsão extraordinariamente segura dos acontecimentos, apresentavam-se ocasiões que exigiam **novas e rápidas decisões** de parte de um comando que não quisesse limitar-se a cumprir o plano de operações, previamente traçado, disposto, pelo contrário, a aproveitar prontamente qualquer dificuldade imprevista. Lembremos, a propósito, o segundo cerco, de maior amplitude, do exército polonês. Quando parecia que uma parte do grosso desse exército, cer-



cado na curva do Vistula, conseguiria escapar para Léste, foi imediatamente levado a efeito um segundo movimento envolvente mais amplo, que passava a Léste de Varsóvia, mediante o rápido avanço das divisões blindadas, provenientes da Prússia Oriental, em direção Sul e fazendo mudar para o Norte o rumo tomado pelo 14.º exército.

Mas, do mesmo modo, como o comando alemão achava-se sempre pronto para jogar rapidamente na luta, onde o exigiam as circunstâncias, os seus recursos bélicos, possuía, por outro lado, suficiente domínio sobre si, para esperar até que a operação estivesse suficientemente preparada ou que determinada situação tivesse evoluído suficientemente, tornando oportuna a intervenção.

Não se pode ainda distinguir até que ponto as diversas operações, que visavam aproveitar as situações favoráveis que se apresentavam no decorrer das batalhas, tenham sido determinadas pelo Alto Comando ou devam ser atribuídas à iniciativa dos comandantes das diferentes unidades, entretanto, é certo que numerosos êxitos das forças alemãs resultaram da **ação espontânea, adequada e, portanto, independente de fórmulas rígidas, dos comandantes das diversas unidades menores**, que sempre se achavam na vanguarda, podendo assim observar pessoalmente o desenrolar das operações, tomar as necessárias decisões e dar oportunamente as necessárias ordens. Todos os comandantes, desde o das pequenas unidades até os generais, costumavam dar as suas ordens, sempre que possível, da frente para a retaguarda. Além da influência que causava sobre as tropas em luta o exemplo pessoal dos seus comandantes, era exclusivamente este sistema de comando, que permitia às forças alemãs conservar permanentemente a iniciativa nas operações táticas. Um dos segredos dos sucessos militares alemães consistiu precisamente no fato de se encontrarem os seus comandantes sempre nas primeiras linhas de batalha. Não obstante o Alto Comando, a julgar pelo vulto dos êxitos obtidos, conservasse sempre firmes em suas mãos as rédeas do comando, não tinha por hábito exercêr constante tutela sobre os comandantes



dos diversos exércitos e grupos de exércitos. A liberdade de ação/só é, entretanto, admisível quando há certeza de que todos os comandantes das unidades, de todas as categorias, atuem em absoluta concordância. Verificada essa condição, uma ampla concessão nesse sentido estimula a iniciativa individual, contribuindo extraordinariamente para a obtenção dos maiores êxitos. Na presente guerra foram colhidos os frutos da atividade do Coronel-General von Seeckt. Quando esse General, numa época em que a Alemanha possuía apenas um exército reduzido e mal armado, recomendara, insistentemente, a prática de exercícios destinados a habituar ao raciocínio sobre problemas estratégicos, foi mal compreendido, encontrando por vezes forte oposição. Mas a sua convicção inabalável de que tornariam a vir melhores tempos, fizeram-no criar os fundamentos de uma escola, sem a qual seriam impossíveis os atuais métodos de guerra dos alemães. Prova exuberantemente o acerto da teoria de educação mental do General von Seeckt o fato que as operações levadas a efeito pelo exército alemão na Polônia, Noruega, Holanda, Bélgica e França, onde se sucederam as ações de ruptura e de cerco em série continua e em todas as gradações conforme as exigências do momento, constituíram uma única marcha vitoriosa como não conhecia igual, até hoje, a História Militar. O inimigo teve que verificar a trágica realidade que, em consequência dos métodos estratégicos que caracterizam esta guerra, a resistência eficaz em determinados pontos acarretava inevitavelmente o cerco ou a destruição das unidades, que a haviam empreendido. Tais fatos puderam ser observados tanto em pequena escala como nas mais vastas proporções, como por exemplo em Saint-Valéry-en-Caux e na Linha Maginot, onde foi cercado todo o exército francês de Leste. A retirada, em tempo oportuno, dessas forças da área ameaçada teria proporcionado elementos valiosos à defesa da França, mas possivelmente — e talvez por isso não fosse efetuada — o valor dessa medida tivesse sido anulado pelo efeito moral que teria causado o sacrifício da Linha Maginot, sobre a qual, ha muitos anos, haviam repousado todas as esperanças do povo e do exército.



Verificou-se nas diferentes operações do exército alemão a tendência de **concentrar** os recursos bélicos no ponto onde o ataque prometia maior êxito, exitando-se a dispersão das forças. Além disso procurava-se sempre **surpreender** o adversário e levar a cabo a operação com a maior rapidez.

A **concentração de forças** poude ser observada claramente na **ação das unidades blindadas alemãs**. Já antes da guerra preconizava-se na Alemanha o emprego em massa das divisões encouraçadas, mas tão sómente onde essas divisões tivessem probabilidade de êxito. O emprego dessa arma em terreno difícil, onde sofreria grande desgaste, era considerado contraproducente. Seguindo esses ensinamentos, as divisões blindadas alemãs influíram de modo decisivo sobre a marcha das operações na Polônia, sobretudo por sua avançada, muito à frente das tropas em direção a Varsóvia e mais tarde, por ocasião do segundo movimento de cerco, pela investida em direção ao Sul. De grande importância foi a ação dos tanks por ocasião da ofensiva de maio, quando esses engenhos de guerra aniquilaram, ao Sul de Maubeuge, duas divisões inimigas, perseguindo depois o adversário para além dos rios Sambre e Oise. Seguiu-se, depois da ruptura, perto de Sedan, da linha de fortificações francesas, a investida para o Canal da Mancha, em direção a Saint Pol e Montreuil-sur-mer, através de um terreno particularmente favorável à utilização de tanks. E' de notar que essa arma não foi empregada no inicio do ataque contra o Norte da França, a 5 de junho. Nesse ponto do "front" a defesa havia sido organizada habilmente com o aproveitamento dos cursos dos rios. Se os tanks alemães tivessem sido usados no ataque contra essas linhas, teriam sofrido, sem dúvida, grandes perdas. Assim, foram inicialmente deixados de parte para, depois de haver progredido suficientemente o avanço, serem empregados em massa e com o seu poder de combate intacto, influindo, dest'arte, de modo mais decisivo sobre o desfecho da batalha. Coube ao Coronel-General Guderian dirigir, em rigorosa obediência aos principios preconizados por ele mesmo antes da guerra, à



frente dos seus tanks, o avanço das divisões blindadas, da Prússia Oriental, contra a Polônia, assim como de levar a efeito a investida em direção ao Canal da Mancha e, afinal, de dividir em duas partes o exército francês pela sua avançada vitoriosa através do planalto de Langrés.

Por meio da concentração de forças e de sua aplicação nos pontos de importância decisiva, como se verificou nas operações das unidades blindadas, foi possível **forçar**, sempre de novo a **guerra de movimento** e manter a **continuidade**, indispensável à conquista de uma vitória completa. Os adversários, que não haviam admitido a possibilidade da ruptura dos seus sistemas de defesa, viram-se inesperadamente diante de problemas, que não eram capazes de resolver, dada a orientação de sua formação técnica e em face de todas as suas convicções até o momento. Todas as advertências, como a de Weygand, haviam sido desprezadas. Weygand declarára que considerava dehonrosa a defensiva, desde o momento em que o inimigo tivesse invadido o solo da pátria. Assim, caso não se pretendesse enfrentar uma invasão por meio de um recuo para uma linha de defesa situada na retaguarda, tornava-se preciso que a guerra de movimento fosse preparada de modo a permitir que se tentasse a batalha em campo aberto e de lutar como nos tempos passados, quando a arte da guerra ainda não havia sido desvirtuada por um materialismo exagerado. Como não lhe tivessem dado ouvidos, a situação dos franceses ante os ataques alemães, tornou-se, dentro em pouco, desesperadora.

O efeito dos golpes do exército alemão tornava-se ainda maior pelo fato de serem vibrados, em geral, **de surpresa**. Sempre que era possível, o comando alemão procurava surpreender o adversário, tanto em relação ao local e ao tempo, como quanto aos recursos bélicos empregados. Assim, deve ter sido surpreendente a avançada das divisões blindadas através dos Ardennes, assim como a sua inesperada investida contra a costa do Canal da Mancha. Como a surpresa deve ter sido grande deduz-se do fato de haver o General



Gamelin manifestado a opinião que os alemães se dirigiram a Paris, após a ruptura através das linhas guarnecidas pelo 9.º Exército francês, entre Maubeuge e Carignan, ocorrida a 16 de maio, tendo considerado diretamente ameaçada a capital logo depois dos alemães terem alcançado o canal que liga o Oise ao Aisne. Entretanto tratava-se apenas de uma operação de defesa e de proteção, sendo levado a efeito o avanço, nesse ponto, sómente duas e meia semanas mais tarde. Antes disso realizou-se, com inesperada mudança de rumo, a operação contra a costa do Canal da Mancha. Deve ter surpreendido igualmente, mais tarde, a 16 de junho, a violenta avançada das unidades blindadas e motorizadas, através do planalto de Langres, em direção à fronteira da Suíça, que dividiu inesperadamente o grande campo de batalha em duas áreas completamente separadas uma da outra.

Quando não era possível, em vista das operações precedentes, uma ação de surpresa quanto à escolha do local, procurava-se surpreender quanto á ocasião de sua realização. Assim, depois da terminação da campanha nos Artois e em Flandres, era esperado com absoluta certeza um ataque contra o Norte da França. Apesar disso, o ataque deve ter surpreendido extraordinariamente mesmo aos técnicos militares pelo fato de ter sido realizado apenas um dia depois da queda de Dunquerque, pois considerava-se absolutamente indispensável uma preparação demorada para uma iniciativa de tais proporções. Aconteceu, porém, que, logo depois de ter frente livre no Artois e em Flandres o grosso das divisões alemãs haviam sido iniciados preparativos apressados para, no fim de uma semana, portanto logo depois da aniquiladora batalha na costa do Canal da Mancha, ser realizado novo ataque, dessa vez contra o coração da França. Possivelmente essa decisão tivesse exigido a desistência de uma ação ainda mais destruidora, para que as forças adversárias, em Dunquerque, no intuito de tornar possível uma ação de surpresa, que permitisse o maior êxito nessa nova investida de que resultaria a derota definitiva da França. Como já foi dito, as formações blindadas — com pequenas exceções —



não tiveram imediata aplicação no ataque realizado a 5 de junho contra o Norte da França, visto não ter parecido indicado o seu emprego na fase inicial da operação. Também essa decisão causou estranheza aos franceses, que pensaram poder deduzir daí que os alemães houvessem perdido a maior parte dos seus tanks nos combates anteriores. Tanto maior foi a surpresa, quando, no terceiro dia da luta, foram empregados de novo esses engenhos de guerra, em grandes massas, nesse setor do campo de batalha.

Quanto ao emprego de novas armas, foi alcançada a surpresa do inimigo, já no primeiro dia da ofensiva no Oeste com a intervenção dos "Stukas" na luta em terra, em estreita colaboração com as outras armas, assim como a descida de paraquedistas e de tropas de aterrisagem na "Praça forte Holanda". É verdade que a existência de tais tropas aéreas não constituía segredo. Entretanto, não haviam sido empregadas na Polônia, não obstante pudessem ter alcançado, também, ali, notáveis êxitos. Sem dúvida reservou-se essa arma para que, em ocasiões mais importantes, fosse maior o seu efeito devido à surpresa. O seu emprego na Noruega, em proporções muito reduzidas, deve ter proporcionado ao inimigo a convicção de que, o que sucedeu naquele país, era o máximo que se podia esperar desse novo instrumento de guerra. O ataque audacioso contra Rotterdam, causou tal surpresa, que o inimigo a princípio não quis acreditar que essa "loucura" pudesse ter êxito decisivo.

Sob o ponto de vista puramente material, surpreendeu ainda o emprego, na campanha da França, de tanks mais pesados do que os usados anterior, na Polônia.

A **rapidez**, com que foram levadas a cabo as operações, constituiu outro característico dos métodos de guerra alemães. Por meio de ataques em massa e de surpresa procuravam sempre quebrar a resistência do inimigo no menor tempo possível, enquanto avançavam com a maior rapidez onde não encontravam adversário a combater. Também a perseguição era levada a efeito com aproveitamento de todos os recursos que permitissem um rápido avanço, como acon-



teceu, por exemplo, na perseguição às tropas francesas na França ocidental, em direção ao Loire. Nessas operações as diversas unidades não cuidavam excessivamente de manter alinhamento. As divisões blindadas sabiam que a infantaria procuraria, por todos os meios, segui-las o mais depressa possível. Durante a ofensiva na França, em junho de 1940, o grupo de exército do General von Bock percorreu em 14 dias 250 km, não obstante ter de suportar, durante os primeiros dias, pesadas lutas. A vanguarda do grupo de exércitos do General von Rundstedt chegou a percorrer 280 km em nove dias.

Para que pudessem ser obtidos êxitos completos, por meio de ataques em massa, por ação de surpresa e pela rapidez, tornavam-se necessárias também as iniciativas **audaciosas**. O comando alemão estava em condições de tomá-las, confiado no seu próprio saber, na capacidade do Estado Maior e na eficiência dos comandantes das diversas unidades e das tropas. Esses fatores davam-lhe a certeza de que qualquer situação crítica seria facilmente dominada. Mesmo a possibilidade de um ou outro revés isolado, não impedia, com vistas na vitória final, as operações mais audaciosas. Naturalmente a vitória final nunca foi posta em jogo pela imprudência. Os empreendimentos arriscados eram sempre controlados pela inteligência. Entretanto as grandes concentrações de forças em determinados pontos, que tanto contribuíram para numerosos êxitos, não dispensavam a audácia. Ao ser iniciado, já a 7 de setembro, o segundo movimento envolvente-junto a Bug, surgiram perto de Kutno certas dificuldades parciais, que ameaçavam tornar-se críticas, não conseguindo, entretanto, desviar a atenção do comando alemão da operação principal, confiado no valor das suas tropas. Na campanha da Noruega, seguiu-se à primeira façanha audaciosa do desembarque, uma longa série de pequenos empreendimentos extremamente ousados. Foi igualmente temerário o rompimento das linhas francesas em Sedan, seguido da avançada para a costa, perto de Abbéville, sobretudo porque ainda se combatia



na retaguarda. O início do ataque do grupo de exércitos B contra o "front" do Somme, demonstrou também extraordinária audácia, por ter sido realizado antes de terem sido terminados todos os preparativos, quando ainda se achavam muitas tropas em marcha para o local da ação, o que era grandemente dificultado pelo estado de numerosas pontes, que tinham sido dinamitadas. Afinal ainda se observou grande temeridade na perseguição das tropas francesas na Normandia e na Bretanha, levada a efeito por forças relativamente fracas.

A audácia alemã venceu a prudência francesa. Essa audácia abalou mais a coragem do inimigo do que exigiu sacrifícios de sangue. As operações temerárias muitas vezes paralizaram de tal modo o raciocínio do adversário, que o impediram de empregar eficazmente os seus recursos bélicos. A estratégia moderna introduziu uma **nova medida de tempo**, caracterizando-se pelas operações rápidas e pelas perdas relativamente pequenas.

### 3. — A EFICIÊNCIA MILITAR DA TROPA

Estabelecidas pelo Alto Comando essas condições básicas para a luta, era preciso que, de conformidade com as mesmas, a **tropa demonstrasse, sob a direção dos seus comandantes imediatos, a sua capacidade** na realização dos planos elaborados. Havia chegado a ocasião de se verificar se a **educação e o preparo militar obedeceram em tempo de paz a princípios certos**. De acordo com uma conhecida proposição da antiga ciência militar, a tropa melhor preparada é a que no campo de batalha tem de abandonar muito pouco do que aprendeu em tempo de paz. Essa regra está, porém, incompleta. E' preciso acrescentar-se que o preparo só é realmente bom se a tropa não tiver necessidade de aprender muito de novo na guerra. De fato, se o tempo de treinamento não tiver sido suficiente ou se certos ensinamentos importantes tiverem sido descurados, a vitória será impro-



vavel, porque, em geral, a guerra não permite recobrar o tempo perdido.

A vitória no campo de batalha é o melhor padrão para apreciar o acerto e o valor do preparo militar. Entretanto, nem tudo pode ser previsto em tempo de paz. O aspecto exato das guerras futuras, que os técnicos militares se esforçam por averiguar, apresenta sempre inúmeros pontos obscuros. Diante de tal incerteza, comete-se frequentemente o erro de querer esclarecer determinados pontos duvidosos. Satisfeitos com um resultado real do imaginário de suas locubrações, muitos técnicos militares passam, depois, a dedicar toda a sua atenção, no treinamento da tropa, a esses pormenores, arriscando-se muitas vezes a fazer deles, insensivelmente, o seu "cavalo de batalha". Desde tempos remotos tem sido regra fundamental da educação e do preparo militar do soldado prussiano e depois do alemão de cuidar, em primeiro lugar, não das cousas que se acham veladas pelas incertezas do futuro, mas das **qualidades, independentes da época, essenciais ao verdadeiro soldado**. O segredo do sucesso militar está em saber despertar e cultivar, antes da guerra, as virtudes militares eternamente iguais. Essas podem ser definidas com precisão, não dando lugar a incertezas. E', assim, possível traçar uma orientação segura para a educação e o preparo militar, que pode ser seguida sem vacilação. Naturalmente, não fica, com isto, concluído o treinamento militar, pois o espírito combativo não é suficiente para enfrentar as armas modernas. O cultivo das virtudes militares é apenas uma condição preliminar, muito embora seja — e isto deve ser acentuado constantemente — **condição indispensavel**, — SINE QUA NON. Os problemas técnicos e táticos tem de merecer também a necessária atenção e constituir objeto de treinamento. Mas, e é este o ponto principal do assunto, as incertezas do futuro perdem, nas condições expostas, o seu valor. Não importa muito quais forem os métodos seguidos, porque não poderá haver absoluta certeza nessas cousas. Imaginemos o seguinte caso: — Enfrentam-se dois ad-



versários, que faziam juízo diferente do futuro desenrolar do combate e que, por este motivo, armaram-se de modo diferentes. Admitamos, porém, que um dos adversários tenha cultivado todas as qualidades do bom soldado, isto é, que o seu preparo tático e técnico se tenha baseado sobre as verdadeiras virtudes militares, enquanto ao outro faltam essas condições básicas. Não pode haver dúvida a quem caberá a vitória. Depois de alcançada esta, a tática do vencedor será considerada como a certa; entretanto, não pode haver, a respeito, certeza absoluta e sim apenas relativa. As qualidades militares fundamentais tornaram certo o preparo restante, isto é esse preparo contribuiu para a vitória no campo de batalha. Assim, desde que a instrução militar tenha sido baseada no desenvolvimento das qualidades essenciais do soldado, a incerteza a respeito dos futuros métodos de guerra perde a sua importância. Nessas condições torna-se possível traçar uma orientação segura para o preparo da tropa, sem muitas indecisões e sem profundas locubrações. Ter-se-á, assim, pelo menos a certeza de uma coisa, isto é, de que esse caminho **póde** conduzir à vitória. Nos países, em que se dá menor valor às virtudes militares do soldado, costuma-se perder muito tempo em discutir detalhes, que dão frequentemente origem a debates apaixonados e intransigentes.

Os alemães não possuíam, por certo, em maior grau, a faculdade de prever os acontecimentos do que qualquer outro povo. O exército alemão tinha as mesmas dúvidas sobre a guerra futura como os demais exércitos. Naturalmente, também na Alemanha, as autoridades responsáveis meditaram profundamente sobre esse assunto, mas essas meditações não se perderam em detalhes, que dificilmente se poderiam conhecer. Os alemães achavam-se em condições de assim proceder, podendo mesmo realizar os seus estudos com finalidade clara, pois o seu exército tinha sobejas razões para convencer-se de que seria capaz de determinar, até certo ponto, o rumo que tomariam as coisas nos futuros campos de batalha. Essas razões provinham da circunstân-



cia de que a faculdade de **determinar o futuro** na guerra depende, antes de tudo, do valor do **soldado** e não de valores materiais. Certas armas e recursos bélicos não podem, por si só, determinar a feição da batalha, nem tão pouco o podem os canhões, os tanks, os aviões, as casamatas ou inteiras linhas de defesa. A esse respeito as potências ocidentais tinham visão pouco clara. Imaginavam que, diante de suas armas e fortificações, a guerra tomaria o rumo por elas desejado. Entretanto, as armas só adquirem valor pelos soldados que as manejam e só por meio destes podem determinar o curso das batalhas. O exército alemão achava-se em condições, devido ao espírito combativo dos seus soldados, de dar às batalhas dos tempos modernos a feição que lhe convinha. Resulta daí, que certos processos estratégicos, que foram desde logo considerados como absolutamente certos, por observadores superficiais, podem revelar-se, após exame mais metódico, como apenas relativamente certos. Isto, porém, em nada diminui o valor desses métodos, pois no campo de batalha vale o que está certo na ocasião, isto é, o que está relativamente certo.

Os ataques alemães foram bem sucedidos em toda parte. O emprego habil das **armas modernas** influiu grandemente nisso, mas em última análise foram sempre as **virtudes militares** do soldado, que produziram o efeito decisivo. O vencido procura sempre atribuir a sua derrota à sua inferioridade material ou então a certos movimentos táticos errados. Esse raciocínio, porém, não está certo. No caso presente a defesa desmoronou precisamente, porque foi considerada, erradamente, como sendo sobretudo uma questão material.

O acerto dos princípios básicos, que orientaram, nos últimos anos, o preparo das forças alemãs, foi confirmado nos campos de batalha. Destaca-se entre os mesmos, a regra estabelecida pelos técnicos militares alemães de que todas as armas devem, também sob o ponto de vista tático, **colaborar** estreitamente uma com as outras, concentrando as suas ações no espaço e no tempo, afim de poderem vibrar



golpes de vigor irresistível. Esse método permitiu romper e destroçar, por meio de fortes cunhas, o **FRONT CONTINU** dos franceses. Mas não foi esse processo tático, que motivou o êxito e sim o fato de haverem essas cunhas permitido ao soldado alemão de “lançar-se impetuosamente no maior tumulto da batalha”, à moda dos antigos guerreiros germânicos. Os ataques eram sempre vibrados em frente estreita mas profunda. A resistência crescente tinha por efeito a intensificação imediata da violência do ataque. Surgiam os “stukas” que transformavam, em dez minutos, aldeias inteiras e pequenas cidades, como Rethel às margens do Aisne e Vitry-le-François sobre o Marne, em montões de ruínas, mais completamente do que em tempos passados o faziam os mais demorados bombardeios. O fogo da artilharia, com as crateras produzidas por suas bombas, favorecia, então, frequentemente, a formação de ninhos de resistência, o que não se dá com as bombas aéreas. À intervenção dos aviões devem os campos de batalha dos tempos modernos o seu aspecto característico. A luta deixava os seus vestígios sobretudo ao longo das vias de comunicação, em volta dos povoados, nas esquinas e praças, onde tinha havido resistência. Largas faixas de terreno, situadas entre as estradas, permaneciam intactas. Não se deve, por isto, pensar que não tenha havido, em parte alguma, resistência forte e prolongada. Nem sempre foi possível o rompimento das linhas adversárias em curto espaço de tempo. Assim, em junho de 1940, foi extraordinariamente difícil e demorada a ruptura das linhas defensivas francesas dispostas ao longo dos rios, bem mais difícil do que o rompimento do “front” no Mosa. Não obstante, também naquela operação foram extremamente condensadas, em relação ao tempo, as diversas fases do ataque, que o método francês dividia prudentemente em **MARCHE D'APPROCHE, PRISE DE CONTACT, ENGAGEMENT ET ATTAQUE** e realizava com extrema lentidão. As ações das forças alemãs sucediam-se, pelo contrário, tão rapidamente que não era mais possível observar a transição entre as diferentes fases, nem distin-



guí-las nitidamente uma da outra. O **avanço profundo no terreno defendido pelo inimigo**, sem receio de perder o contacto de um lado e outro, só podia ser levado a efeito por um comando e por soldados convictos de sua superioridade militar e técnica.

As vantagens táticas obtidas por meio de ataques rápidos e audaciosos e em virtude da colaboração estreita de todas as armas, assim como a **presteza dos avanços**, onde não havia resistência, deram à estratégia alemã um acentuado **caráter dinâmico**. As unidades mecanizadas e motorizadas forçavam ao máximo os seus motores, a infantaria realizava, dia a dia, marchas verdadeiramente notáveis e a artilharia não ficava para atrás, apresentando-se sempre pronta para intervir na luta, onde se fizesse mister. É natural que daí resultasse a necessidade de uma atividade igualmente intensa por parte dos serviços de abastecimento, dos corpos de engenharia e do "Arbeitsdienst", incumbido de restabelecer rapidamente o tráfego ferroviário e rodoviário. Se esses soldados da retaguarda não tivessem mostrado também a mais extraordinária eficiência, os planos do Alto Comando não teriam passado de "castelos no ar".

Não obstante se ter verificado nos campos de batalha, de um modo geral, o acerto do preparo dos soldados alemães, as experiências da guerra aconselharam, todavia, certas alterações e novas disposições. Durante o inverno de 1939/40, o exército alemão, aproveitando essas experiências, submeteu as tropas a um treinamento rigoroso. Foi especialmente exercitada a colaboração das diversas armas, sobretudo em operações contra obras fortificadas. A maior censura que se pode fazer ao Alto Comando das potências ocidentais é a de não terem aproveitado os ensinamentos da campanha da Polônia. Desde que tivessem resolvido não mandar tropas à Polônia, deveriam ter enviado, com a necessária antecedência, oficiais franceses e ingleses a esse país afim de observar a guerra de perto e tirar daí as necessárias conclusões para a orientação dos seus próprios exércitos. Nada disto foi feito. Quando o General Ironside declarou, na



primavera de 1940, aos representantes da imprensa que a idéia, do que teria acontecido se os alemães tivessem atacado no Ocidente durante o outono de 1939, ainda o fazia tremer, referia-se tão sómente à falta de material. Resultou daí que, a 10 de maio de 1940, os exércitos das potências ocidentais enfrentassem o ataque alemão, com os mesmos pontos de vista com que entraram no conflito. Se as operações de guerra na Polônia houvessem, de algum modo, confirmado a doutrina defendida naqueles países, seria compreensível essa atitude. Entretanto, os acontecimentos haviam demonstrado exatamente o contrário. Essa persistência no erro tornou ainda maior a **vantagem** dos alemães, ao iniciarem o ataque. Assistiu-se, então, ao embate entre uma teoria, baseada em fatos ocorridos, há mais de 20 anos, durante a Guerra Mundial e uma orientação realista, cujo acerto acabára de ficar comprovado nos campos de batalha da Polônia. A campanha contra esse país, os combates aéreos e navais contra a Inglaterra e os acontecimentos na Noruega haviam dado às forças armadas alemães a certeza da vitória. Enquanto isso, as potências ocidentais haviam sido, até então, derrotadas em toda parte. Ficou demonstrado, mais uma vez, o quanto importa em uma guerra **vencer no primeiro encontro**. Também essa circunstância, sem levar em conta as numerosas outras razões, teria indicado a conveniência de ser iniciada a guerra com uma ofensiva contra a Polônia, porque ali era mais provável uma rápida vitória do que na frente de Leste. A lembrança do revés sofrido no Marne em 1914 e de suas consequências ainda estava por demais viva na memória dos alemães.

Entre os fatores, que contribuíram para os diversos êxitos alcançados na presente guerra, ocupa lugar de destaque a eficiência individual do **soldado**. Em toda parte, onde em pontos isolados houve resistência eficaz dos exércitos poloneses ou das potências ocidentais, tal fato deve ser atribuído exclusivamente ao valor dos soldados e não ao material. No exército alemão essas qualidades militares eram generalizadas entre comandantes e comandados. Isto ha-



via sido conseguido por meio de longo e persistente treinamento em tempo de paz. Mas também contribuíram grandemente para este fim os tempos difíceis que o povo alemão teve de suportar depois da Guerra Mundial e ainda o refortalecimento geral desse povo oriundo do nacional-socialismo. O soldado alemão da presente guerra não é apenas o mesmo soldado alemão, que em todos os tempos da História, tem mostrado o seu valor nos campos de batalha, é ainda o **soldado da revolução alemã**. Numerosos exemplos da História Militar mostram a influência, que exerce sobre o soldado, o entusiasmo produzido por um idealismo novo. Quanto menos o adversário reconhecer e compreender, por causa de suas próprias convicções, a finalidade de tal orientação e quanto menos conseguir opôr-lhe um idealismo equivalente, tanto maior será o sucesso do exército que seguir para a luta com tão valioso estímulo.

Verificou-se, de parte alemã, a mais **extraordinária disposição para a luta e extremo espírito de sacrifício**. Ao indomável desejo de vencer juntára-se a convicção, confirmada pelos acontecimentos dos últimos anos, de que "os frutos maduros não nos caem nas mãos por acaso", mórmente no campo de batalha. Compreendeu-se ainda quanto representa o **valor individual de cada soldado** e quanto o mesmo pode alcançar. O individuo conseguiu novamente destacar-se da massa impessoal. As grandes perdas de oficiais subalternos são bastante expressivas. Os oficiais de todos os postos expunham-se em ações pessoais, em atividades constantes e em permanente iniciativa individual. Mesmo nos combates de tanks, os chefes militares avançavam à frente de suas forças, como faziam outrora Seydlitz e Blücher. Agindo resolutamente dominavam todos os obstáculos. Nas situações difíceis e desesperadas, os oficiais arriscavam-se pessoalmente, certos de que "vence o mais valente, ainda que tombe na ação". Conta-se do General Dietl, o herói de Narvik, o seguinte episódio (Não importa no caso a exatidão dos detalhes, o essencial é que a narrativa traduz muito bem a atitude dos chefes militares alemães): Tendo-lhe co-



municado um oficial que o inimigo havia iniciado um violento ataque contra as fracas posições dos caçadores alpinistas, Dietl replicou: "Nesse caso vamos recorrer à reserva!" À objeção de que não havia reserva, Dietl deu a seguinte resposta breve e resoluta: "Nós somos a reserva". Em seguida ambos se precipitaram para o mais acêso da luta e as posições foram mantidas.

O valor do soldado e a eficiência do comando foram os dois fatores preponderantes de todos os êxitos do exército alemão na presente guerra. Esse exército foi organizado em um espaço de tempo extraordinariamente curto. Entretanto, já agora, pode-se formular a seu respeito o seguinte conceito, aparentemente despretencioso, mas que exprime o maior elogio que se pode imaginar: — "O EXÉRCITO ALEMÃO DEMONSTROU A SUA EFICIÊNCIA".

## Mario de Almeida Franco

NEGOCIANTE DE GADO

Rua São Sebastião, 25 -:- Telefone, 1833

UBERABA — NINAS

## PAULO DUENUSSON & Cia. Ltda.

Concessionarios Ford

POSTO ATLANTIC

Distribuidores: G. E.

Rua Coronel Manoel Borges, 36

Uberaba - Minas



# Bibliotéca da A DEFESA NACIONAL

## Livros à venda

Anuario Militar do Brasil, 1935 . . . . .	17\$500
Anuario Militar do Brasil, 1936 . . . . .	22\$500
Anuario Militar do Brasil, 1937 . . . . .	17\$500
Anuario Militar do Brasil, 1938 . . . . .	22\$500
Anuario Militar do Brasil, 1939 . . . . .	22\$500
A Campanha da Africa Oriental — Gal. Waldomiro Lima . .	31\$500
A Campanha da Africa Oriental — Gal Waldomiro Lima (para oficiais) . . . . .	21\$000
Anuario Militar do Brasil, 1940 . . . . .	27\$500
Aspétos Geográficos Sul-Americanos - Ten.-Cel. Mario Travassos	6\$000
A. C. P. — Cap. Geraldo Cortes . . . . .	16\$000
A. C. P. (blocos para o) . . . . .	3\$000
A acentuação gráfica — Cap. Antônio Pereira Lira . . . . .	2\$500
Atestado de Origem e Inquerito Sanitario de Origem — Ten.Cel. Dr. E. Marques Porto . . . . .	4\$000
As Condições Geograficas e o Problema Militar Brasileiro — Ten.-Cel. Mario Travassos . . . . .	5\$500
Boletim n.º 2 — Ten.-Cel. Araripe e Ten.-Cel. Lima Figueirêdo	11\$000
Bandeira do Brasil — Ten. Janary Gentil Nunes . . . . .	11\$000
Balística Externa — Cel. A. Morgado da Hora . . . . .	65\$000
Cadernetas de ordens e partes . . . . .	11\$000
Cadernetas de ordens e partes (blocos para) . . . . .	3\$000
Caderneta do Comandante . . . . .	1\$500
Cannae e nossas batalhas — Cap. Wiederspahn . . . . .	8\$000
Caxias (Eudoro Berlink) . . . . .	20\$000
Coletanea de Leis e Decrétos de 1544 a 1938 - Maj. Bento Lisboa	13\$000
Combate e Serviço em Campanha — Ten.-Cel. Araripe . . . . .	13\$000
Contribuições para a Historia da Guerra entre Buenos Aires e Brasil — Trad. do Gal. Klinger . . . . .	13\$000
Codigo da Justiça Militar — Cel. José Faustino da Silva Filho	27\$000
Dispersão do Tiro — Ten.-Cel. A. Morgado da Hora . . . . .	13\$000
Duque de Caxias — Cap. Orlando Rangel Sobrinho . . . . .	2\$500
Do Brasil á Italia — Gal. Newton Braga . . . . .	7\$500
Defesa Pessoal — Cap. Waldemar de Lima e Silva . . . . .	17\$000
Ensaio sôbre Instrução Militar — Cmt. Braillon — Tradução dos Caps. Garcia e Salm . . . . .	13\$000
Elogio de Caxias . . . . .	2\$500
Escola do Pelotão — Ten.-Cel. Araripe . . . . .	13\$000
Equitação em Diagonal — Major Osvaldo Rocha . . . . .	13\$000
Exemplo de Sessões de Estudos de Elementos, lições de Educação Física e Jogos — Cap. Jair Jordão Ramos . . . . .	3\$000
Estudos sobre granadas de mão e de fuzil — Ten. Moacir Nunes de Assunção . . . . .	11\$000
Educação Física Feminina — Cap. Jair . . . . .	3\$000
Educação Física Militar — Cap. Guttenbergh Ayres . . . . .	10\$000
Exercício de Combate de Companhia — Maj. Alcebiades Tamoio	18\$000
Fichário para Inst. de Ed. Física — Cap. Jair Jordão Ramos . .	16\$000
Formulario do Contador — Cap. José Sales . . . . .	5\$000
Formulário Processual — Major Niso Montezuma . . . . .	7\$000
Guia para Instrução Militar — Cap. Ruy Santiago — 1940 . .	13\$000
História da Guerra entre a Triplíce Aliança e o Paraguai — Gal. Tasso Fragoso . . . . .	70\$000



O CONTRA-ATAQUE da Inglaterra, das Índias Holandesas, para a Inglaterra é a Linha "Lame Duck" atrás das ilhas, indicam os ataques japoneses contra as Índias — sendo nados. Nessa rota navios avariados têm oportunidade de ataque de bombas incendiárias contra Tóquio, que podem





CADORES

ORMOSA

# OCEANO PACIFICO

1350 MILHAS  
ATÉ TÓQUIO



GUAM

FILIPINAS  
Manilha

BAHAS

Baía Davao

EQUADOR

CERAM  
AMBONI

NOVA GUINÉ

TIMOR

PORT THURSDAY

DARWIN

AUSTRÁLIA

dos Estados Unidos é mostrado acima. As setas negras  
tanto contrapostos pelas setas brancas. Uma vantagem  
Sumatra e Java, cujos estreitos podem ser facilmente mi-  
voltar às suas bases. O maior receio dos japoneses é um  
seimar-se inteiramente.

# METADE DO MUNDO CAIRIA NAS MÃOS DOS JAPONESES COM SINGAPURA

Traduzido do "LIFE" — 21 de Julho de 1941,

por VITOR JOSÉ LIMA

*A enorme importância de Singapura é verificada nos mapas que ilustram estas páginas. Com a queda de Singapura não estaria perdido apenas grande parte da borracha e do estanho destinados aos Estados Unidos. Mais da metade do mundo estaria à mercê de novos ataques por parte do Imperador japonês — representado por seu exército, sua marinha e sua aviação.*

*O Japão é, indubitavelmente, o inimigo. O Comandante Chefe britânico de Singapura está ao par de toda a situação e observa os acontecimentos com cuidado e decisão. Os próprios oficiais americanos em Manilha fazem o mesmo. O problema comum de ambos — isto é, dos Estados Unidos e da Inglaterra — é saber com antecedência o que se passa no cérebro dos conquistadores japoneses.*

*Se a Rússia soviética fosse conquistada pela Alemanha, o Japão poderia ter a parte da Sibéria a oeste do Lago Baikal por quasi nada, praticamente. Estaria habilitado, então, a dirigir toda a sua atenção à conquista do resto dessa parte oriental do mundo. Ninguém desconhece que, se o Japão atacar, o fará com força desesperada. Os britânicos terão, então, de lutar contra hordas e mais hordas de amarelos. O que pretendemos mostrar é, justamente, a preparação britânica para enfrentar essa eventualidade.*



O coração da defesa da Grã-Bretanha nessa parte do globo é, naturalmente, Singapura. Grandes canhões de defesa de costa controlam o estreito de Singapura numa extensão de 10 milhas, podendo atingir qualquer força inimiga que se aproximar do lado este. Arame farpado e linhas de casamatas e fortificações defendem as costas a este e ao sul. A piscina do Clube Nautico de Singapura foi transformada num abrigo para um canhão de longo alcance e de recuo.

Contudo, se a luta alguma vez chegar até essas partes litorâneas, tudo estará acabado. O tiroteio nas ruas de Singapura será uma rajada de morte contra o Império Inglês. A Inglaterra deve defender Singapura longe de Singapura. Suas tropas imperiais estão agora no norte da Malásia, procurando impedir qualquer ataque de surpresa dos japoneses. Seus campos avançados de aviação — campos de pouso para aparelhos de caça e bombardeio — estão escondidos e dissimulados quasi junto à fronteira da Tailândia. Bombardeiros Blenheim e Lockheed-Hudson esquadrinham incessantemente os ares e as águas ao norte e a este de Singapura; barcos-patrolha inspecionam todos os navios que se aproximam. Os aviões servirão para frustrar qualquer tentativa de desembarque de tropas japonesas, bombardeando navios e metralhando as praias. Submarinos e barcos torpedeiros virão de Singapura, Manilha e Soerabaja para afundar os transportes dos amarelos.

Depois do desembarque japonês, os britânicos dinamitarão as estradas que constituem o único terreno sólido nessas paragens alagadiças. Se um tanque se afastar apenas 3 pés do leito da estrada, nunca mais poderá voltar a caminhar. Além disso, casamatas ocultas nas selvas dificultam o avanço inimigo.

Mas os japoneses invadirão, provavelmente, diretamente da Tailândia, através das terras sólidas e mais transitáveis da costa oeste. Poderão mesmo descer em Mersing, que fica a apenas



150 milhas de Singapura. Organizarão seus bombardeios dos campos da Tailândia e de porta-aviões nos mares da China do Sul. Sobretudo, desembarcariam em ondas sucessivas, em número cada vez maior.

Todos os canhões e todos os contingentes ingleses pouco valerão, nesse caso. Mas os dois pesadelos mais sérios para o alto comando japonês estão longe de Singapura. Um é a Esquadra Americana, fundeada em Pearl Harbor, que poderia surgir a qualquer momento na retaguarda japonesa cortando a retirada de seus navios. O outro é o receio das fortalezas voadoras americanas — que surgiriam aos milhares de Guam, Wake e Hawaii, reduzindo a cinzas as casas de madeira de Tóquio e de várias cidades importantes nipônicas.

UBERLANDIA — Minas  
*A Moda Artística*  
 D E  
 EDUARDO FELICE

ARMAZEM DE CEREAS E TORREFAÇÃO DE CAFÉ "IDEAL"  
 de Alberto de Oliveira

Grande comprador de Queijos, Arroz em casca, Feijão, etc.

UBERLANDIA-Caixa, 144-Praça da Matriz, 54 Fone, 104 Minas

**BAZAR VENCEDOR**

Especialidade em sedas,  
 Lans, linhos, enxovaes para  
 Casamentos e Batisados •

**JORGE CHACUR & IRMÃOS**

AV. AFFONSO PENNA, 75-(Esq. da Rua Goyaz)-UBERLANDIA-Minas



---

---

---

A DEFESA NACIONAL  
é do Exército

Trabalhar para ela é trabalhar

**PARA O EXÉRCITO**

MANDEM SUAS  
COLABORAÇÕES

# Defesa contra Aeronaves

Pelo Cap. JOSÉ CAMPOS DE ARAGÃO

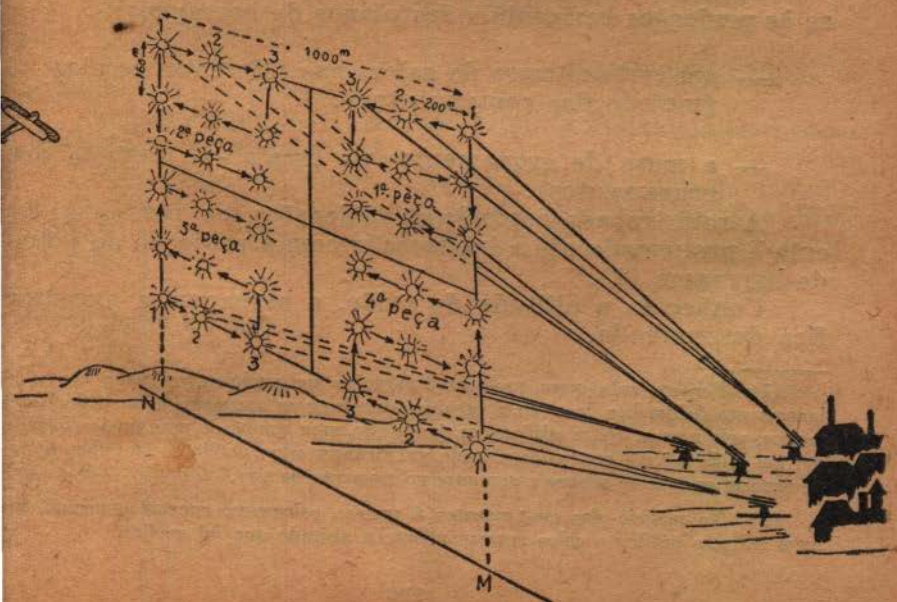
1/2.º R.A.A.Aé.

## TIRO AO SOM — TIRO DE BARRAGEM

Graças ao emprego de aperfeiçoados aparelhos de **localização de aeronaves pelo som**, pode, a artilharia anti-aérea dos nossos dias assegurar à noite o cumprimento de sua missão, atacando a toda sorte de aviões adversários que tentem cruzar a zona de ação.

Assim, o tiro à noite é executado ou em rajadas acompanhando o objetivo como no caso de dia, ou por **barragem** previamente preparada.

A barragem é constituída pelo arrebentamento, num tempo muito curto, de um certo número de projéteis repartidos uniformemente num plano vertical escolhido à frente e tanto quanto possível perpendicular à rota seguida pelo objetivo. A fig. 1 esclarece bem a definição de barragem, nos domínios anti-aéreos





### Preparação das barragens

As barragens são preparadas de acordo com as prescrições seguintes:

- 1.º) A distância horizontal da barragem ao ponto sensível a proteger depende:
  - da natureza e da extensão do ponto a proteger;
  - da altitude provavel sob a qual os aviões inimigos executam os seus bombardeios (1).
- 2.º) O mecanismo de tiro deve ser o **mais simples** possível de forma que a barragem possa ser executada corretamente com o **máximo de rapidez**.
- 3.º) A distância dos tiros entre si não deve exceder de 200 metros.
- 4.º) O número total de tiros de uma barragem não deve em caso algum ser superior a 48 (quatro rajadas) para as baterias de 75, ou 24 tiros (duas rajadas) para as baterias de 105.
- 5.º) E' preciso levar em conta, nas dimensões das barragens, a precisão que se deve esperar da escuta, notadamente para a medida de altitude.

### Desencadeamento das barragens

Para a designação da barragem a ser executada, recorre-se às projeções horizontais dos planos de barragens:

- um certo número de calcos nas diferentes escalas —  
(metodo das contangentes);
- a mesa de cruzamentos na escala  $\frac{l}{n}$  (metodo dos cruzamentos).

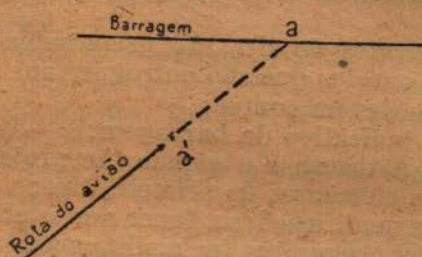
A rota traçada segundo as indicações dos pontos de escuta é prolongada até a intersecção com a projeção do plano de barragem (2).

Conhecida a altitude do avião, a barragem a executar fica determinada.

(1) Por exemplo, para proteger habitações de qualquer extensão contra o lançamento de bombas de avião, é preciso estabelecer as barragens a cerca de 1.200 metros, pelo menos, destas edificações, posto que, uma bomba de peso médio lançada por um avião a 3.000 metros de altitude, vai alcançar cerca de 900 metros além do pé da vertical em que se achava a aeronave no momento do tiro.

(2) No método das contangentes é preciso colocar-se, convenientemente, no lugar sobre o gráfico o calco correspondente à altitude que foi medida.

A barragem deve ser desencadeada de forma que os últimos tiros arrebetem no momento em que o avião chega à altura do plano de barragem.



Seja *a*, fig. 2, o ponto de interseção do prolongamento da rota com a projeção do plano de barragem. O tiro é desencadeado quando o avião escutado chega no ponto *a'*, tal que *aa'* esteja no sentido da marcha do avião e que:

$$aa' = U (\tau + \theta + t_1 + t_2) \frac{e}{h} \quad (\text{metodo das contangentes})$$

$$aa' = U (\tau + \theta + t_1 + t_2) \frac{l}{n} \quad (\text{metodo dos cruzamentos})$$

$\tau$  sendo a duração de trajeto do som,

$\theta$  o tempo morto de manobra,

$t_1$  duração de trajeto dos projetis,

$t_2$  duração do tiro,

( $e = 0,10$ ; —  $1/n$  escala em que se está empregando o método dos cruzamentos).

O comprimento do vetor *aa'* é obtido utilizando as régua analogas às de extrapolação.

Esta operação é normalmente feita no posto de comando do Grupo, que desencadeia diretamente os tiros das diferentes baterias, levando em conta as diferentes durações de trajeto.

### Mecanismo do tiro

As dimensões do retangulo a bater e o número de tiros a dar sendo fixados, o mecanismo do tiro é o seguinte:

— O retângulo é dividido em quatro partes pelas retas medianas, cada uma destas partes fica afeta a uma peça, fig. 1.



— Cada peça dá um certo número de rajadas sobre altitudes diferentes e o tiro é conduzido de tal forma que os últimos arrebetamentos estejam o mais próximo do centro da barragem.

— Os elementos do tiro são preparados previamente e inscritos sobre cartões que são entregues aos chefes de peça.

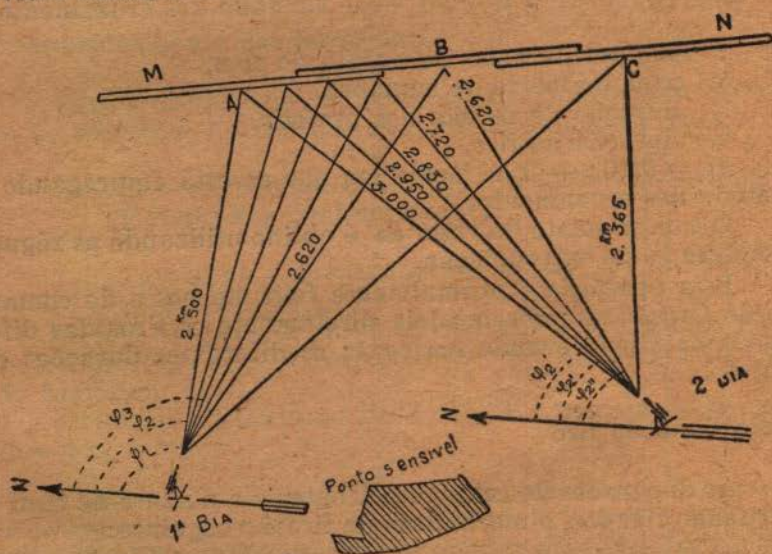
Os cartões devem conter:

- o indicativo da barragem;
- a natureza e o número de projetis a atirar;
- os elementos do primeiro tiro;
- as modificações a fazer nestes elementos para os tiros seguintes (as modificações de azimuth e de inclinação são dadas por voltas de volante).

### EXEMPLO DE PREPARAÇÃO E EXECUÇÃO DE BARRAGENS PARA A DEFESA DE UM PONTO SENSIVEL

#### PLANO DE BARRAGEM

Suponhamos que, para a defesa de um ponto sensivel, duas baterias anti-aéreas tenham por missão barrar a rota de aviões inimigos entre as verticais dos pontos M e N, fig. 3.



Essas baterias devem executar tiros de barragem no plano vertical cujo traço MN é perpendicular à direção provavel de chegada dos aviões inimigos.

Na preparação e execução do tiro admite-se que:

- 1.º) Os tiros são desencadeados do posto de comando do Grupo, empregando-se o **método das contangentes**;
- 2.º) Os elementos retangulares do plano de barragem correspondem cada um a um tiro particular, tendo por dimensões: 1.000 m de largura por 800 m de altura;
- 3.º) O número de tiros para uma barragem é de 36 por bateria;
- 4.º) Os tiros são repartidos segundo seis linhas horizontais, distantes de 160 m uma da outra, cada linha comportando 6 tiros (duas rajadas) escalonados de 200 metros.

### Preparação dos tiros de barragem.

A preparação do tiro de barragem comporta as operações seguintes:

- no posto de comando do Grupo:
  - a) **repartição** dos tiros no plano de barragem ;
  - b) **confecção** dos calcos das barragens;
  - c) **calcul**o da duração do trajeto;
  - d) **confecção** das reguas de extrapolação;
- nas baterias:
- confecção dos cartões de peça.

### Repartição dos tiros

O plano de barragem é dividido em elementos retangulos correspondendo a cada um destes retangulos um tiro particular; estes elementos retangulares são repartidos no plano de barragem de forma que se recortem sobre 300 metros de largura e altura.

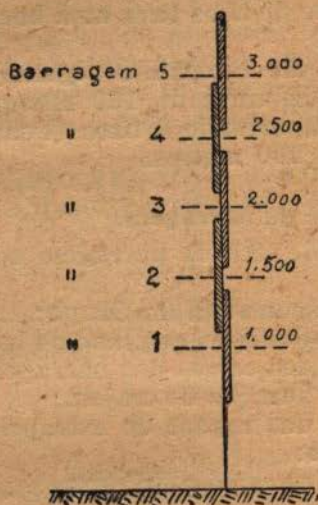
O comprimento MN sendo de 2 Km, por exemplo, considera-se, no plano de barragem, três porções tendo como projeções A, B, C de 1 Km de comprimento e se recortando sobre 300 metros, figs. 3 e 4.

Em cada uma destas porções, tomam-se os elementos compreendidos entre as altitudes:

600	—	1.400
1.100	—	1.900
1.600	—	2.400
2.100	—	2.900
2.600	—	3.400
	etc.	



Cada um destes elementos constitue um retangulo de 1.000 metros de largura por 800 de altura, e, é designado pela letra A, B ou C, correspondendo à sua projeção horizontal, seguida do número indicando a altitude.  $A_3$  indica, por exemplo, o elemento de projeção horizontal A situado às altitudes 1.600 e 2.400.



### Calcos de barragem.

As situações dos postos de escuta, do mesmo modo que as projeções horizontais A, B, C, das barragens, são reportadas sobre os calcos nas diferentes escalas  $\frac{e}{h}$  onde  $h$  é igual a 1.000, 1.500, 2.000 metros, etc. o que quer dizer à altitude média do tiro considerado.

Esses calcos são munidos de referências permitindo collocá-los rapidamente sobre o gráfico de contangentes que está servindo para o traçado da rota.

### Duração de trajeto

Para o desencadeamento dos tiros de barragem é preciso cada bateria conhecer a duração de trajeto relativa ao ponto médio de cada tiro particular.

Essas durações de trajeto são calculadas em função da distância horizontal medida sobre o plano de barragem, fig. 3, e da altitude, utilizando-se para tal os gráficos de trajetórias.

Estabelece-se em seguida o quadro de duração de trajeto.

Barra- gem	1.a Bia	2.a Bia	Barra- gem	1.a Bia	2.a Bia	Barra- gem	1.a Bia	2.a Bia
A <sub>1</sub> . . .	4,2	5,2	B <sub>1</sub> . . .	4,4	4,4	C <sub>1</sub> . . .	5	4
A <sub>2</sub> . . .	4,6	5,6	B <sub>2</sub> . . .	4,8	4,8	C <sub>2</sub> . . .	5,4	4,4
A <sub>3</sub> . . .	5,2	6,0	B <sub>3</sub> . . .	5,2	5,2	C <sub>3</sub> . . .	5,8	5,0
A <sub>4</sub> . . .	5,8	6,6	B <sub>4</sub> . . .	6,0	6,0	C <sub>4</sub> . . .	6,4	5,8
A <sub>5</sub> . . .	6,6	7,2	B <sub>5</sub> . . .	6,6	6,6	C <sub>5</sub> . . .	7,2	6,4

### Régua de extrapolação

Estas régua são destinadas a determinar rapidamente o comprimento do vetor:

$$aa' = U (\tau + \theta + t_1 + t_2) \frac{e}{h}$$

$$\tau = \frac{3h}{1.000 \text{ sen } s'}$$

$s'$  é o sítio do avião escutado, medido do posto de escuta;  $\theta$  é o tempo de transmissão do comando de "fogo" do posto de comando do Grupo às peças. Ele é de cerca de 4 segundos;  $t_1$  é a duração de trajeto dos projetis e  $t_2$  a duração da rajada que aqui é igual a 24 segundos; donde:

$$aa' = \frac{3eU}{1.000 \text{ sen } s'} + \frac{(28 + t_1) eU}{h}$$

Para uma velocidade de avião e uma altitude de barragem determinadas o segundo membro da fórmula de extrapolação é a soma de dois termos onde o primeiro não depende senão de  $s'$  e o segundo de  $t_1$ .

Sobre uma régua colocamos, de um lado de uma origem comum (zero), uma graduação em:



3 e U

$$\frac{1.000 \text{ sen } s'}{(28 + t_1) \text{ e } U}$$

numerada em  $s'$  e do outro lado uma graduação em:

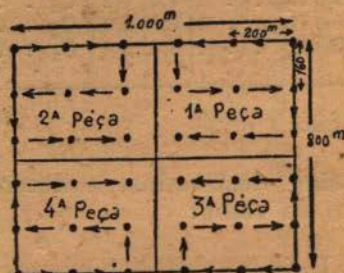
$$\frac{h}{(28 + t_1) \text{ e } U}$$

h

numerada em  $28 + t_1$ .

### Cartões de peça.

Para um tiro de barragem, cada peça deve dar três tiros, fig. 5.



Os elementos necessários para a execução do tiro se calculam da forma seguinte:

1.º) — Caso de uma barragem perpendicular ao plano de tiro — 1.ª Bia. 1.ª peça barragem  $A_3$ .

Os azimutes correspondentes aos diferentes tiros são medidos diretamente sobre o plano de barragem obtendo-se assim os azimutes:

$$\varphi_1 \text{ — } \varphi_2 \text{ — } \varphi_3$$

### Duração de trajeto.

Esta medida é feita graficamente por meio do gráfico das trajetórias.

E' preciso então medir as três durações correspondentes as altitudes: 2.400, 2.240 e 2.080. Tudo isto em relação ao meio da barragem, fig. 6:

### Inclinações.

Nesse caso todos os projetis atirados com a mesma altura teem igual inclinação; inclinação esta, correspondente ao meio da barragem.

Torna-se, portanto, necessário medir as inclinações correspondentes as altitudes: 2.400 — 2.240 — 2.080.

Essas medidas são feitas igualmente por meio do gráfico das trajetórias. Obtem-se as inclinações:

$$i - i' - i''$$

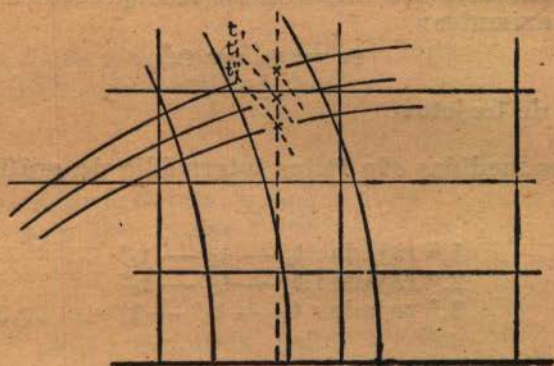


Fig. 6

### Estabelecimento do cartão da peça.

As modificações a introduzir no azimuth e na inclinação do primeiro tiro para os tiros seguintes devem ser dadas por voltas de volante. Elas são calculadas sabendo-se que para o 88 m/m C 56, por exemplo, uma volta de volante em direção corresponde a 80''; uma volta de volante em altura corresponde a 40''.

O cartão da peça se apresentará sobre a forma seguinte:

1.<sup>a</sup> Bia.

88 m/m.

Barragem A<sub>3</sub>

1.<sup>a</sup> Peça.

Granada explosiva — 3 rajada de 3 tiros  
azimute inicial  $i$   
inclinação inicial  $\varphi$

1.<sup>a</sup> rajada:

Para esquerda, ceifar 1 volta  $t_1$

2.<sup>a</sup> rajada: a baixo

para direita, ceifar 1 volta  $t'_1$

3.<sup>a</sup> rajada: mais a baixo,

para esquerda, ceifar 1 volta  $t''_1$



2.º) — Caso de uma barragem oblíqua com relação ao plano de tiro (2.ª Bateria, 1.ª peça, barragem A<sub>3</sub>).

### Azimuthes:

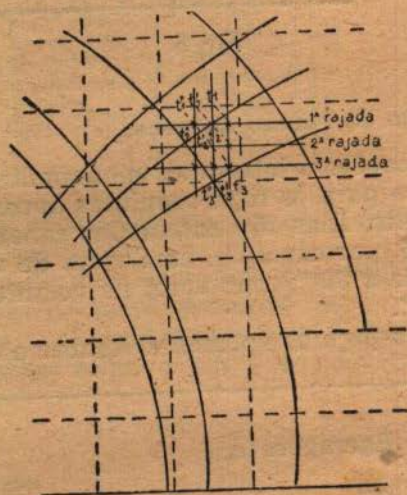
Os azimuthes são medidos no caso precedente. Otem-se assim os azimuthes:

$$\varphi_2 \text{ — } \varphi_2' \text{ — } \varphi_2''$$

### Duração de trajeto:

Essas medidas são feitas intermédio do gráfico das trajetórias.

$$\begin{aligned} 1.^a \text{ rajada: } t_1 \text{ — } t_1' \text{ — } t_1'' \\ 2.^a \text{ rajada: } t_2 \text{ — } t_2' \text{ — } t_2'' \\ 3.^a \text{ rajada: } t_3 \text{ — } t_3' \text{ — } t_3'' \end{aligned}$$



Estabelecimento do cartão de peça.

Os afastamentos em azimuthes e inclinação entre cada tiro são medidos em voltas de volante.

O cartão da peça se apresenta sob a forma seguinte:

**Nota** — não confundir  $t_2$  (tempo de duração) com  $t_2$  (duração de percurso do projétil na segunda rajada).

2.<sup>a</sup> Bia.

88 m/m

Barragem A3

1.<sup>a</sup> peça

Granada explosiva — 3 rajadas de 3 tiros  
azimute inicial  
inclinação inicial

1.<sup>a</sup> rajada:

em direção: para a esquerda, ceifar 1 volta;

em altura: mais baixo, ceifar  $t_1 t'_1 t''_1$ 2.<sup>a</sup> rajada:

em baixo 1 volta

em direção: para a direita, ceifar 1 volta

em altura: mais alto, ceifar 1 volta  $t_2 t'_2 t''_2$ 3.<sup>a</sup> rajada:

mais em baixo, 1 volta

em direção: para a esquerda, ceifar 1 volta

em altura: mais baixo, ceifar 1 volta  $t_3 t'_3 t''_3$ 

## EXECUÇÃO DOS TIROS DE BARRAGEM

### Designação do tiro de barragem a executar

A rota do avião é traçada sobre um gráfico das cotangentes após a indicação do posto de escuta.

Logo que a altitude é medida, coloca-se, sobre o gráfico, o calco de barragem correspondente à altitude média da barragem mais visinha.

Se, por exemplo, a altitude é 1.900, toma-se o calco da

escala  $\frac{e}{2.000}$ , isto é  $\frac{1}{20.000}$ .

O calco é colocado no lugar convenientemente orientado, de forma que o ponto representante do posto de escuta utilizado esteja na vertical do centro do gráfico.

A rota traçada é prolongada até o ponto de encontro com a projeção de uma porção do plano de barragem *a*, exemplo; a barragem a executar é definida por esta projeção e a altitude medida precedentemente, seja *A*<sub>3</sub>.

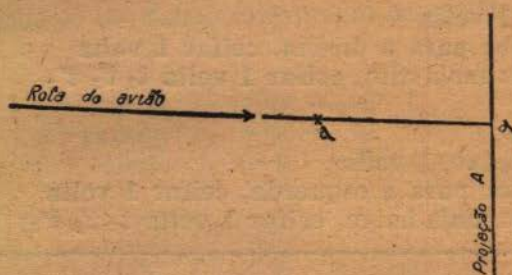
Após esta indicação é enviado imediatamente às Baterias o título da barragem. Os chefes de peça se munem dos cartões de peça correspondentes e fazem preparar o tiro.



**Abertura do fogo.**

Seja *a* o ponto de interseção da rota traçada com a projeção A da barragem, a barragem deve ser desencadeada quando o avião chegar no ponto *â* tal que *aâ* seja em sentido inverso à marcha do avião igual:

$$a\hat{a} = \frac{3 \text{ e } U}{1.000 \text{ sen } s'} + \frac{(28 + t_1) \text{ e } U}{h}$$



Se *U* é igual a 100 m/s, *h* = 1.900, toma-se a regua de extrapolação correspondente à velocidade 100 e à altitude 2.000.

Leem-se sobre o quadro de duração do trajeto os valores correspondentes a barragem *A<sub>3</sub>* para as duas baterias, seja:

$$\begin{aligned} t_1 &= 5,2 \text{ para a 1.ª bateria} \\ t_2 &= 6 \text{ para a 2.ª bateria} \end{aligned}$$

A extrapolação será feita para o caso da bateria mais afastada, no caso em apreço, para a 2.ª.

Coloca-se a regua de extrapolação no pronomlongamento da rota traçada de forma que o ponto *a* esteja em frente à divisão  $(28 + t_1) = 34$  da graduação em segundos.

O ponto *â* será marcado defronte da divisão de graduação em sítio da regua, de modo que esta divisão seja àquela do círculo de sítio do gráfico das cotangentes passando por este ponto.

O comando de "fogo" será enviado à 2.ª bateria quando a rota traçada segundo as indicações da escuta chegar a altura de *â*.

Se o ponto á não deve corresponder exatamente a um ponto enviado pela escuta, extrapola-se à vista.

O comando de "fogo" é enviado a 1.<sup>a</sup> bateria após ser levada em conta a diferença de duração de trajeto.

### **Execução do tiro.**

As peças são preparadas para o tiro e os primeiros disparos devem partir desde a recepção do comando de fogo. As rajadas sucessivas são atiradas com a máxima rapidez.

**CASA NOVA**

— DE —

Fazendas e Armazinho.  
Chapéus e Calçados.

**MIGUEL JOÃO**

Secção de Secos e Molhados.—Compra e vende Generos do Pais

Uberlandia—Av. Dr. Fernando Villéla n.º 96—Minas

**A CASA DOS CAPACHOS**

**FELICIO JANIN**

Uberlandia -- Av. Affonso Pena, 12-16 - Minas

Relojoaria e Joalheria

**Irmãos Bernardes**

Concertos em geral — Variado sortimento de joias, relógios e todos os artigos do ramo

AVENIDA AFONSO PENNA, 491 — UBERLANDIA — MINAS



## **DEPOSITO DE FERROS**

Machina para Industria e Lavoura, Compra-se e vende-se Ferros Velhos, Metaes, Bronze, Cobre e Chumbo — Tendo sempre em stock, eixos de aço de todas as espessuras e tubos para agua e postes para luz.

**JOSÉ SALGUEIRO**

230, RUA PEDRO ALVES, 232 — Telephone 43-0069 — RIO

## **OFICINA MECANICA LUIZ SIQUEIROLI**

Concertos em geral

AV. AFONSO PENA, 382

UBERLANDIA

MINAS

## **MACEDO PORTAS & CIA.**

48, RUA DA MISERICORDIA, 48

IMPORTADORES E EXPORTADORES  
DE VINHOS E CONSERVAS

TELEFONE 42-1519

RIO DE JANEIRO

## **Marcellino Martins Filho & Cia.**

Casa Matriz: Sta Barbara — Estado do Rio

Casa Sucursal: Murundú — Estado do Rio

RIO DE JANEIRO-Rua Cons. Saralva, 24-Sob. -- Caixa Postal 2054  
Telefones (Escritório) 23-4107 e 23-3009

Peça ao seu fornecedor, O XARQUE Marca

**"OMEGA"**

Produto da "XARQUEADA OMEGA"

UBERLANDIA — Caixa Postal, 175 — ESTADO M. GERAIS



# TABELAS DE TIRO

Pelo Ten.-Cel. R. SEIDL

1 — A TABELA DE TIRO é o documento auxiliar indispensável ao artilheiro. Seu manuseio lhe deve ser comum e o máximo rendimento de sua aplicação precisa ser aproveitado.

Prestando diversas informações balísticas sobre o material e as munições, indicando-nos, também, as grandezas das variações quando as condições do momento forem diferentes das admitidas como normais. Esse valioso documento, sempre à mão, deve e pode contribuir de maneira altamente prestimosa para um Capitão comandante do tiro na Artilharia de Campanha, porque:

- fixa dados balísticos;
- informa os valores de elementos variáveis;
- facilita os cálculos e as transformações;
- diminui o esforço intelectual;
- permite acerto e rapidez na atuação;

desde que saibamos tirar dele todo o rendimento possível e tenhamos preparado e enriquecido a sua contextura.

2 — A tendência moderna, em consequência das condições de atuação cada vez mais imprevistas pela rapidez de movimentos, variedade e quasi instantaneidade dos objetivos, é para o estabelecimento e amplo emprêgo das tabelas mecânicas, dos sistemas de direção de tiro e dos calculadores, expressões máximas da perfeição técnica e da precisão.

Na Artilharia de Campanha ainda não nos podemos beneficiar de tão valiosos aparelhos tal como já se faz na Artilharia de Costa e na Artilharia Anti-Aérea, cabendo-nos, por isso, engendrarmos os modos de suprir a lentidão dos métodos e o esforço intelectual, assegurando, também, uma menor possibilidade de erros.

3 — O enriquecimento da contextura das tabelas de tiro é o primeiro passo no sentido preconizado e está ao alcance de qualquer artilheiro. Consiste em incluir nas tabelas de tiro uma série de quadros, gráficos e ábacos que nos facilite o conhecimento imediato, mesmo sem raciocínio, dos valores de elementos necessários aos comandos de tiro, dando





## Conversão de graus e minutos em milésimos (Tabela II)

o	0°	10°	20°	30°	40°	50°	60°	70°	80°	90°	Grãos			Minutos		
											o	'''	,	'''	,	'''
0		178	356	533	711	889	1067	1244	1422	1600	1	18	1	0,3	10	3,0
											2	36	2	0,6		
											3	53	3	0,9	20	5,9
00	1778	1956	2134	2311	2489	2667	2845	3022	3200	3378	4	71	4	1,2		
											5	89	5	1,5	30	8,9
											6	107	6	1,8		
00	3556	3734	3912	4089	4267	4445	4623	4800	4978	5156	7	124	7	2,1	40	11,9
											8	142	8	2,4		
00	5333	5511	5689	5866	6044	6222	6400				9	160	9	2,7	50	14,8

## Utilização das tabelas.

## Tabela I:

a) — pela tabela podem ser convertidos em graus e minutos os números inteiros de milésimos múltiplos de 10 e as unidades de milésimos;

b) — para se obter o resultado é bastante somar os valores retirados da tabela;

c) — Exemplo: Converter 956 milésimos.

— tomar na 1.<sup>a</sup> coluna vertical à esquerda o valor 900 milésimos e na 1.<sup>a</sup> coluna horizontal superior o valor 50 milésimos;

— procurar o valor de 6 milésimos na pequena tabela da última coluna à direita; o valor é igual a 20 minutos;

— somar os valores encontrados:

$$53^{\circ} 26' + 20' = 53^{\circ} 46'$$

## Tabela II:

a) — a tabela dá os valores correspondentes das unidades, dezenas e centenas de graus e minutos em milésimos de 0 a 300 graus e de 0 a 60 minutos;

b) — para se obter a conversão é bastante somar os valores retirados da tabela;



c) — Exemplo: Converter 236° 25'

230°	..	..	..	..	..	..	..	4.089''
6°	..	..	..	..	..	..	..	107
20'	..	..	..	..	..	..	..	5,9
5'	..	..	..	..	..	..	..	1,5
								4.203,4

6 — Na tabela de tiro do Canhão Krupp 75 C/28 Mod. 1908, nas páginas para a **Granada, granada de alto explosivo e Shrapnel c/33**, incluir as informações do quadro que se segue:

Distancia m.	Garfo			Flecha m.		Distancia m.	Garfo			Flecha m.
	m.	mils.	min.				m.	mils.	min.	
100 a 500	57	1,3	4	1,5		3.100 a 3.500	75	4,1	14	135
600 a 1.000	57	1,6	5	7		3.600 a 4.000	81	4,7	16	200
1.100 a 1.500	60	2,1	7	17		4.100 a 4.500	90	5,5	19	270
1.600 a 2.000	63	2,5	9	34		4.600 a 5.000	99	6,6	22	350
2.100 a 2.500	66	3	10	60		5.100 a 5.500	108	7,2	24	445
2.600 a 3.000	69	3,4	12	95		5.600 a 6.000	120	8	27	560

7 — Tabela de correspondência de desvios e frentes a bater em metros e milésimos.

Distância	Frente em metros				Distância	Frente em metros			
	100	200	300	400		100	200	300	400
	Frente em milésimos					Frente em milésimos			
1.000	100	200	300	400	3.100	32	65	97	129
100	91	182	273	364	200	31	63	94	125
200	83	167	250	334	300	30	61	91	121
300	77	154	231	308	400	29	59	88	118
400	71	143	214	286	500	29	57	86	114
500	67	133	200	267	600	28	56	83	111
600	63	125	188	250	700	27	54	81	108
700	59	118	177	236	800	26	53	79	105
800	56	111	167	222	900	26	51	77	102
900	53	105	158	211	4.000	25	50	75	100
2.000	50	100	150	200	100	24	49	73	98
100	48	95	143	190	200	24	48	71	95
200	46	91	136	182	300	23	47	70	93
300	44	87	130	174	400	23	45	68	91
400	42	83	125	167	500	22	44	67	89
500	40	80	120	160	600	21	43	65	87
600	38	77	115	154	700	21	43	64	85
700	37	74	111	148	800	21	42	62	83
800	36	71	107	143	900	20	41	61	82
900	35	69	103	138	5.000	20	40	60	80
3.000	33	67	100	138					

#### Utilização da tabela:

a) — A presente tabela foi feita considerando que a frente normal a bater por uma Bateria é de 100, 200, 300 ou 400 metros, não interessando repartir o tiro pelas frentes intermediárias destes valores, porque apenas se obteria uma superposição de efeitos. A densidade dos efeitos em 200 metros de frente, por exemplo, é praticamente a mesma que na de 150 metros, convindo, portanto, não reduzir a frente, mas, sim, abarcar largamente o objetivo em largura.



b) — A 1.<sup>a</sup> coluna à esquerda dá as distâncias em centenas de metros; a frente do objetivo em milésimos se encontra na mesma coluna vertical da frente em metros e na altura da distância de tiro;

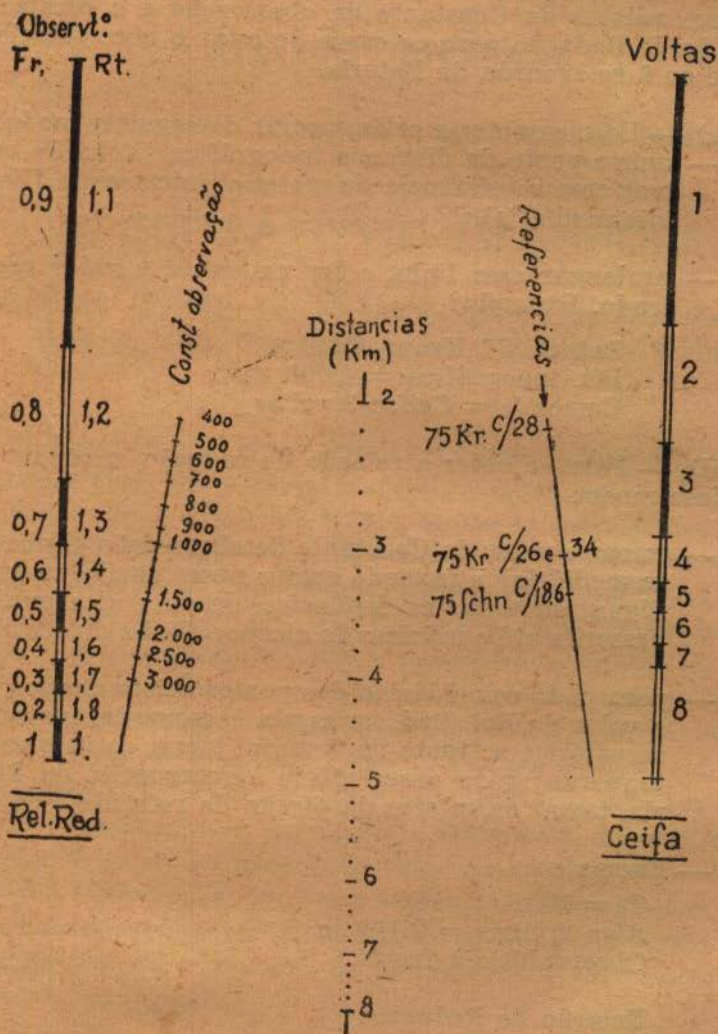
c) — Exemplo: Frente objetivo . . . . . 300 m  
Distância . . . . . 2.400 m

Distancia	Fr. em metros				
	100	200	300	400	
	Fr. em milésimos				
2.000					
100					
200			136		
300			130		
( 400			125	)	$\frac{300}{2,4} = 125$
500			120		

8 — Na tabela de tiro do canhão Schneider 75 c/18,6 Mod. 1919, nas páginas para a Granada F. A. carga reduzida (tabela IV) Modelo A. G. R. J., acrescentar as seguintes informações:

Distancia	Garfo				Lance		Distancia	Garfo				Lance
	o	,	'''	m				o	,	'''	m	
100 a							2.600 a					
500		13	4	48	8		3.000	1	07	20	168	12
600 a							3.100 a					
1.000		18	5	60	8		3.500	1	38	29	192	14
1.100 a							3.600 a					
1.500		25	7	78	10		4.000	2	33	46	216	17
1.600 a							4.100 a					
2.000		39	12	108	10		4.500	4	15	75	240	25
2.100 a							4.600 a					
2.500		53	15	138	10		4.800				252	

9 — Nonograma da Relação de Redução e da Ceifa para os seguintes materiais: 75 Krúpp C/28; 75 Schneider C/18,6; 75 Krupp C/26 e C/34.



a) — Na linha do centro estão marcadas as distâncias (em Km.) ; à direita foram colocadas as referências dos materiais 75 Krupp C/28; 75 Krupp C/26 e 34 e 75 Schneider



C/18,6 e a escala dos valores de voltas de volante que é a mesma para os citados materiais.

b) — A esquerda da linha do centro estão marcados os diversos valores da Constante de observação e a escala de Relação de Redução para os casos de estar o observatório à frente ou à retaguarda da Bateria.

c) — Para se obter a ceifa, operar do seguinte modo:  
— unir o ponto da distância topográfica (linha do centro) com a referência do material interessado (linha intermediária);

— prolongar essa linha e ler na escala o valor registrado. Exemplo:

Bateria 75 Krupp C/34  
Dit. topográfica = 4.600 m.  
Comando = Ceifar 3 voltas.

d) — Para se obter a relação de redução, proceder do seguinte modo:

— tomar o valor da Constante de observação (linha intermediária) e fazendo centro nesse ponto, passar a régua por todas as distâncias, desde a alça mínima prescrita até o máximo do alcance (linha do centro);

— para cada coincidência dos pontos acima citados, ler o valor da Rel. Red. na escala à esquerda (para observatórios à frente da Bateria, tomar os valores da esquerda; para observatório à retaguarda da Bateria, tomar os valores da direita da referida escala).

— Exemplo:

$C_0 = 90$  m.  
Alça mínima = 2.100 m.  
Observatório à frente.

Relação de Redução:

2.200 a	0,6	3.600 a	0,8
2.500		6.000	
2.600 a	0,7	6.100 a	0,9
3.500		8.000	

# LIVROS DO EXÉRCITO

AUTORES MILITARES

Pelo 1.º Ten. UMBERTO PEREGRINO

## A GUERRA CIVIL ESPANHOLA

GENERAL DUVAL — Lições da Guerra de Espanha —  
Trad. do Cap. Frederico Trota — Biblioteca Militar —  
1941.

*O depoimento do General Duval sobre a guerra civil espanhola é, em certa medida, desconcertante. Julga-se, em geral, que na Espanha se desenvolveu uma guerra moderníssima, em que os materiais mais aperfeiçoados do mundo inteiro se degladiavam, em que os ensinamentos novos se atropelavam, ultrapassando ou subvertendo o que ficara assentado com a guerra de 1914-18. Pois bem, o Gen. Duval assegura que, na ordem estratégica e tática, os exércitos que lutaram na Espanha não eram comparáveis às tropas alemãs ou aliadas, da primeira Grande Guerra, nem do ponto de vista do enquadramento, nem da organização, nem da instrução, nem do armamento. Mais adiante precisa melhor as suas observações: "A batalha de 1918 é uma batalha de artilharia tanto quanto de infantaria; eis a profunda e fundamental diferença que a distingue da de 1937, e que impede mesmo qualquer comparação entre as duas. A batalha de 1937 é uma batalha de infantaria, que nos leva para antes de 1914. O canhão desempenha nos campos da Espanha um papel que não difere muito do que representou em 1870, nos campos de batalha da França".*

*E' também melancolicamente curioso saber que, "como sistema fortificado, o "cinturão de Bilbao" era uma organização um tanto ingenua e que não possuía capacidade séria de resistência".*

*Muito interessante ainda é a notícia de uma tendência, bastante nítida, nos dois campos, à simplificação e aligeiramento das armas. "A*



arma individual do infante, o fuzil, readquiriu na Espanha a importância que perdera durante a grande guerra. Também procura-se melhorá-lo, substituí-lo por um fuzil de tiro automático". Em suma, os "fuzis individuais e granadas de mão são com efeito os engenhos mais normalmente usados".

Mas, uma informação surpreendente, em face da idéia geralmente feita sobre o que se passou na Espanha, é a do emprego pelos governamentais de carros Renault, de modelo antigo, "que fizeram uma muito triste figura". Neste assunto de carros, aliás, as observações do Gen. Duval, ressuscitadas agora, são bastante oportunas. Ele não faz mistério de certos revezes por que passaram os carros. Refere mesmo que "quando se conversa com combatentes espanhóis, a propósito de carros, sorriem significativamente". Queixam-se do expediente costumeiro "que consistia em aproximar-se do carro, sem risco algum, jogar-lhe um pichet de petroleo e lançar-lhe uma granada", ao que o General responde num tom que tanto pode ser de malícia como de complascência: "Evidentemente, mas seria suficiente que alguns infantes amigos marchassem atrás do carro para tornar essa manobra impossível". Alegavam de outro lado os espanhóis, contra os carros, "que eram todos crivados de furos pelos canhões, ficando como peneiras". E o General replica ainda, porém já como quem está perdendo a paciência: "Mas não é preciso o campo de batalha para o demonstrar. A demonstração tinha sido feita de antemão no polígono. Conhece-se a espessura da blindagem necessária para resistir a tal ou tal projétil atirado em tais e tais condições. Se no campo de batalha um carro e um canhão são colocados nas mesmas condições que no polígono, os mesmos fenomenos se reproduzirão infalivelmente. Mas então não é o carro que é culpado de suas fraquezas; é antes o comando que o engajou em condições em que o fracasso era fatal". Estuda em seguida a doutrina francesa sobre o emprego dos carros, segundo a qual eles devem ser empregados sempre em ligação estreita com a infantaria, e por fim conclue pela impossibilidade de se tirarem, da guerra espanhola, ensinamentos quanto à aviação e engenhos blindados, em razão do emprego defeituoso e circunstancial que lá lhes foi dado. Nisto é também do mesmo parecer o Gen. Weygand, que prefacia o trabalho do Gen. Duval.

A maior deformação no emprego dos carros em campos espanhóis veio, porem, da mingua de artilharia, servindo os carros, muitas vezes,



para supri-la. É um aspecto singular da questão e que não será totalmente destituído de interesse para nós. Na verdade o Gen. Duval considera isso uma regressão, mas seja como for, foi um imperativo. Succederá necessariamente onde se apresentem condições idênticas às que ocorreram na Espanha.

O Gen. Duval, equidistante dos extremistas pró e contra a moto-mecanização, vota que a guerra espanhola não fornece argumento aos campeões destas teorias excessivas. E proclama "a superioridade, ainda em nossa época, da mobilidade sobre a potência, do ataque sobre a defesa", chamando a isto "a desforra do espírito sobre a violência material".

Vê-se como era desfigurada a imagem corrente da guerra civil espanhola. Exagerou-se a sua importância militar, exagerou-se o valor e a extensão das experiências de material lá realizadas, exagerou-se, finalmente, a importância da guerra em si como lição para o futuro. Agora, com o desenvolvimento desta segunda Grande Guerra, veio confirmar-se amplamente tudo isso. E o Gen. Duval teve advertências muito incisivas: "Duas guerras não se parecem jamais, e menos que todas uma guerra civil e uma guerra nacional".

Lembrava que tudo muda desde que mudam os combatentes. Mesmo no tocante a armamento, acha ele que pretender chegar a conclusões definitivas, é expôr-se aos mais graves erros. Nem o engenho é uma constante: depende dos homens que o empregam e das condições em que são empregados.

Pelo meio das páginas do Gen. Duval há umas inocentes observações que, refletidas e examinadas ao tempo em que foram formuladas, teriam evitado muitas surpresas atuais... São às vezes informações assim: "O material de guerra que os russos e franceses forneceram aos governamentais foram bem preciosos; os russos enviaram quadros ainda mais preciosos. A aviação e os carros de combate foram quasi inteiramente russos, material e pessoal". Ou opiniões como esta: "A contribuição do Komintern é mais qualitativa que quantitativa".

E aí estão os singulares acontecimentos da frente oriental.

A edição francesa do livro do Gen. Duval é de 1938. A Biblioteca Militar lançando-o em tradução em fins de 1941 andou, evidentemente, atrasada. Mas providencial atraso que nos faz rever um livro in-



interessante justamente no momento em que podemos constatar que as suas páginas estavam repletas de verdade.

## LIVROS DA GUERRA

PHYLLIS MOIR — **Eu fui Secretária Particular de Churchill** — Ed José Olimpio — 1941.

*Há um violento paradoxo nesta era de coletivismo, de padronização dos homens — é que assistimos, concomitantemente, à afirmação de fortes personalidades.*

O fenómeno poderia ser dado como apenas aparente. No quadro do baixo nivelamento humano alguns, por força, teriam que aparecer e dominar. Mas sucede que as manifestações de valores individuais são universais. Repontam por toda a parte, sob as mais variadas e impressionantes formas. E é ainda o homem, na sua nobre expressão humana, que prevalece.

Refletiamos nesse curioso aspecto da tragédia contemporânea, tendo em mãos um rápido volume em que Phyllis Moir, uma ex-secretaria de Churchill, transmite impressões do Primeiro Ministro da Grã-Bretanha em guerra. Em nenhum instante a autora se dá a crítica ou apologia. Seus capítulos são todos feitos de informações pessoais sobre os hábitos, o carater, a atividade de Churchill. Assim, vêmo-lo ao natural, na plenitude dos seus defeitos e qualidades: o egoísta, que tem a secretária como um adjunto completamente impessoal, uma máquina que não deve ter necessidades pessoais — seja de alimentação, descanso ou recreio”; o grande comodista que entretanto, às 22 horas de um domingo, em Nova York, saboreando um whiskey, enfiado no seu robe de chambre e chinelos, não sabe, entretanto, recusar-se a acompanhar a filha Diana ao casino do hotel; o apressado que corre sempre e sempre se atrasa, que como 2.º Tenente se faz esperar pelo Príncipe de Gales, mas que, quando quer alguma coisa, mesmo sem importância, não há paz em casa enquanto não a consegue”; o inimigo do pomposo e do solene, que “nos Estados Unidos tinha verdadeiras expansões de menino de colégio para todas as modernas invenções americanas que contribuíram para



tomar a vida mais confortável"; o homem honesto, que não recebe presentes "para não ficar preso por favores, reais ou imaginários", que "no dia em que foi escolhido Chanceler do Exchequer" vendeu todos os títulos da Bolsa que possuía, que "quando Ministro do Ar, tendo um carro da Força Aérea à sua disposição, controlava todas as milhas que gastava no seu serviço particular e pagava a gasolina consumida em tais mistéres".

De mil instantaneos assim, é feito o depoimento de Phyllis Moir. Fica-se atordoado com as suas variadas impressões, mas, é certo, este atordoamento vem da própria personalidade de Churchill — irregular, vibrante, complexa, poderosa. Sem que haja no livro a preocupação biográfica chega-se, todavia, à posse de uma forte imagem da aquela vida. "Na sua primeira escola preparatória era punido regularmente e certa feita, num assomo de raiva, deu uns ponta-pés no chapéu do professor fazendo-o em pedaços". "Aos oito anos se tornou diretor e dono de um jornal caracteristicamente intitulado "The Critic", do qual saiu apenas uma edição... Odiava o Latim e o Grego, disciplinas ausentes em Landhurst, de sorte que pôde ser o oitavo em uma turma de cento e cinquenta cadetes, sendo recebido como 2.º Tenente no "4th Hussars". Com pouco misturava as atividades de tenente com as de jornalista... Lutou na Índia e escreveu para o "Daily Telegraph". Fez e narrou a Guerra dos Boers para o "Morning Post". A equitação era o seu esporte preferido. Conta-se que certa feita disputou uma partida de polo com o braço direito na tipóia. Piloto de avião teve vários desastres. Gago, sobretudo quando está excitado, domina o defeito e nunca foi visto gaguejar na tribuna ou no microfone. A guerra não lhe modificou os hábitos. Dorme em algum lugar de Londres, que é segredo do Gabinete, mas às 7,30 da manhã chega em Downing Street n.º 10, desce para o porão reforçado contra ataques aéreos, veste o pijama e volta para a cama. Ingere, então o seu "breakfast", lê os jornais, depois toma da velha pasta e dita a manhã inteira. Às 11,30 vai à reunião do gabinete. Após o almoço dita ainda ou inspeciona. Entra pela noite trabalhando, nunca dorme mais que 7 horas das 24 de cada dia.

Phyllis Moir depõe sobre o assombroso poder de concentração de Mr. Churchill: "Tem a habilidade de dedicar-se inteiramente ao que está fazendo — seja a preparação de um discurso ou uma amistosa partida de gamão — e ficando tão absorto quanto uma criança. No dia em que



Praga foi ocupada pelos nazistas, estava terminando às pressas uma história do povo inglês, de 300 mil palavras. Depois do jantar disse a Randolph: "É difícil desviar a atenção dos acontecimentos de hoje e concentrá-la no reinado de Jaime II — mas tenho que fazer isso. E marchou para seu gabinete, no primeiro andar, e começou a ditar".

Refere ainda Phyllis Moir que Churchill "sente um prazer especial em trabalhar sob pressão", e que "pensamento e ação são nele coisas quasi simultâneas".

É assim o homem que vem conduzindo a Inglaterra nestes dias crueis. Conhecê-lo de perto, como nos proporciona o límpido e sincero depoimento da sua ex-secretária, é compreender imediatamente os impossíveis operados na Inglaterra desde o desastre francês.

As tradições e a psicologia de um povo explicam a sua resistência moral, a sua capacidade de sofrer e lutar, mas para reorganizar sobre os escombros de Dunquerque, com o poderosíssimo inimigo à vista, um novo exército para empreender a tarefa de suplantar uma Luftwaffe despótica, para desenvolver a produção bélica de uma ilha rondada por cardumes de submarinos e castigada por nuvens de bombardeiros, é preciso ser um homem.



### LIVROS RECEBIDOS:

ANIBAL MATOS — **A Raça de Lagoa Santa (Velhos e novos estudos sobre o homem fossil americano)** — Editora Nacional — 1941.

EMIL LUDWIG — **Os Alemães** — Ed. José Olímpio — 1941.

ALEXANDRE MARCONDES FILHO — **Vocações da Unidade** — Ed. José Olímpio — 1941.

PAUL DE KRUIE — **Caçadores de Micróbios** — Ed. José Olímpio — 1941.

CACÍ CORDOVIL — **Ronda de Fogo (contos)** — Ed. José Olímpio — 1941.



## TROFEU SAN MARTIN



A oficialidade do 13.º R. I., tendo à frente o Cel. Tristão de Alencar Araújo, recebe a equipe vencedora que, na Capital da República, cobriu-se de louros na disputa de tão cubiçado troféu.

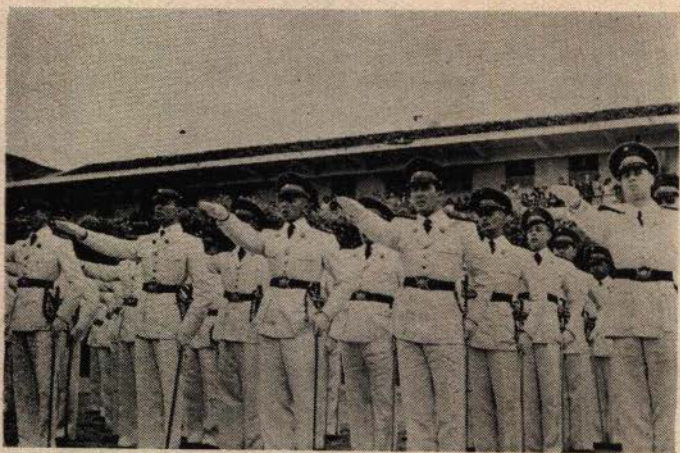




## SANGUE NOVO



Um aspirante recebendo, de sua madrinha,  
a espada.



Os aspirantes da "Turma Guararapes" prestam o solene  
compromisso de honra.



# NOTICIÁRIO & LEGISLAÇÃO

Na solenidade do Dia do Reservista, realizada na Praça da República, as E.I.M. de 1.ª classe prestaram juramento à Bandeira.

Após a cerimonia, o GENERAL HEITOR AUGUSTO BORGES, comandante da Infantaria Divisionária da Vila Militar, convidado pelo Capitão Jansen de Melo, inspetor das E. I. M., para paraninfo da turma, pronunciou o seguinte discurso:

## Esperança dos Povos livres

“Senhores.

Experimento, neste momento, uma grande sensação. De satisfação e orgulho pela honra que me conferis de vós dirigir a palavra na qualidade de paraninfo da turma que hoje passa definitivamente para a grande reserva de energias de que a Patria necessita e está armazenando. De tristeza, por não poder corresponder com o brilhantismo que semelhante solenidade merece.

Com efeito, o desacerto da escolha incidiu num homem que, acostumado a agir no trabalho silencioso de sua profissão, tem ogerisa a discursos. É possível que tal antipatia seja filha de sua pobreza nos domínios da eloquência que nunca cultivou; mas a verdade é que esse homem tem convicção que no Brasil fazem-se discursos de mais e age-se menos.

Formado na escola da ação integral, é sempre com receio que ouço os belos discursos, eloquentes e persuasivos, mas que não conduziram, até hoje, o Brasil ao verdadeiro lugar que lhe compete. Haja visto essa potentosa nação norte americana que tem a mesma idade que a nossa, se nos avanta de modo tal que hoje para ela convergem todas as esperanças dos povos livres, no estabelecimento de um dique que, em definitivo se oponha á sanha que pretensos enviados de Deus vêm desencadeando no mundo revolto e cheio de dor. Lá, ao contrário do que aqui se passa, predominou a ação — a atividade criadora, o trabalho fecundo — desbravador das energias criadoras da Natureza, produzindo a maior nação do mundo dentro de uma atmosfera de liberdade e de tolerância. Aqui, temos feito muito, dadas as possibilidades que se nos antolharam e os imperativos de nossa mentalidade racial. Mas resta muito que fazer!



E não se pode perder tempo com miragens, sonhadoras. Cumpre, a todo preço, restabelecer o equilíbrio se não quisermos perecer como nação.

Não vejais em minhas palavras a atitude de um descrente ou o negativismo de um pessimista que não sou, pois tenho uma fé inabalável no porvir do nosso Brasil, mercê da nova mentalidade de sua juventude, graças á clarividência de seus atuais condutores. O convite mesmo que me fizestes, me absolve de qualquer imputação.

### A VIDA DE PATRIOTA

Acabais de receber o certificado de reservista o que vos integra na grande masa de elementos da Defesa Nacional. É necessário, porém, que os que aqui vos aplaudem não tomem esse documento como um simples diploma para obter emprego ou para ficar quites com o serviço da Pátria, no remanso de uma boa sinecura. Não; verdadeiramente, hoje, é que começais a vida de patriota; hoje é que iniciais o exercício do papel de cidadão. Mais do que nunca, é preciso, agora, trabalhar; trabalhar muito pelo Brasil em qualquer setor em que estiverdes ou fordes chamado a agir. O Brasil imenso, hospitaleiro e cobiçado, é um incentivo permanente ao trabalho, é um convite contínuo à ação. Não basta a intenção, não basta o amor da Pátria, não basta a coragem, não bastam as palavras: é mister agir; é necessário lutar para fazê-lo adquirir uma eficiencia integral em todo seu organismo e estrutura; é preciso emparelha-lo com as nações mais adiantadas para formar o direito da força se a força do direito vier a falhar como tem falhado no decurso dos séculos.

### SEMPRE ALERTA

O trabalho e a educação são as duas vigas mestras sobre que repousam a segurança da Pátria e o engrandecimento da Nação. E hoje que a barreira entre o soldado e o cidadão jaz por terra, e os imperativos da guerra total não respeitam nem classes, nem idades, nem religiões, nem sexos, deveis dedicar toda vossa alma, toda vossa atividade, na medida de vossos meios, ao aperfeiçoamento de vossa mentalidade, de par com o vosso trabalho honesto e produtivo. Não deveis dormir sobre os louros de triunfos obtidos — o mundo não pára — nem vos orgulhar de nossas riquezas inexploradas, mas estareis atentos ao progresso e à evolução para poderdes colaborar com eficiência, a qualquer hora, no desenvolvimento da nacionalidade dentro de um real espírito de construção e na defesa de sua independência e integridade. Ficai de atalaia contra os discursos maviosos que nos conduzem a um pacifismo estéril ou a ideologias estranhas. Permanecei



na estacada contra as crueis colunas, vanguardas da maldade alheia, que nos podem submergir na sangueira, de surpresa!

Sempre alerta contra a inação. Sempre alerta para agir em proveito do Brasil.

### CIDADÃO-SOLDADO

O compromisso perante nossa bandeira constitui um elo inquebrantável que se traduz no vosso ingresso na classe cidadão-soldado. Sem dúvida, para corresponder aos deveres e obrigações que essa investidura requer, é necessário encorajar-se com um alto espírito de sacrifício que pode variar desde a simples renúncia até o estoicismo; é necessário alicerçar-se dentro de uma disciplina que será tanto mais eficiente quanto mais consciente e voluntária; é mister impregnar-se de uma atmosfera de perfeita união e íntima colaboração para atingirmos os objetivos colimados; mas estou certo que o próprio fato que vos trouxe ao Exército, determinado por um ato de volição meditada e aceita, é o penhor seguro do vosso valor cívico em prol de um Brasil cada vez maior.

E a própria data escolhida para essa promessa, sobre ser particularmente feliz, contém em si um ensinamento cívico, uma lição de brasilidade. É ela uma das efemérides mais luminosas do cenário brasileiro e tão em relação com a solenidade que ora aqui se processa, nesta atmosfera de entusiasmo e são patriotismo. É a data, marcada pelos fados com a pedra branca, em que nasceu esse extraordinário poeta-soldado — o Reservista Perpetuo do Brasil — que mais pela projeção agigantada de sua personalidade que, propriamente, pelos seus discursos, pode despertar para a ação os brasileiros adormecidos pelas emanções pútridas de uma politicalha que nos desfibrava a virilidade de povo e de nação.

Cantando a Pátria em prosa e verso, com os estos arrebatadores de sua alma sonhadora, soube conclamar as energias do civismo para um novo despertar de nacionalidade, forjando o sabre rutilante e a escopeta polida e brilhante que conduzis hoje com garbo para poder amanhã brandi-los com denodo e sem temor contra os inimigos da Pátria.

Nesta hora de apreensões para o mundo inteiro, diante do espetáculo grandioso que é esse compromisso da juventude perante o altar da Pátria, sinto-me reconfortado e com o coração pleno de esperanças no futuro do Brasil.

É, pois, com a mais viva satisfação que me congratulo convosco por este marco vencido com galhardia e tenacidade; com o Exército e com o Brasil, por mais este contingente que vem engrossar as forças criadoras da Nação.

Ide cumprir vosso dever, pois o Brasil muito espera de vós."



## PUBLICAÇÕES RECEBIDAS

A DEFESA NACIONAL recebeu no período de 20 de Novembro a 20 de Dezembro de 1941, as seguintes publicações: "Revista Militar", n.º 4, Outubro de 1941, Buenos Aires, Rep. Argentina; "Revista Militar del Peru", n.º 9, Setembro de 1941, Lima, Perú; "Liga Maritima Brasileira", n.º 412, Outubro de 1941, Rio; "Revista da la Escuela Militar", n.º 187, Julho de 1941, Chorillos, Perú; "Novas Diretrizes", n.º 43, Dezembro de 1941, Rio; "Revista Militar", n. 5, 7, 8, 9, Maio a Setembro de 1941, Lisboa, Portugal; "Nação Armada", ns. 23 e 24, Outubro a Novembro de 1941, Rio; "Revista de las Fuerzas Armadas de la Nación", n.º 10, Outubro de 1941, Assunção, Paraguai; "Tradição", Setembro de 1941, Recife, Pernambuco; "Mensário do Clube Policial Militar", n.º 12, Dezembro de 1941, Rio; "Revista Brasileira de Geografia", n.º 3, Julho a Setembro de 1941, Rio; "Revista de Caballeria", n.º 61-62, Setembro e Outubro de 1941, Santiago, Chile; "A Aspiração", n.º 3, Novembro de 1941, Colégio Militar, Rio; "Revista del Suboficial", n.º 273, Novembro de 1941, Buenos Aires, Argentina; "Visão Brasileira", n.º 40, Novembro de 1941, Rio; "Memorial del Ejército del Chile", n.º 176, Outubro de 1941, Chile; "Liga Maritima Brasileira", n.º 413, Novembro de 1941, Rio; "Revista de La Escuela Militar", n.º 188, Agosto de 1941, Chorillos, Perú; "Revista de Educação Física", n.º 50, Dezembro de 1941, Rio.

♦ ♦

**Livros à venda em A DEFESA NACIONAL:**  
 GUERRA DE SECESSÃO (Ten.-Cel. Carnaúba) 5\$000  
 INSTRUÇÃO NA CAVALARIA (Cap. José Horacio Garcia)..... 4\$000

**A Bibliotéca de A DEFESA NACIONAL editará os seguintes livros:**

Em Janeiro: A CARTILHA DA MOCIDADE (Cap. Micaldas Correia).

Em Fevereiro: MEMENTO DO ARTILHEIRO (Cap. Amyr Borges Fortes).

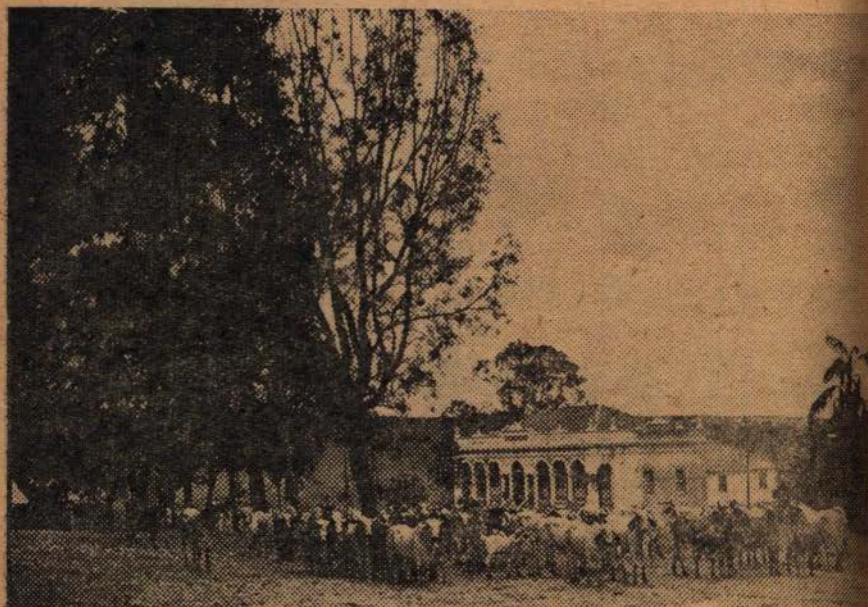




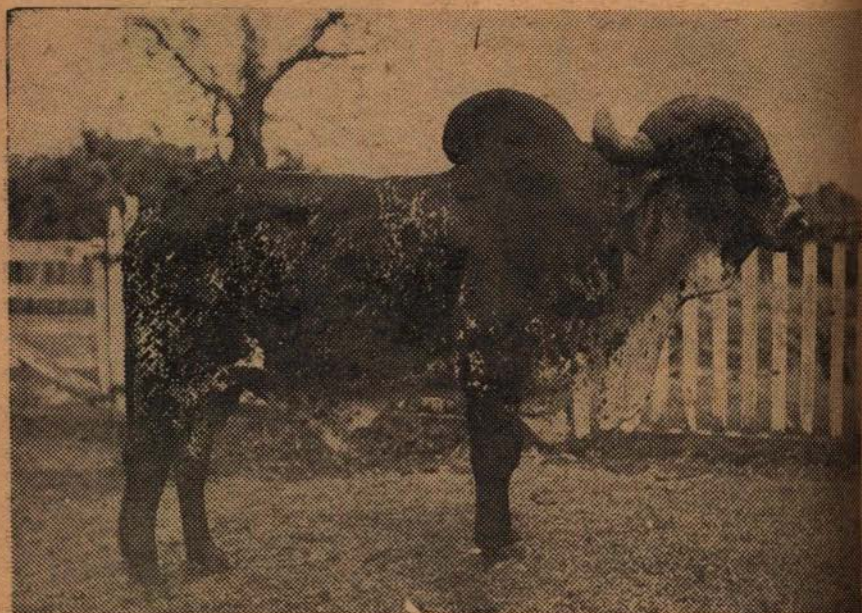


# FAZENDA DO CEDRO

UBERABA — MINAS GERAES



Vista da Fazenda com um conjunto de gado "GYR", propriedade da viúva D. Ibrantina de Oliveira Penna. E' dessa proprietária a afamadíssima marca J. J.



"Turbante" — com 4 anos de idade, produto desta Fazenda; touro puro sangue "GYR", mouro vermelho — J. J.



**ATOS OFICIAIS DO MINISTÉRIO DA GUERRA****No período de 20 de Novembro a 20 de Dezembro de 1941:****AJUDA DE CUSTO (Consulta)**

— O Chefe do Estado Maior da 3.<sup>a</sup> Região Militar, em radiograma n.º 385-S.F., de 9 de outubro último, consulta se o oficial da reserva, de qualquer posto, quando transferido para a sede a que pertence, por necessidade do serviço, em virtude de extinção de órgão ou depósito que chefiava em guarnição diferente à da referida sede, após decurso de dois exercícios, tem direito, também, à meia ajuda de custo correspondente à família, na forma do artigo 97, letra b, do Código de Vencimentos e Vantagens dos Militares do Exército.

Por se tratar de oficial da reserva, aplica-se o disposto no artigo 222 do referido Código; o de n.º 97 só atinge os oficiais da ativa.

(Aviso n.º 3.705, de 13 — D. O. de 16-12-941).

**ASPIRANTES A OFICIAL DA RESERVA (estágio)**

— Os aspirantes a oficial da reserva de 2.<sup>a</sup> classe do Exército poderão fazer estágio somente para ingresso no quadro da arma ou serviço correspondente ao curso que bajam feito nos Centros de Preparação de Oficiais da Reserva.

(Aviso n.º 3.571, de 28-11 — D.O. de 5-12-941).

**ATESTADO DE ORIGEM (Solução de consulta)**

— O Diretor do C. P. O. R. da 1.<sup>a</sup> R. M., em ofício n.º 533, de 10 de junho último, solicita aprovação do ato daquela Diretoria determinando que que fosse lavrado atestado de origem a favor de um aluno do referido Centro, acidentado em serviço e baixado ao H. C. E.

— Em solução, declarou o Snr. Ministro:

a) o aluno do C. P. O. R. não possui qualidade militar com os deveres e obrigações das praças em geral, postas a serviço exclusivo do Estado e sob amparo deste, na conformidade da lei;

b) o tratamento gratuito nos hospitais, quando vítima de acidente na instrução, é direito que assiste ao aluno do referido Centro, nos termos do art. 62, do dec. n.º 2.975, de 27 de junho de 1938, não se inferindo daí direito ao atestado de que se trata, devido exclusivamente aos que possuem as condições expressas nas instruções Reguladoras dos Documentos Sanitários de Origem — (Portaria de 17-11-1933 — B. E. n.º 64, de 20 do mesmo mês e ano).

c) o atestado de origem não é instrumento de baixa ao hospital; é peça essencial no processo em que a parte invoca o amparo do Estado devido por lei. Seria inoperante o documento sanitário na ausência de direito estabelecido, de reforma ou asilamento, a favor do recorrente.

(Aviso n. 3.479, de 254 — D.O. de 27-11-941).

**BATALHÃO ESCOLA (Licenciamento de Praças).**

— Fica adiado até no máximo 1.º de junho de 1942, o licenciamento das praças especialistas e artífices, do Batalhão-Escola, que houverem concluído ou estiverem a concluir o tempo de serviço.

(Aviso n. 3.496, de 26 — D.O. de 28-11-941).

**CANÇÃO DO RESERVISTA (Letra).**

— Aprova a letra e música da "Canção do Reservista".

(Aviso n. 7.692 de 13 — D.O. de 16-12-941).

**CENTRO ESPECIAL DE TRANSMISSÕES (Distintivo).**

— Aprovo o modelo do distintivo para os oficiais com o Curso do Centro Especial de Transmissões, antigo Centro de Instruções de Transmissões, e Centros Regionais de Instrução de Transmissões.

(Aviso n. 3.654, de 10 — D.O. de 12-12-941).



**CENTRO DE INSTRUÇÃO DE DEFESA ANTI-AÉREA (Matriculas).**

— São fixadas as seguintes matrículas nos Cursos do Centro de Instrução de Defesa Anti-Aérea para 1942:

Categoria B: oficiais de artilharia.

— capitães 5; — Primeiros tenentes 5;

Categoria C:

— sargentos e cabos de infantaria 10; — sargentos e cabos de cavalaria 5;

D<sup>1</sup> (telemetria):

— sargentos e cabos de artilharia 15;

D<sup>2</sup> (projetoires e escuta):

— sargentos e cabos de artilharia 40;

D<sup>3</sup> (metralhadoras anti-aéreas):

— sargentos e cabos de artilharia 25.

(Aviso n. 3.755, de 17 — 19-12-941).

**CENTROS DE INSTRUÇÃO MILITAR (Determinação).**

— Para tornar mais eficiente a fiscalização do funcionamento dos Centros de Instrução Militar, tanto no ponto de vista da instrução e da disciplina quanto da observância das disposições que as regem, bem como coibir abusos e irregularidades que a fiscalização deficiente facilita, determino:

I — Nas Regiões Militares em que o número de Centros de Instrução Militar for superior a 20, devem ser postas em execução as disposições do item II das instruções aprovadas pela portaria n. 49, de 29 de março de 1937.

Aos corpos de tropa, em cuja sede existirem Centros de Instrução, será atribuída a fiscalização dos mesmos, entregando-se a dos demais aos inspetores regionais e seus auxiliares, de preferência.

Cada comandante de corpo interessado na fiscalização designará, frequentemente, um oficial de curso para realizá-la, devendo este registrar suas observações nos livros dos Centros de Instrução, além de participá-las, por via hierárquica, ao comandante da Região.

II — Fica proibida a cobrança de taxas ou mensalidades a título de instrução militar, pelos estabelecimentos de ensino ou associações em que funcionem E.I.M., bem como o pagamento de gratificação aos instrutores que exercem o cargo com prejuízo do serviço no Exército.

III — Fica arbitrado em 200\$000 mensais o limite máximo das gratificações que poderão ser pagas aos instrutores que não estiverem proibidos de recebê-las.

IV — Os instrutores dos Centros localizados em cidades onde não existe corpo de tropa não deverão permanecer mais de 3 anos nessa situação e os dos Centros localizados nas capitais ou grandes cidades ficarão sujeitos a rodízio, para que não permaneçam mais de 2 anos num mesmo Centro, competindo aos comandantes de Região promover as substituições necessárias, findo o ano de instrução 1941-1942.

V — A Diretoria de Infantaria elabore, com urgência, para distribuição no início da instrução de 1942, um manual para instrução dos candidatos a reservistas de segunda categoria, ficando proibido aos instrutores adotar ou aconselhar manuais não aprovados pela autoridade competente.

(Aviso n. 3.551, de 1.º — D.O. de 3-12-941).

**CIRCUNSCRIÇÕES DE RECRUTAMENTO (Nomeações).**

— As nomeações de oficiais da reserva para os diversos cargos nas Circunscrições de Recrutamento só poderão recair:

— em coronel ou tenente coronel da reserva de 1.ª classe — para chefe de Circunscrição de Recrutamento;

— em majores ou capitães da reserva de 1.ª classe — para chefes de seção (excluindo a 1.ª Seção);

— em capitães, primeiros e segundos tenentes da reserva de 1.<sup>a</sup> classe e segundos tenentes da 2.<sup>a</sup> procedentes do Exército ativo — para chefes de sub-seção e adjuntos;

— em primeiros e segundos tenentes das reservas de 1.<sup>a</sup> e 2.<sup>a</sup> classes para delegados do serviço de recrutamento.

— As Circunscrições de Recrutamento terão a seguinte lotação em adjuntos:

— 1.<sup>a</sup> e 4.<sup>a</sup> C. R. — 16 adjuntos.

— 2.<sup>a</sup>, 5.<sup>a</sup>, 11.<sup>a</sup>, 12.<sup>a</sup>, 15.<sup>a</sup>, 17.<sup>a</sup> e 21.<sup>a</sup> C. R. — 11 adjuntos.

— 3.<sup>a</sup>, 7.<sup>a</sup>, 19.<sup>a</sup>, 20.<sup>a</sup> e de 23.<sup>a</sup> a 30.<sup>a</sup> C. R. — 5 adjuntos.

— 8.<sup>a</sup> C. R. — 9 adjuntos.

— 9.<sup>a</sup> C. R. — 10 adjuntos.

Para delegados do Serviço de Recrutamento não poderão ser nomeados oficiais de reserva (não convocados) que excedam aos números constantes do seguinte quadro:

Circunscrição de Recrutamento	N. de zonas de recrutamento	N. de oficiais da reserva
1. <sup>a</sup>	16	8
2. <sup>a</sup>	35	8
3. <sup>a</sup>	10	7
4. <sup>a</sup>	28	15
5. <sup>a</sup>	22	10
6. <sup>a</sup>	—	—
7. <sup>a</sup>	18	9
8. <sup>a</sup>	41	9
9. <sup>a</sup>	48	11
10. <sup>a</sup>	—	—
11. <sup>a</sup>	56	20
12. <sup>a</sup>	66	20
13. <sup>a</sup>	—	—
14. <sup>a</sup>	—	—
15. <sup>a</sup>	34	15
16. <sup>a</sup>	21	10
17. <sup>a</sup>	24	12
18. <sup>a</sup>	—	—
19. <sup>a</sup>	8	6
20. <sup>a</sup>	10	7
21. <sup>a</sup>	12	8
22. <sup>a</sup>	—	—
23. <sup>a</sup>	6	5
24. <sup>a</sup>	7	8
25. <sup>a</sup>	16	5
26. <sup>a</sup>	7	5
27. <sup>a</sup>	8	6
28. <sup>a</sup>	8	6
29. <sup>a</sup>	6	5
30. <sup>a</sup>	16	8

As nomeações e exonerações de oficiais da reserva para outros cargos que não os do Serviço de Recrutamento também serão feitas pelo Ministro da Guerra.

As propostas de nomeações, feitas pelos órgãos interessados, serão, antes de ir a despacho do Ministro da Guerra, devidamente informadas pela diretoria de Recrutamento.

(Aviso n. 3.225, de 28-10 — D.O. de 15-12-941).



## **Sociedade Fluminense de Mineração Limitada**

Jazidas próprias de Feldespato, Quartzo de Cristal,  
Mica, Gráfito e Talco.

Endereço Telegráfico: ARIMEX

TELEFONE 43-6737

CAIXA POSTAL, 164

Séde: - RUA DA QUITANDA, 185-6.º andar - Salas 603/605 — RIO DE JANEIRO

## **Grande Fabrica Metalurgica**

ABRAMO EBERLE & CIA.

CAXIAS — RIO GRANDE DO SUL — BRASIL

Agência-RIO DE JANEIRO - Rua da Quitanda n.º 66--Telefo-  
ne 23-2409--Caixa Postal, 69--Filial- SÃO PAULO-R. Floren-  
cio de Abreu, 793 Telefone 4-5791--Caixa Postal, 1282

Agentes com mostruários em todos os Estados do Brasil

## **ROBERT DREIFUS**

Fábrica Mecânica, Metalúrgica, Precisão

Rua da Harmonia, 28

Telefone 43-2632

RIO DE JANEIRO

## **Posto de Serviço Frei Eugenio**

Gazolina — Oleos — Lavagem de carros — Lubrificação — Vul-  
canização de Camaras — Agua Distilada — Ar — Tudo o neces-  
sário para a perfeita conservação de automoveis e caminhões

Rua Tristão de Castro — Esquina da Praça Frei Eugenio — Tele-  
fone 1-276 — UBERABA — E. de Minas

**CLASSIFICAÇÃO DE DESPESAS — (Consulta)**

— O Comandante do 2.º Regimento de Cavalaria Divisionária consulta a quem compete fazer a classificação da despesa nas folhas de vencimentos.

Em solução declara o sr. Ministro, para publicação em Boletim do Exército, que por analogia ao estabelecido na alínea c, do § 4.º do art. 67, do Regulamento de Administração do Exército, a classificação da despesa nas folhas de vencimentos compete:

a) as confeccionadas na tesouraria — ao tesoureiro;

b) as confeccionadas nas sub-unidades — aos respectivos comandantes.

(Aviso n.º 3.466, de 24 — D. O. de 26-11-941).

**CODIGO DE VENCIMENTOS E VANTAGENS DOS MILITARES (alteração)**

— Ao artigo 126 do decreto-lei n.º 2.186, de 13 de maio de 1940, é acrescentada a seguinte alínea:

c) os oficiais pilotos, auxiliares técnicos, topógrafos e demais dos Destacamentos Especiais, quando em trabalhos de campo, a vantagem é igual à prevista na letra b deste artigo.

(Decreto-Lei n. 3.842, de 20 — D.O. de 22-11-941).

**CODIGO DE VENCIMENTOS E VANTAGENS (Contagem de prazo)**

— A contagem dos prazos de 24 e 42 meses, referidos nos §§ 1.º e 2.º do do artigo 97 do Código de Vencimentos e Vantagens dos Militares do Exército, alterado pelo decreto-lei número 3.136, de 24 de março do corrente ano, deve ser feita tendo em vista as datas dos dois últimos desligamentos que tenham dado motivo a ajuda de custo.

Os adiamentos irregulares de desligamento, bem assim as prorrogações e excessos de trânsito ou outras dispensas de serviço, posteriores ao desligamento e anteriores à apresentação à unidade de destino não são computadas nesse cálculo.

(Aviso n. 3.609, de 6 — D.O. de 9-12-941).

**COMISSÕES DE EFICIÊNCIA (Extinção)**

— Ficam extintas as Comissões de Eficiência dos Ministérios da Guerra e da Marinha.

(Decreto-lei n. 3.838, de 19 — D. O. de 21-11-941)

**COMPANHIA DE GUARDA DO Q. G. DO M. G. (distintivo)**

— As praças pertencentes aos diversos Contingentes que compõem o efetivo não orgânico da Companhia de Guarda do Quartel General do Ministério da Guerra, devem usar, independente do de sua arma de origem, o distintivo aprovado pelo Aviso n. 4.435, de 5 de dezembro de 1940.

(Aviso n. 3.653, de 10 — D. O. de 12-12-941).

**CURSOS REGIONAIS DE APERFEIÇOAMENTO (Instruções)**

— Continuam em vigor em 1942 as Instruções para os Cursos Regionais de Aperfeiçoamento de Sargentos publicadas no Boletim do Exército n. 48, de 30 de novembro de 1940.

Os sargentos da 9.ª Região Militar farão o curso no C. P. O. R. de Campo Grande.

(Aviso n. 3.652, de 10 — D. O. de 12-12-941).

**DIARIAS (Comissões)**

Tendo em vista a natureza especial dos serviços afetos à Comissão Construtora e Instaladora do Polígono de Tiro da Marambaia e ao oficial encarregado das obras do Forte de Coimbra, que exigem continuados trabalhos de campo, com dificuldades de comunicação entre os diversos canteiros, os quais se assemelham aos referidos na letra b do art. 126 do Código de Vencimentos e Vantagens dos Militares do Exército, são arbitradas, de acordo com o art. 120 do mesmo Código aos oficiais que servem na referida Comissão e ao encarregado das obras do Forte de Coimbra, as seguintes diárias "pró-labore", cons-



tante da tabela E do Código, sem limite do número de dias e a partir de 1 de novembro do corrente ano: Oficiais superiores, 40\$000; Capitães, 35\$000; Subalternos, 30\$000.

— As diárias em apreço serão pagas pela Caixa de Diárias da Diretoria de Engenharia, com os recursos recolhidos à mesma Caixa e correspondentes à parcela de Administração dos orçamentos acima referidos.

— As referidas diárias não poderão ser acumuladas com quaisquer outras só devendo ser abonadas nos dias de efetiva permanência dos oficiais nos canteiros de trabalho.

(Aviso n. 3.440, de 19 — D. O. de 21-11-941).

#### DIARISTAS (solução de consulta).

— O Chefe interino do Estabelecimento de Subsistência da 3.<sup>a</sup> Região Militar, em Ofício n. 203-ES-1, de 4 de setembro último, consulta:

1.<sup>o</sup> — se pode um diarista baixar ao Hospital Militar;

2.<sup>o</sup> — se lhe assiste direito à percepção de diária integral durante o tempo em que estiver afastado do serviço por motivo de acidente;

3.<sup>o</sup> — se a despesa de hospitalização deve correr por conta do Estado.

Em solução declara o Sr. Ministro:

a) que o diarista pago pela verba orçamentaria ou pelas economias administrativas das unidades, nos termos do decreto-lei n. 3.490, de 12 de agosto de 1941, não tem direito à licença para tratamento de saúde, não podendo, pois, baixar aos hospitais militares quando acometidos de doença comum;

b) que, quando vítimas de acidentes em serviço, podem ser internados nos hospitais militares, por conta do Estado ou da unidade administrativa, devendo, nesse caso, ser observado o disposto nos artigos ns. 27, 28 e 31 do decreto n. 24.637, de 10 de julho de 1934.

(Aviso n. 3.480, de 25 — D. O. de 27-11-941).

#### ENGAJAMENTO E REENGAJAMENTO (Solução de consulta)

— O chefe de Estado Maior da 3.<sup>a</sup> Região Militar, em radio n. 3.318 Al, de 21 de outubro último, consulta se os soldados músicos estão compreendidos, por efeito de engajamento e reengajamento, na percentagem de 30% destinada a especialista, de que trata o aviso n. 3.042 — Quad. 56, de 9 do mesmo mês e ano.

Em solução, declara o Sr. Ministro que os músicos, clarins, corneteiros e ferreadores devem ser excluídos do cômputo das percentagens daquele aviso, pelas mesmas razões que determinaram o de n. 1.823 — Eng. 8, de 16 de maio do ano anterior.

(Aviso n.º 3.463, de 24 — D. O. de 26-11-941).

#### ENGAJAMENTOS E REENGAJAMENTOS (Legalidade).

— Os comandantes de corpos e autoridades com idênticas atribuições devem considerar legal a permanência dos sargentos, cabos e músicos, a quem antes de 1 de janeiro de 1941 foram concedidos engajamentos ou reengajamentos, sem coincidência da terminação de um tempo de serviço e início de outro.

— Essa atribuição será exercida uma vez verificada a efetiva prestação do serviço no referido intervalo de tempo e o preenchimento das condições que então regulavam os engajamentos e reengajamentos.

— A solução dos casos de que trata o item I será dada, detalhadamente, em Boletim Interno, cuja cópia autenticada será enviada à Diretoria da Armada ou Serviço.

(Aviso n. 3.620, de 8 — D. O. de 10-12-941).

#### ENSINO MILITAR — (Redução de cursos)

— De acordo com a autorização contida no artigo 54 da Lei do Ensino (decreto-lei n. 1.735, de 3-XI-39) são reduzidos para seis meses (1 de fevereiro a 31 de junho) os cursos abaixo mencionados:

Escola das Armas;



Escola de Educação Física;

Escola de Artilharia de Costa;

Escola de Transmissões;

Centro de Instrução de Moto-Mecanização terá o ano letivo normal mas com início também a 1 de fevereiro.

As Diretorias de Armas tomem as providências necessárias para que os alunos se apresentem na época aprazada.

A Inspeção de Ensino providenciará para que os programas se desenvolvam de acordo com as reduções feitas.

(Aviso n. 3.751, de 17 — D. O. de 19-12-941).

#### ESCOLA DAS ARMAS (Matrícula)

— Autoriza a matrícula de três capitães da Força Pública de São Paulo, no Curso de Aperfeiçoamento da Escola das Armas, em 1942.

(Aviso n.º 3.430, de 20 — D. O. de 22-11-941).

#### ESCOLA DAS ARMAS (Transferência de matrícula)

— Os oficiais indicados para fazer o curso da Escola das Armas e que obtiverem transferência de matrícula, não devem ser designados para cursos de especialização pois ficariam inibidos de cumprir o disposto no art. 50 da Lei do Ensino.

(Aviso n.º 3.581, de 28-11 — D. O. de 5-12-941).

#### ESCOLA DE ARTILHARIA DE COSTA (Cat. B)

— O Curso de aperfeiçoamento, categoria B, da Escola de Artilharia de Costa, não funcionará em 1942.

(Aviso n.º 3.729, de 17 — D. O. de 18-12-941).

#### ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA (matrícula)

— São fixadas as seguintes matrículas nos Cursos da Escola de Educação Física do Exército em 1942:

Curso de Instrutor de Educação Física:

Curso do Exército — Curso de Infantaria, 8; Curso de Cavalaria, 5; Curso de Artilharia, 5; Curso de Engenharia, 3; Oficiais das Forças Aéreas, 5; Oficiais da Marinha, 5; Oficiais das Polícias Militares e Corpos de Bombeiros, 15; Soma, 46.

Curso de Mestre D'Armas — Oficiais do Exército, 5; Oficiais das Forças Aéreas, 1; Oficiais da Marinha, 1; Oficiais das Polícias Militares e Corpos de Bombeiros, 3. Soma, 10.

Curso de Medicina Especializada — Oficiais médicos do Exército, 6; Oficiais médicos das Forças Aéreas, 2; Oficiais médicos da Marinha, 2; Oficiais médicos das Polícias Militares e Corpos de Bombeiros, 8. Soma, 18. Total dos alunos oficiais, 74.

Curso de Monitor de Educação Física — Sargentos e Cabos do Exército: De Infantaria, 30; De Cavalaria, 15; De Artilharia, 10; De Engenharia, 5; Sargentos e Cabos das Forças Aéreas, 10; Sargentos e Cabos da Marinha, 10; Sargentos e Cabos das Polícias Militares e Corpos de Bombeiros, 30. Soma, 110.

(Aviso n. 3.480, de 25 — D. O. de 27-11-941).

#### ESCOLAS PREPARATORIAS DE CADETES (Ano de tolerância)

— Os alunos matriculados nas Escolas Preparatórias de Cadetes, no 3.º ano, na forma do art. 227, do decreto n.º 5.366, de 26 de março de 1940, não têm direito ao ano de tolerância o qual é concedido apenas aos que fazem o curso normal dessas Escolas.

(Aviso n. 3.585, de 28-11 — D. O. de 5-12-941).

#### ESCOLA TÉCNICA DO EXÉRCITO (Matrícula)

São fixadas as seguintes matrículas nos Cursos da Escola Técnica do Exército em 1942. Eletricidade e Transmissões: Oficiais da ativa (art. 84 do Regu-



**Caixotaria Brasil Ltda.**



**RUA GENERAL CAMARA 313**  
**Rio de Janeiro**

Srs. Oficiais! Ide viajar?  
Procurai a "Caixotaria Brasil"  
Trabalha 90 % para militares  
Centenas de atestados.  
Engradamento de moveis, cristais, louças etc.  
Encarrega-se de embarque e despacho  
Orçamento sem compromisso

**Rua General Camara, 313**  
**Fone 43-4339**

**AO PREÇO FIXO**

**SAYAN IRMÃOS**

ARTIGOS PARA HOMENS  
ALFAIATARIA PROPRIA

**UBERLANDIA - MINAS**

**SANTOS & CIA.**

Estabelecimento de vendas FORD

AV. AFONSO PENA N.ºs 716 e 724 — Caixa Postal 149

Telefone, 83-End. Teleg.: "SANTOS"-UBERLANDIA-MINAS

**Livros à venda na Bibliotéca da A Defesa Nacional**

História Militar do Brasil — Gustavo Barroso . . . . .	13\$000
Índios do Brasil — Ten.-Cel. Lima Figuerêdo . . . . .	13\$000
Indicador Paranhos até 1935 . . . . .	13\$000
Indicador Paranhos até 1935 . . . . .	13\$000
Invasão e Tomada das Ilhas Bálticas . . . . .	5\$000
Impressão (de Estágio no Exército Francês — Cel J. B. Magalhães . . . . .	3\$000
Instrução na Cavalaria — Cap. Mena Barreto . . . . .	11\$000
Instrução da Observação nos Corpos de Tropa — Major Armando Batista Gonçalves . . . . .	9\$000
Limites do Brasil — Ten.-Cel. Lima Figuerêdo . . . . .	11\$000
Leis gerais da Língua Portuguesa — Ten.-Cel. Altamirano Nunes Pereira . . . . .	6\$500
Legiões Aladas — Italo Balbo . . . . .	16\$000
Lei do ensino militar . . . . .	17\$500
Lições de Topometria e Agrimensura — Cel. Arthur Paulino . .	17\$000



amento da E. T. E.), 7; Civis (art. 84 do Regulamento da E. T. E.) 5; total, 12.

(Aviso n. 3.500, de 26 — D. O. de 28-11-941).

#### ESTATUTO DOS MILITARES (Aprova)

— O Diário Oficial de 29-11-941, publica na integra o Decreto-Lei n. 3.864, de 24-11-941, que aprova o Estatuto dos Militares de terra, mar e ar.

#### FERIAS (Declaração)

Declara para os devidos fins, que para a concessão de férias deve ser observado o que prescrevem o Regulamento Interno e dos Serviços Gerais em seus art. 322 e 330 e Lei de Movimento de Quadros, arts. 22 e 24.

As férias já concedidas em desacordo com o prescrito acima devem ser objeto de revisão.

Outrossim, já tendo o Aviso n. 3.749, de 4 de outubro de 1940, surtido todos seus efeitos, fica o mesmo, nesta data, revogado.

(Aviso n.º 3.490, de 26 — D. O. de 28-11-941)

#### FERIAS — (Recomendação).

Aproximando-se o período de férias regulamentares que acarretam acúmulo de funções para os quadros em exercício (prontos), e considerando que, neste período, como na fase que ora atravessamos, bem maior é o volume de encargos e obrigações decorrentes de maiores necessidades do Exército impondo o desdobramento dos quadros da ativa, é recomendada a máxima restrição nos afastamentos de oficiais das respectivas funções nos corpos, repartições e estabelecimentos, afastamentos geralmente provocados, por necessidade de segunda ordem, consideradas adíaveis em face dos interesses preponderantes dos próprios cargos e funções normais.

(Nota n.º 828, de 21 — D. O. de 24-11-941).

#### FUNCIONARIO PUBLICO (Estabilidade)

— A estabilidade dos funcionários públicos nos cargos que ocupam não obrigará a União a tolerar a sua permanência desde que sejam faltosos, ineptos ou incapazes, como esclarece o § 1.º do artigo 192 do decreto-lei n.º 1.713, de 28 de outubro de 1939.

Determina o referido decreto-lei:

a) a instauração de processo administrativo sempre que a autoridade tenha ciência de irregularidades no serviço (art. 248);

b) que, quando ao funcionário se imputar crime, praticado na esfera administrativa, ou não, a autoridade que determinar a instauração de processo administrativo providenciará para que se instaure simultaneamente o inquérito policial (art. 258);

c) que a aposentadoria ou a disponibilidade do funcionário seja cassada, por decreto, se ficar provado que praticou os atos mencionados nos incisos do art. 245.

E' doutrina já firmada no moderno direito administrativo que, mesmo sendo absolvido do crime que lhe tenha sido atribuído, o funcionário poderá ser demitido do cargo que ora ocupa, por não convir à administração sua permanência no serviço, o que se enquadra logicamente na hipótese prevista no § 1.º do artigo 192 do decreto-lei número 1.713 citado.

Assim, o processo administrativo independe do inquérito policial ou do inquérito policial militar, usado neste Ministério.

Para integral cumprimento das disposições contidas no decreto-lei acima mencionado, determino que os chefes e diretores de repartições e unidades administrativas deste Ministério onde existam funcionários civis tomem as seguintes providências:

a) instauração de processo administrativo para apurar faltas graves ou crimes de funcionários, independentemente de inquérito policial, civil ou militar;



amento da E. T. E.), 7; Civis (art. 84 do Regulamento da E. T. E.) 5; total, 12.

(Aviso n. 3.500, de 26 — D. O. de 28-11-941).

#### ESTATUTO DOS MILITARES (Aprova)

— O Diário Oficial de 29-11-941, publica na íntegra o Decreto-Lei n. 3.864, de 24-11-941, que aprova o Estatuto dos Militares de terra, mar e ar.

#### FÉRIAS (Declaração)

Declara para os devidos fins, que para a concessão de férias deve ser observado o que prescrevem o Regulamento Interno e dos Serviços Gerais em seus art. 322 e 330 e Lei de Movimento de Quadros, arts. 22 e 24.

As férias já concedidas em desacordo com o prescrito acima devem ser objeto de revisão.

Outrossim, já tendo o Aviso n. 3.749, de 4 de outubro de 1940, surtido todos seus efeitos, fica o mesmo, nesta data, revogado.

(Aviso n.º 3.490, de 26 — D. O. de 28-11-941)

#### FÉRIAS — (Recomendação).

Aproximando-se o período de férias regulamentares que acarretam acúmulo de funções para os quadros em exercício (prontos), e considerando que, neste período, como na fase que ora atravessamos, bem maior é o volume de encargos e obrigações decorrentes de maiores necessidades do Exército impondo o desdobramento dos quadros da ativa, é recomendada a máxima restrição nos afastamentos de oficiais das respectivas funções nos corpos, repartições e estabelecimentos, afastamentos geralmente provocados, por necessidade de segunda ordem, consideradas adíaveis em face dos interesses preponderantes dos próprios cargos e funções normais.

(Nota n.º 828, de 21 — D. O. de 24-11-941).

#### FUNCIONARIO PUBLICO (Estabilidade)

— A estabilidade dos funcionários públicos nos cargos que ocupam não obrigará a União a tolerar a sua permanência desde que sejam faltosos, ineptos ou incapazes, como esclarece o § 1.º do artigo 192 do decreto-lei n.º 1/713, de 28 de outubro de 1939.

Determina o referido decreto-lei:

a) a instauração de processo administrativo sempre que a autoridade tenha ciência de irregularidades no serviço (art. 248);

b) que, quando ao funcionário se imputar crime, praticado na esfera administrativa, ou não, a autoridade que determinar a instauração de processo administrativo providenciará para que se instaure simultaneamente o inquérito policial (art. 258);

c) que a aposentadoria ou a disponibilidade do funcionário seja cassada, por decreto, se ficar provado que praticou os atos mencionados nos incisos do art. 245.

E' doutrina já firmada no moderno direito administrativo que, mesmo sendo absolvido do crime que lhe tenha sido atribuído, o funcionário poderá ser demitido do cargo que ora ocupa, por não convir à administração sua permanência no serviço, o que se enquadra logicamente na hipótese prevista no § 1.º do artigo 192 do decreto-lei número 1.713 citado.

Assim, o processo administrativo independe do inquérito policial ou do inquérito policial militar, usado neste Ministério.

Para integral cumprimento das disposições contidas no decreto-lei acima mencionado, determino que os chefes e diretores de repartições e unidades administrativas deste Ministério onde existam funcionários civis tomem as seguintes providências:

a) instauração de processo administrativo para apurar faltas graves ou crimes de funcionários, independentemente de inquérito policial, civil ou militar;



- b) comunicação imediata do fato à Secretaria Geral, para seu conhecimento e devidas anotações;
  - c) ultimado o processo administrativo, deverá ser feita a sua remessa à Secretaria Geral deste Ministério;
  - d) quando houver processo-crime na Justiça Militar ou civil, oriundo de inquérito policial, a repartição onde servia o funcionário deve acompanhar o feito até final sentença, de cujo desfecho dará imediato conhecimento à Secretaria Geral;
  - e) o mesmo procedimento deve ser observado com relação ao funcionário aposentado ou em disponibilidade quando tenha incidido nos casos previstos no artigo 245 do Estatuto. Ocorrendo essa hipótese, a comunicação à Secretaria Geral, da condenação ou da absolvição passadas em julgado, compete às Auditorias Militares por onde tenha corrido o respectivo processo. As comissões de processo administrativo devem ser constituídas de acordo com o decreto-lei n. 3.330, de 5 de junho de 1941, publicado no Diário Oficial de 7 do mesmo mês.
- (Aviso n. 3.690, de 13 — D. O. de 16-12-941).

#### INATIVIDADE DOS MILITARES DO EXÉRCITO (Regula)

— O Diário Oficial de 18-12-941, publica na íntegra o Decreto-Lei n. 3.940, de 18-12-941, que regula a inatividade dos militares do Exército (licença, agregação, transferência para a reserva, reforma e demissão).

#### MONTEPIO (Solução de consulta)

— O chefe do Serviço de Fundos da 9.<sup>a</sup> Região Militar declara haver dúvidas quanto ao modo de proceder ao desconto para o montepio dos oficiais da reserva ou reformados, porque o decreto n. 3.695, de 6 de fevereiro de 1939, manda que dita contribuição seja correspondente a um dia de soldo percebido na inatividade, enquanto que o decreto-lei n. 2.186, de 13 de maio de 1940, já não divide os vencimentos da inatividade em soldo e quotas, mas os reparte em tantas vigésimas partes dos vencimentos do posto quanto forem os anos de serviço.

Em solução declarou o Snr. Ministro, para publicação em Boletim do Exército:

- a) a contribuição para o montepio militar dos oficiais com menos de 40 anos de serviço, transferidos para a reserva ou reformados, de acordo com as vantagens do decreto-lei n. 2.186, de 13 de maio de 1940 (código de vencimentos e vantagens dos militares do Exército), será igual a um dia do soldo do seu posto (Aviso n. 1.785 — Mont. 2, de 15 de maio de 1940 e art. 2.<sup>o</sup> do decreto n. 3.695, de 6 de fevereiro de 1939);
- b) a contribuição para o montepio dos oficiais transferidos para a reserva ou reformados de acordo com a legislação anterior ao decreto-lei n. 2.186 citado, será sempre igual a um dia do soldo integral da tabela vigente na época em que os militares passaram para a inatividade (Aviso n. 1.785 citado e art. n. 3.695, referido);
- c) a contribuição para o montepio dos oficiais transferidos para a reserva ou reformados pela legislação anterior ao decreto-lei servirá será igual a um dia do soldo do posto imediato, conforme apostila feita em sua patent (parágrafo único do art. 32, do decreto-lei n. 197, de 22 de janeiro de 1938) (Aviso n. 3.464, de 24 — D.O. de 26-11-941).

#### MOTO-MECANIZAÇÃO (Notação musical).

— Aprovo a notação musical de toque de corneta para Moto-Mecanização de autoria do cabo clarim motociclista Geraldo Romeu Arcebispo. (Aviso n. 3.593, de 6 — D.O. de 9-12-941).



**MUSEU DO MINISTÉRIO DA GUERRA (Instruções).**

— Aprova as Instruções para a organização e funcionamento do Museu do Ministério da Guerra.

(Aviso n. 3.773, de 8 — D.O. de 20-12-941).

**MUSICOS (Reengajamento).**

— Em data de 23 de setembro último o comandante do 32.<sup>o</sup> B. C. consulta como proceder com referência ao reengajamento de soldados músicos que tocam instrumentos que pela organização atual das bandas de Batalhões de Caçadores não comportam classe superior; existente, aliás, em bandas de unidades superiores em efetivo.

Em solução declaro:

1 — que para fins de reengajamento, o requisito de estar a praça apta ao acesso à graduação ou classe superior, desde que a função ou especialidade admita esse acesso, deve ser apreciado dentro do Exército e não apenas no âmbito da unidade em que esteja servindo a mesma praça;

2 — que os músicos para satisfazerem a condição de aptos ao acesso à classe superior, para fins de reengajamento, só devem ser examinados respeito dessa aptidão quando tocarem instrumentos para os quais exista, dentro do Exército, acesso de classe.

(Aviso n. 3.497, de 26 — D.O. de 28-11-941).

**OFICIAIS DA RESERVA (Convocados).**

— Os Oficiais da Reserva de 2.<sup>a</sup> classe e de 2.<sup>a</sup> linha convocados para o serviço ativo, no corrente ano, deverão ser licenciados, pelos comandantes de corpo de tropa e diretores de estabelecimento, no dia 31 de dezembro próximo.

Não estão compreendidos nessa determinação os oficiais da mencionada Classe e Linha que foram mandados servir na 7.<sup>a</sup> Região Militar, os quais continuarão em serviço, até ulterior deliberação.

(Aviso n. 3.499, de 26 — D. O. de 28-11-941).

**PARQUE DE MOTO-MECANIZAÇÃO (Criação)**

— É organizado, para instalação, a partir de 1 de janeiro de 1942, o Parque de Moto-Mecanização da 7.<sup>a</sup> Região Militar, com sede em Recife.

(Dec.-lei n. 3.933, de 12 — D. O. de 15-17-941).

**PASSAGENS (Requisição)**

— As requisições de passagens e de transporte de bagagem, via marítima, devem, doravante, ser dirigidas à empresa de navegação que assegure o transporte em data mais próxima, de maneira a ser obtido o máximo de economia de tempo no movimento do pessoal (oficiais e praças).

Ficam sem efeito os avisos anteriores que estabelecem outras modalidades de restrições a respeito.

(Aviso 3.655, de 10 — D. O. de 12-12-941)

— Tendo em vista o estabelecido no decreto n. 3.306, de 24 de maio de 1941, ficam definitivamente suspensas, a partir de janeiro de 1942, as requisições de assinaturas mensais de que trata o Aviso n.º 2.940 — Pass. 3, de 31 de julho de 1940.

(Aviso n.º 3.659, de 10 — D. O. de 12-12-941).

**QUADRO DO SERVIÇO DE IDENTIFICAÇÃO (Distintivo)**

— O distintivo aprovado por Aviso n.º 1.215 — Dist. 1, de 28 de abril do corrente ano, para o Quadro do Serviço de Identificação do Exército e não como se fez constar no mesmo aviso.

Os identificadores de corpos de tropa poderão, no entanto, usá-los, em face do que dispõe o parágrafo único do art. 60, do Regulamento para o Serviço de identificação do Exército.

(Aviso n. 3.656, de 10 — D. O. de 12-12-941).



# **FORNOS:** METALURGIA CERAMICA LABORATORIO

**PROJETO E EXECUÇÃO  
POR PROFISSIONAIS**



**ARCO CALEFAÇÃO INDUSTRIAL**  
**R DA ALEGRIA 584 - TEL 28-8390**

## **CÊRABÔA**

A única perfumada em todo o Brasil

Uma lata equivale a duas das cêras comuns

**Produtos Chimicos Atlantica Limitada**

**Rua Cezario Machado, 17 - Piedade - Fone 29-9164**

## **A SUBURBANA**

**FABRICA DE MOVEIS**

**AMERICO DA SILVA FLORINDO**

**Avenida Suburbana, 7702**

**Fones: 29-2450 e 29-5389 - Rio de Janeiro**

**Telefone 42-0219**

### **CASA RIALTO**

**End. Tel. "RIALTO"**

**COMERCIO DE PEIXE EM GERAL**

**AGOSTINHO, PRIMO & CIA. LTDA.**

**EXPORTADORES**

**RUA XI NS. 82 A 86 - CAIS DEL VECCHIO, 217 A 221**

**Mercado Municipal**

**Rio de Janeiro**



# REGULAMENTO PARA OS EXERCÍCIOS E O COMBATE DA CAVALARIA

— (Aprova)

— Fica aprovado o Regulamento n.º 9, para os Exercícios e o Combate de Cavalaria — 2.ª Parte — Principios de Emprego da Cavalaria.

(Decreto n.º 8.446, de 19 — D. O. de 20-12-941).

# REGULAMENTO DO SERVIÇO MILITAR (Alteração)

— Ficam revogadas as disposições do decreto n.º 15.934, de 22 de janeiro de 1923 (Regulamento do Serviço Militar), das quais decorra a obrigação para as Juntas de Alistamento Militar e Capitâneas dos Portos de notificar, por escrito, os cidadãos alistados e sorteados convocados.

— O contingente da primeira chamada será formado pelos sorteados que tenham obtido o número um até ao número igual ao triplo de conscritos a fornecer, ficando assim modificada a primeira parte do artigo 103 do citado Regulamento.

(Decreto-lei n.º 8.405, de 17 — D. O. de 19-12-941).

# REPRESENTAÇÃO PESSOAL (quantitativo)

— E' fixado em três quartos de mês de vencimentos a importância destinada à representação de caráter pessoal do adido militar à Embaixada do Brasil no Equador.

(Aviso n.º 3.610, de 6 — D. O. de 9-12-931).

# SARGENTO AJUDANTE (promoção).

— As Diretorias de Armas e Serviços ficam autorizadas a preencher as vagas de sargento ajudante provenientes do quadro de efetivos de 1942.

Devem ser levados em conta os excedentes e só devem ser promovidos os primeiros sargentos que se acharem prontos ou fazendo algum curso.

(Aviso n.º 3.728, de 17 — D. O. de 18-12-941).

# SUB-TENENTES E SARGENTOS (Transferência)

— Ficam proibidas as transferências de Sub-Tenentes, de Sargentos e graduados, mesmo por conta própria, salvo o caso de "excedente", e para preenchimento de vaga aberta, na mesma graduação no corpo de destino.

(Aviso n.º 3.582, de 28-11 — D.O. de 5-12-441).

# TERMO DE ABERTURA E EXAME (Modelo)

— Aprova o modelo do termo de abertura e exame de material, que passará a denominar-se "Termo de recebimento, abertura e exame do material".

(Aviso n.º 3.644, de 8 — D. O. de 10-12-941).

# UNIDADES QUADROS (funcionamento)

— Autoriza o funcionamento das seguintes Unidades Quadros:

Infantaria: 2 Cias. no 4.º R. I. — 1 Cia. no III/4.º R. I. — 1 Cia. no 4.º B. C. — 1 Cia. no 6.º R. I. — Artilharia: 1 Bia. no 2.º G. A. Do. — 1 Bia. no 6.º G. A. Do. — 1 Bia. no I/2.º R. A. Ae. — Cavalaria: 1 Pel. no IV/2.º R. C. D.

(Aviso n.º 3.581, de 11 — D. O. de 13-12-941).

# Theophilo da Fonseca e Silva

Grande Fabrica de Cigarros "PACHOLA"

UBERABA

MINAS

**BOMBAS  
HYDRAULICAS**

**BERNET** TURBO-BOMBAS  
SILENCIOSAS



As suas vantagens sãõ as BOMBAS "QUADRADO" de 1/2" a 1" com motor diesel, a gasolina, óleo Diesel, ou com folia - Um tipo especial para "alta carga" - Bombas ejetoras para POÇOS TUBIAIS PROFUNDOS - ESTREITOS

**E. BERNET & IRMÃO**  
FABRICA DE BOMBAS  
DEPOSITO: RIO DE JANEIRO FONE 28-4516

# E. Bernet & Irmão

Fabrica e Deposito:

Rua do Matoso, 60/61

Fone: 28-4516

**RIO DE JANEIRO**

**Vidraçaria Progresso**

**MIGUEL DUOBLES**

Uberlandia -- Avenida Affonso Penna, 481 -- Fone, 261 -- Minas

**Si sêr útil ao proximo é sê-lo a si mesmo...**

Encaminhai, pois, á A.S.F. Ltda., os que necessitarem de seus serviços • A QUALQUER HORA DO DIA OU DA NOITE • TELEFONES, 22-2620 - 22-7150 • PRAÇA DA REPUBLICA, 91-Loja

**A Renovadora Mecânica de Joaquim Antonio Cardoso**

Máquinas para Marcenarias e Carpintarias

Av. Francisco Bicalho, 387-A - Ponte dos Marinheiros - Tel. 43-1185 - R

**Mármore e Granitos — Bellarmino E Carlos**

352-Praia de S. Cristovão-354 — Telefone 28-2326 — RIO



Redação e Administração:  
**QUARTEL GENERAL DO EXÉRCITO**  
Rio de Janeiro — Telefone: 43-0563

## EXPEDIENTE

Diariamente das 14 às 18 horas.  
O Gerente é encontrado diariamente das 14 às 17 horas.

## SECÇÃO DE INFORMAÇÕES

"A Defesa Nacional" mantém uma secção de informações destinada a atender aos Snrs. Socios e Assinantes que servem fóra da guarnição Rio-de-Janeiro.

- Fornecer-lhes todas as informações solicitadas sobre interesses civis ou militares.
- Fazer, mediante encomenda, a aquisição de objetos na praça Rio-de-Janeiro.

## SECÇÃO DE PUBLICIDADE

Diretor: Cel. Orozimbo Martins Pereira

Diariamente — das 9 às 12 horas e das 14 às 16 horas.

## CORRESPONDENCIA

Tôda a correspondência relativa à Gerência deve ser remetida para Caixa Postal 32, Ministério da Guerra. As colaborações deverão ser encaminhadas ao Ten.-Cel. Lima Figueirêdo, Caixa Postal, Ministério da Guerra, ou Escola de Educação Física do Exército, Barra do Rio de Janeiro, Urca.

## PREÇOS

ais e sub-tenentes .....	{	ano .....	30\$000
		semestre .....	15\$000
ntos.....	{	ano .....	25\$000
		semestre .....	14\$000

Os assinantes avulsos, caso desejem que a revista siga registrada, assinantes do estrangeiro, devem pagar mais 2\$400 por semestre.

Os oficiais que desejarem ser socios de "A Defesa Nacional", devem pagar uma joia de 50\$000 de uma só vez ou em diferentes prestações durante um ano comercial.

Colaboram neste número:

Cel. Henrique B. D. Teixeira Lott

Ten.-Cel. Alcindo Nunes Pereira

Ten.-Cel. Armando Pereira de Vasconcellos

Ten.-Cel. Nilo Guerreiro

Ten.-Cel. R. Seidl

Maj. Adalberto Pereira dos Santos

Cap. Candal Fonseca

Cap. Antônio H. A. Moraes

Cap. Lindolpho Ferraz Filho

Cap. José Campos de Aragão

1.º Ten. Umberto Peregrino

Dr. Daniker

Vitor José Lima



Defesa Nacional

4\$900